

FK

**NERUDA
E O
ALBATROZ
ASSASSINADO**

**A
FALÊNCIA
DO
ENSINO**

**ÁFRICA,
3º MUNDO E
A BATALHA
DO FUTURO**

**debate/cinema
ROSEMBERG:
TESTAMENTO
DOS 30 ANOS**

CRÍTICA

FUNDO CEMAP
FA 12/690

CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS. *Literatura Filósofos*

Ano 2/Nº 60

29/9 a 5 de outubro de 1975

Cr\$ 4,00

OPOSIÇÃO:



A LUTA

CONTINUA

Depois da tanga, Ipanema anuncia a sua próxima atração.



Milena Comunicação



O Everest Rio Hotel é a nova moda que Ipanema lançou para você usar de inverno a verão. Cada um de seus 176 apartamentos tem ar condicionado, mini-bar, telefone, televisor e música ambiente. A piscina e o "Garden Bar" estão na cobertura, para você apreciar uma das mais belas vistas de que se tem notícia: a praia de Ipanema de corpo inteiro, o Leblon, a Lagoa e o Corcovado.

O restante "La Casserole" e o coffee shop "La Crema" são duas outras atrações tentadoras. O Everest tem ainda serviço de sauna, fisioterapia, ducha e massagem, dois salões sob medida para festas e reuniões e tudo o que você pode esperar de um hotel de nível internacional. Na sua próxima vinda ao Rio venha conhecer o Everest. Um hotel à altura das boas coisas de Ipanema.

everest rio hotel

O hotel com o charme de Ipanema.
Rua Prudente de Moraes, 1117 - Tel. 287-8282 - Ipanema - Rio de Janeiro

JÁ INAUGURADO
A mais nova opção em Hotel

CARTAS

Defesa da democracia

Estamos sensibilizados com a atenção que nos vem dispensando através da oportunidade que nos tem proporcionado, desde que passamos a ler o jornal Crítica, que muito tem favorecido nossa causa, dando uma idéia mais ampla do que vem ocorrendo com relação aos diretórios e finalmente servindo muito mais para nos atualizarmos com as inovações que vem sofrendo dentro de uma sistemática que garante cada vez mais o fortalecimento da nossa democracia. Nós daqui, nos congratulamos com os correligionários de todo o Brasil, a fim de continuarmos cada vez mais fortes e, procurarmos evitar qualquer tipo de discrepância, no sentido de defendermos a nossa democracia sem trepidar, especialmente com aqueles que lutam para dar ênfase a seu ideal político e por um amor nacional.

Francisco Lufs de Sousa
Presidente da Executiva
Municipal do MDB
Amarante - Piauí

Candidato a Moçambique

Sou estudante de jornalismo e tenho, devido à minha ascendência negra, especial interesse a tudo que diz respeito à África. Com grande satisfação, tomei conhecimento do artigo sobre a independência de Moçambique publicado no número 49 e assinado por Márcia Rodrigues. Cheguei a invejar a participação da referida jornalista naquela heróica comemoração. Gostaria de conhecer o jornalismo que se faz por lá e também fazer contatos com estudantes. Será que posso contar com a colaboração da Márcia.

José Carlos de Andrade
São Paulo - SP

(Sua carta foi encaminhada à nossa correspondente na Europa)

CRÍTICA

DIRETOR
GERARDO MELLO MOURÃO

DIRETOR-SUPERINTENDENTE
Erivan França

ADMINISTRAÇÃO
Gerente Administrativo
T. C. Santos

PAGINAÇÃO
Marjão José da Silva

CAPA: Wagner
PUBLICIDADE
Av. Rio Branco, 156 - 12º and.
sala 1222, tel. 242-7395

ASSINATURAS
- Brasil: um ano Cr\$ 200,00
6 meses Cr\$ 100,00
- Exterior: um ano US\$ 50,00
6 meses US\$ 30,00

● Artigos assinados são da responsabilidade de seus autores.
● A redação não se responsabiliza por manuscritos que lhe sejam enviados.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Arca Editora e Gráfica S. A.
Rua Equador, 702, Rio (RJ)
Telefone: 223-1715

DISTRIBUIÇÃO:
Abril S/A - Cultural e Industrial
Rua Emílio Geckler, 545/747
São Paulo - SP

CRÍTICA

É propriedade da Editora Crítica Ltda.
Av. Rio Branco, 156, 12º andar,
sala 1222, telefone 242-7395

hotel Lorena

- 50 APARTAMENTOS
- AR CONDICIONADO
- TELEFONES EM TODOS OS APARTAMENTOS
- PISCINA
- TV OPCIONAL
- COFFEE SHOP
- RESTAURANTE
- ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

Jardim Itacema - Lote 27 - Piatã
(Junto à Churrascaria Alex)

Reservas: Telefone 8-9139
Salvador - Bahia - Brasil

BRAGA'S

cabeleireiro para homens



O Braga's foi pioneiro no Brasil e continua na liderança, com o mais completo salão de estética masculina. Uma equipe de profissionais composta de cabeleireiros, esteticistas e calistas, está à disposição do homem moderno no centro do Rio de Janeiro. Do tratamento dos cabelos à limpeza de pele, o Braga's cria um novo homem.

BRAGA'S O PONTO DE ENCONTRO DA ELEGÂNCIA MASCULINA

Avenida Rio Branco, 156 - S/ loja 240 e 246 - Ed. Av. Central.
Telefone: 231-0490 - Rio de Janeiro/RJ

○ MDB E ○ PODER

OS RESPONSÁVEIS, no governo e na oposição, pelo comando dos destinos do país, acabam de oferecer, nas convenções nacionais realizadas em Brasília, um inequívoco testemunho de salubridade política. É certo que o ponto alto dos encontros partidários foi a convenção do MDB, marcada pela vivacidade da disputa interna, até porque a agremiação presidida pelo deputado Ulisses Guimarães se define, no processo nacional, como uma legenda de **oposições coligadas**. Foi esta, de resto, a designação reiteradamente usada pelo orador oficial da convenção, deputado Carlos Santos que, ao longo de seu lúcido discurso, só se referiu aos representantes de partido como "companheiros das oposições coligadas".

O MDB, na verdade, depois de tantos anos de luta, cristaliza sua verdadeira imagem e seu papel histórico, consagrando-se como o instrumento das oposições democráticas que se mobilizam e se consolidam para a restauração da normalidade política. Esta normalidade, que não é apenas um devaneio de bacharéis em torno de fórmulas jurídicas, como pode parecer aos tecnocratas e aos janízaros do estado forte, mas a soma de princípios que, só eles, conseguem alicerçar uma sociedade digna, uma forma de governo respeitável, em que a liberdade produz a segurança civil e econômica de todo o povo. Pois fora do estado de direito, nem as entidades de classe podem reivindicar salários mais justos, nem uma simples dona-de-casa pode reclamar contra o custo de vida que estrangula a sobrevivência de sua família, nem os governantes podem valer-se da fiscalização de um parlamento independente e de uma imprensa sem censura para conhecer as misérias da incompetência e da corrupção porventura instaladas nos escalões secundários.

GRAÇAS a Deus, parece que depois de tantos passos de caranguejô, a própria Arena deu alguns passos à frente em sua convenção. A começar pela declaração de seu jovem secretário-geral, deputado Nelson Marchesan, que anunciou o propósito de retirar o partido governista das cafuas da extrema direita em que o pretenderam situar todo os esquarte mariz, para colocá-lo numa posição de centro-esquerda. E mais: os representantes governistas aprovaram moções no sentido de garantir o direito de greve e as eleições diretas.

Resta a esperança de que essas boas intenções não fiquem apenas no papel – esperança robustecida pelo aval superior do próprio presidente da República que, em seu discurso aos convencionais, assumiu um compromisso expresso com o calendário eleitoral de 1976 e 1978, datas em que o MDB disputará a maioria de votos nas eleições municipais e estaduais. É de esperar que os

atuais delegados do poder central nos Estados não interpretem as corretas colocações do presidente Geisel como um estímulo às pressões eleitorais ilícitas.

Mas se a convenção da Arena sugere os pequenos otimismo de que anda tão necessitada nossa democracia em estado de fossa, o ponto alto dos encontros de Brasília foi ainda a convenção do MDB que, como assinalou em seu histórico pronunciamento o presidente Ulisses Guimarães, "é o front de coragem e liberdade onde se entricheiram homens e mulheres que lutam pela democracia no Brasil". É nesse front que as oposições coligadas do país vão travar, já no próximo ano, através das eleições municipais, a batalha pela reforma das estruturas sociais e administrativas, pervertidas pela centralização tecnocrática, que subordina aos onipotentes burocratas de Brasília até a solução de um problema de bairro na prefeitura de Bodocó.

FOI, assim, oportuna e adequada a advertência do presidente do MDB, quando anunciou que o partido se lançará na campanha pela emancipação dos municípios, conjugando-a, como bandeira, ao lançamento, em 1976, de candidatos a prefeitos e vereadores em todas as comunas do Brasil, convocando, ao mesmo tempo, os senadores e deputados federais e estaduais a que ofereçam seus nomes prestigiosos para esse pleito, que será a plataforma para a conquista dos governos estaduais em 1978. E mais: anunciando que "o presidente do Diretório Nacional, os líderes, os parlamentares comparecerão a concentrações regionais, em fraterna cadeia de solidariedade, apoiando, motivando e amparando nossos correligionários".

Sem ódio e sem medo, como na bela consigna eleitoral do senador Marcos Freire, o MDB, de um pugilo de poucos que era ontem, transformou-se num poderoso instrumento da vontade popular, que já não sucumbirá nem mesmo às manobras e aos expedientes da formação de novos partidos para dividir e fragmentar o povo. Podem – talvez até devam – fundar novos partidos. Mas para isso não contarão com os quadros e as bases das oposições coligadas, que coligadas permanecerão até o dia em que o país alcance a meta da restauração democrática e do reencontro de suas instituições com as liberdades políticas. Pois, como proclamou o presidente Ulisses Guimarães, nossa luta continua. E continua, porque "caldeados na pugna e retemperados nas provações e nas vitórias, somos o exército do povo, defensores de sua sobrevivência, depositários de suas esperanças, baluarte de suas reivindicações, guardiães de suas liberdades e de seus direitos, em marcha batida e triunfal para a conquista legal e pacífica do poder".



UNIÃO NA DEFESA DAS INSTITUIÇÕES



Thales Ramalho

A VI Convenção Nacional do MDB constituiu-se num espetáculo democrático da maior significação para o povo brasileiro. No reencontro de suas lideranças com as bases populares que tornaram a frente política plenamente vitoriosa nas eleições de novembro de 1974, ficou sedimentada a unidade partidária para a próxima etapa da luta da oposição: a mobilização geral em torno do lançamento de candidatos a prefeitos e vereadores em todos os municípios brasileiros.



Paulo Brossard

pelo reconhecimento da decisão do I Encontro Nacional da Juventude do MDB, realizado em Porto Alegre no período de 1º a 3 de agosto de 1975, no sentido de que se estruture o setor estudantil e jovem nacional, uma vez que é necessária a sua organização deste em todos Estados da federação, bem como a designação de uma comissão provisória nacional, composta de um representante de cada Estado, com participação no referido encontro, ou seja, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe e Mato Grosso. A comissão deverá apresentar ao Diretório Nacional do MDB, no prazo de 180 dias, a proposta de anteprojeto de estatuto no Setor Estudantil e Jovem do MDB.

As divergências e os debates que antecederam a reunião, entre as várias correntes de pensamento que compõem a oposição nacional, ao contrário do que os adversários do MDB procuram insinuar, terminaram por revitalizar e mais conscientizar o partido de suas responsabilidades com o compromisso histórico de restauração das franquias democráticas, desenvolvimento nacional, melhor distribuição da riqueza, justiça social etc.

Realizada num clima de liberdade de ação partidária e sob o respeito das decisões majoritárias, princípios dos quais não abre mão o MDB, a convenção foi o marco que, sob a conquista de novembro, deu início à jornada para o pleito municipal do ano que vem. Os oradores se sucederam na tribuna, no

debate amplo dos mais variados e amplos problemas que dizem respeito não só à vida partidária, bem como aos interesses nacionais.

Reformulando os estatutos, criando o Instituto Pedroso Horta, de estudos políticos, sociais e econômicos, para assessorar o partido desde as bases municipais até os mais altos órgãos de direção, reafirmando os compromissos com os anseios populares, o MDB e suas lideranças, na direção nacional e na Executiva, sob o comando de Ulisses Guimarães e Teles Ramalho, mostraram-se identificados com as aspirações nacionais na caminhada ingente da oposição que não abre mão do dever de fidelidade à democracia brasileira.

Compareceram a Brasília 408 conven-

cionais, que começaram a votar pela manhã (domingo, dia 21 de setembro) para a escolha do novo Diretório Nacional e acabaram às 16 horas. Um pouco mais tarde era eleita a Comissão Executiva, para a qual foram reconduzidos o presidente Ulisses Guimarães e o secretário geral Thales Ramalho. Seus demais novos membros são os seguintes: senador Paulo Brossard, 1º vice-presidente; senador Roberto Saturnino, 2º vice-presidente; deputado Tancredo Neves, 3º vice-presidente; senador Lázaro Barbosa, 1º secretário; deputado Aldo Fagundes, 2º secretário; senador Mauro Benedito, 1º tesoureiro; e deputado Joel Ferreira, 2º tesoureiro.

Ala jovem

Com a assinatura de vários convencionais, também foi aprovado requerimento

A LUTA E O APOIO DE CRÍTICA

Na ocasião em que o Movimento Democrático Brasileiro realiza sua 6ª Convenção Nacional, requeiro à mesa diretora de seus trabalhos, seja aprovado um voto de solidariedade e aplauso ao semanário Crítica, dirigido pelo escritor Gerardo Melo Mourão, cuja bravura e lucidez têm dado inestimável suporte à luta do partido pela restauração do estado de direito e pela defesa das causas nacionalistas.

A delegação gaúcha propôs a realização de uma convenção nacional extraordinária, que foi defendida em plenário pelo deputado estadual Carlos Augusto. O documento da seção do Rio Grande do Sul, com outras sugestões, é do seguinte teor:

A delegação do Movimento Democrático Brasileiro do Rio Grande do Sul à Convenção Nacional, ao fim subscrita, vem respeitosamente requerer ao ilustre presidente da oposição brasileira seja levada à votação pela Convenção Nacional do MDB as seguintes proposições:

1. Seja designada uma data para a realização de uma CONVENÇÃO NACIONAL EXTRAORDINÁRIA do Movimento Democrático Brasileiro, para o debate de problemas partidários, entre os quais:

- atualização do programa do partido, e a sua popularização, com vistas a alcançar a grande maioria do povo brasileiro;
- estudo e fixação de uma estratégia de ação do MDB em face dos grandes problemas nacionais, nas áreas institucional, constitucional, social e econômica;
- reunião urgente das Direções Regionais do partido com a Executiva Nacional;
- atualização e reforma do Estatuto do MDB;
- solicitação de sugestões às lideranças nacionais e regionais, senadores.

Seção gaúcha sugere uma convenção extraordinária

deputados federais e estaduais, membros de Executivas Regionais, para apreciação, estudo, deliberação na Convenção Nacional Extraordinária, sempre dentro da temática de atualização e dinamização do programa partidário.

2. Sejam determinados estudos imediatos com vistas à análise de outras sugestões contidas no documento que segue anexo - O MDB APROXIMANDO O FUTURO - que prevê critérios



Pedro Simam

diversos para atingir todo o povo brasileiro, através de uma linguagem unificada em todo o território nacional, partindo da experiência de 1974. Essas sugestões, juntamente com aquelas colhidas de todas as lideranças nacionais, regionais, parlamentares, deverão ser apreciadas, também, pela Convenção Nacional Extraordinária.

3. Requer, ainda, que a Convenção Nacional aprecie a idéia da instituição de uma entidade - fundação ou instituto - de cunho eminentemente político-partidário, que operaria a nível nacional como uma universidade de ciência política, e que se ramificaria pelos Estados brasileiros por intermédio do Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES), experiência já consagrada em Estados da federação.

4. A formação, também em nível nacional, dos organismos de apoio partidário previstos no Estatuto, existentes já em quase todas as regiões e, no caso do Rio Grande do Sul, em grande número de municípios, quais sejam: o Setor Jovem, o Setor Feminino, o Setor Trabalhista e o próprio IEPES. A Direção partidária gaúcha, à

guisa de depoimento, afirma o espetacular sucesso dessa iniciativa, que ao mesmo tempo em que descentraliza a atividade partidária, desenvolve o surgimento de novas lideranças, assim como permite que as idéias oposicionistas penetrem em todas as áreas político-partidárias, e, a partir daí, em todas as camadas da população.

Diante do exposto, requer a Delegação do Rio Grande do Sul sejam colocadas em votação as proposições acima, pela Convenção Nacional, com a certeza de que a tomada dessas providências implicará, a curto prazo, no engrandecimento do Partido, da sua unificação, no aperfeiçoamento das instituições a partir da agremiação partidária de Oposição, e na absorção, pelo eleitorado brasileiro, do programa partidário, sem o que será difícil a consolidação do MDB como autêntico partido político.

Expressa ainda a Delegação firmataria a necessidade de adotarem-se medidas de atualização, a fim de que a Oposição esteja sempre munida de meios legais para enfrentar seus adversários políticos, a agremiação situacionista e seu mantenedor, o Governo Federal, nas batalhas em busca do poder. Tais meios, conforme expressa o Documento do MDB do Rio Grande do Sul, propiciarão a que a Oposição utilize as alternativas que vem propondo sistematicamente ao modelo sócio-econômico e institucional brasileiro.



NOSSA LUTA CONTINUA

Discurso pronunciado pelo
deputado Ulisses Guimarães, encerrando a
VI Convenção Nacional do MDB

Serão poucas as palavras. Pensei preferi-las de improviso. O melhor discurso, porque testemunha a unidade de nosso partido, quando face a seus compromissos essenciais, é a realização desta convenção no preciso dia assinado pelo calendário eleitoral. Para cumprimento desse dever de pontualidade, engajei todas minhas forças e horas do dia e da noite, tomando a decisão extrema, que a nação conhece, de não disputar posto de comando partidário em data extemporânea, no que tive a solidariedade de Thales Ramalho, o grande e fiel companheiro.

Por igual, o encontro nacional da oposição hoje se efetua pelos esforços dos líderes Franco Montoro e Laerte Vieira, nomes inscritos na crônica política do país, da Comissão Executiva, de senadores, deputados e destacados correligionários, que escreveram nobilitante página de compreensão e de renúncia.

O Movimento Democrático Brasileiro é o "front" de coragem e liberdade onde se entrincheiram homens e mulheres que lutam pela democracia no Brasil.

Discordâncias e divergências certificam a estrutura livre do Movimento Democrático Brasileiro, cujas decisões nascem do consenso independente e às vezes laboriosamente gerado, não de unidades pré-fabricadas e impostas, pois afinal este é verdadeiramente um partido, não resignado cortejo de sacristias para dizer amém e incensar turbulos.

As divergências não podem, contudo, comprometer o convívio que os opositores não de manter, sob pena de perjúrio, ao compromisso fundamental de restauração da democracia no país.

As eleições de 15 de Novembro de 1974 e a tempestividade desta convenção certificam que no Movimento Democrático Brasileiro as discrepâncias na realidade forjam unidade sincera, motivadora e consciente.

O Movimento Democrático Brasileiro vence hoje mais uma etapa em sua sacrificada e fascinante existência. Instrumento fundido em meio às adversidades e sofrimentos de nosso povo, éramos de início um agrupamento de poucos, bravos e destemerosos correligionários, para nos transformarmos, com o tempo e por honrarmos nossos ideais, na poderosa trincheira onde se encontram, sem ódio mas também sem medo, multidões de patriotas, que proclamam, respeitam e lutam pelos valo-

res eternos e imprescritíveis da dignidade da pessoa humana. Ontem, éramos uma reduzida falange de cidadãos determinados e intemeratos, que o poder ignorava, subestimava e marginalizava. Hoje, caldeados na pugna e retemperados nas provações e nas vitórias, somos o exército do povo, defensores de sua sobrevivência, depositários de suas esperanças, baluarte de suas reivindicações, guardiães de suas liberdades e de seus direitos, em marcha batida e triunfal para a conquista legal e pacífica do poder.

Não nos iludamos, porém, quanto aos obstáculos que ainda iremos encontrar emboscados em nossa caminhada, que antevemos áspera e penosa, mas não nos deixaremos intimidar pelos que, entranhados no poder, com a alquimia eleitoral, com ameaças, perseguições e sequestros, como os que vêm de ocorrer no Paraná, com o abastardamento da administração em cabos partidários ou sua desonra pela corrupção, impõem um Estado policial contra o povo, quando o povo é a origem, a sustentação, a segurança e o fim do Estado democrático.

Agora acenam com novos partidos e reformas eleitorais como panacéias exorcistas, para anestesiar e confundir a opinião política do país, com a desmoralizada manobra de prometer os fins e negar os meios.

Se querem verdadeiros partidos e verdadeiro sistema eleitoral queiram primeiro verdadeira democracia. A contaminação da normalidade democrática contagia e enferma seus órgãos e instrumentos, como o parlamento, o judiciário, a imprensa, a universidade, os partidos, os sindicatos.

Recusada a proposta, contemporânea da fundação do Movimento Democrático Brasileiro, consistente na pronta devolução ao povo do direito de autodeterminar-se politicamente, a oposição conclama o governo e a Arena para, unidos vencerem de imediato duas decisivas etapas de emancipação popular, envolvendo reforma da carta constitucional vigente.

Sem justiça certa, célere, barata, igual para todos, não há estado de direito.

A impunidade é o celeiro do crime e é estarecedora a demora e perplexidade da administração ante esta sim, grande subversão da ordem e da segurança dos cidadãos, calamitosamente denunciada por milhares de sentenças condenatórias não executadas, somente nos

Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, por carência de prisões e pela repugnante extorsão da liberdade negociada, transviadas conselheiras de assaltos, roubos, assassinatos, estupros.

O Movimento Democrático Brasileiro é voz de um povo com a sobrevivência atingida pela falta de pão e segurança, clamando pelo urgente aparelhamento do poder judiciário.

Outra etapa é reforma de base, revolucionária pela estrutura social e não pela força. Será reconhecer, na Constituição, categoria política, administrativa e financeira aos municípios, com autonomia sem discriminação, a começar pelas capitais, descentralização e suficiência financeira.

O município deve ser o fato gerador original da dinâmica política, social e econômica. O municipalismo é a participação dos cidadãos na solução dos problemas do lugar onde moram e trabalham, é a prevalência da qualidade da vida sobre o produto interno bruto dos tecnocratas, é a eliminação de distâncias e instâncias administrativas longínquas, lerdas e indiferentes, sem o premente interesse dos usuários.

O poder local é o pré-requisito do poder nacional e internacional da Alemanha Ocidental e recentemente sondagem pela Sofres, na França, revela que a regionalização é reclamada por 65% da população para solucionar os problemas da construção de estradas, habitação, seleção na implantação de indústrias para proteger o meio ambiente e o verde social, edificação e manutenção de hospitais.

O Movimento Democrático Brasileiro se lançará na campanha pela emancipação dos municípios, conjugando-a, como bandeira, ao lançamento, em 1976, de candidatos a prefeitos e vereadores em todas as comunas do Brasil.

Senadores, deputados federais e estaduais devem oferecer seus nomes prestigiosos para esse pleito, que será a plataforma para a conquista dos governos estaduais em 1978.

O presidente do Diretório Nacional, os líderes, os parlamentares comparecerão a concentrações regionais, em fraterna cadeia de solidariedade, apoiando, motivando e amparando nossos correligionários.

Do alto desta convenção, mais uma vez manifesto ao governo profunda preocupação com a progressiva deterioração das condições de vida do povo

brasileiro, que, estarecido, assiste à constante ampliação da área da subnutrição e da miséria, com salários ao nível da esqualidez. O terrível endividamento nacional, a diminuição de reservas acumuladas com o suor e o sacrifício do povo, o alarmante "deficit" das balanças de comércio e de pagamento, a erosão da moeda e a queda do produto nacional interno alimentam voraz processo inflacionário, que desespera as classes menos favorecidas e causa apreensões às mais afortunadas.

O Movimento Democrático Brasileiro se associa à homenagem que o mundo civilizado tributa à mulher, heróica anônima na luta desigual contra a escalada dos preços e da desaceleração das remunerações, expressão intolerável de injusta e cruel distribuição de rendas. Reitera o repúdio a todas as formas de violência, que, direta ou indiretamente, ponham em risco a liberdade e a democracia, incompatíveis com a subversão e a opressão. A incolumidade dos direitos e garantias da pessoa humana é dogma partidário, que o Movimento Democrático Brasileiro não abjurará, mesmo acossado pela força e pelo terror. Pensamento livre, imprensa livre, escola, sindicatos, associações e igrejas livres, justiça independente e parlamento sem tutela, são conquistas fundamentais das nações que não renunciaram à dignidade e à honra como estilo de vida. A anistia abrirá para a família brasileira as portas da paz e da reconciliação.

Aos integrantes do Diretório Nacional e da Comissão Executiva, que terminam seus mandatos, o reconhecimento partidário por haver correspondido à confiança depositada. E aos destemidos companheiros que acorreram a esta convenção, personagens da resistência que a história imortalizará, agradeço a mercê da recondução ao posto de comando, que não avalio pela honraria que significa, mas pelo desafio que impõe.

Eis o que a escassez de tempo e as atribulações do espírito me permitiram escrever. Aos nossos companheiros para que se entusiasmem e aos inimigos da democracia para que saibam, termino com o grito de guerra, repetido pelos cartazes desta convenção: **Nossa Luta Continua.**

Projeto para o Brasil

O deputado Humberto Lucena teve aceito pela convenção sua proposta de um Projeto para o Brasil, que foi encaminhada ao Instituto Pedrosa Horta. É a seguinte a sua íntegra:

A 6ª Convenção Nacional do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), considerando que o MDB, após a extraordinária vitória nas eleições majoritárias de 1974, teve a sua responsabilidade acrescida, perante a opinião pública, devendo preparar-se, com mais competência, para os novos pleitos eleitorais, a fim de inspirar maior confiança a todos os brasileiros;

considerando que ainda persiste, em determinadas áreas de nossa sociedade, uma certa desconfiança com relação ao MDB, sob o pretexto, inclusive, de que somos um partido de linha saudosista que adota um programa de caráter estaticista e de índole nacionalista, com conotações xenófobas;

considerando que o nosso partido não tem qualquer compromisso com o passado, pois o seu programa está voltado para o presente e o futuro do Brasil;

considerando que, de acordo com a tendência do mundo moderno, o que pregamos é a participação do Estado no plano econômico, em defesa do bem comum, sem prejuízo da empresa privada;

considerando que, no que tange ao capital estrangeiro, não temos preconceitos e o que desejamos é um maior controle de sua entrada, aplicação e saída, através de normas acauteladoras dos interesses nacionais, as quais deveriam constituir um Estatuto do Capital Estrangeiro;

considerando que além do programa que exprime as tendências ideológicas do partido e do plano de ação política que constitui a sua estratégia, devemos nos preocupar com a apresentação de um Projeto para o Brasil;

considerando que esse projeto substanciaria o enfoque operacional das linhas gerais do nosso programa partidário, no âmbito político-administrativo; considerando a conveniência de um

estudo técnico de maior profundidade, do ponto de vista estrutural e conjuntural da realidade brasileira, setorial e globalmente, nos planos regional e nacional;

considerando a necessidade inadiável de oferecer à nação as nossas alternativas para a solução dos problemas brasileiros, no campo político-institucional, propriamente dito, e no campo econômico-social;

considerando, afinal, que esse projeto para o Brasil balizaria a atuação do partido dentro e fora das duas casas do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras Municipais,

RESOLVE:

1. Instituir um grupo de trabalho, composto de onze (11) membros, para elaborar o Projeto do MDB para o Brasil.

1.1 - O grupo de trabalho será integrado por membros do Diretório Nacional e das bancadas federais no Senado e

na Câmara, indicados pela Comissão Executiva.

1.2 - O grupo de trabalho poderá contratar, à conta dos recursos do fundo partidário, assessoria técnica especializada de alto nível para a elaboração do projeto.

1.3 - É fixado o prazo de cento e vinte (120) dias, prorrogável a critério da Comissão Executiva Nacional, para o cumprimento da tarefa ora estabelecida.

2. O Projeto do MDB para o Brasil terá dois aspectos: o modelo político-institucional, a ser objetivado através de uma Proposta Global de Emenda à Constituição Federal; o modelo econômico-social e cultural.

3. Elaborado o projeto, o grupo de trabalho apresentá-lo-á à Comissão Executiva Nacional para ser submetido à deliberação do Diretório Nacional.

4. Aprovado o projeto, o MDB programará a realização de seminários a nível nacional e regional, para o seu amplo debate com todas as áreas representativas da opinião pública.

CONCLUIMOS nosso artigo da última semana observando que, por ser a cidade a história da cidade, às grandes épocas da história deverão corresponder diferentes tipos de cidade, em cuja forma deverá refletir-se a estrutura econômica, social, política e religiosa das comunidades humanas que as edificaram. Haverá, portanto, se nos limitarmos à história do Ocidente, uma cidade antiga, grega e romana, uma cidade feudal e medieval, e uma cidade moderna, burguesa e capitalista, que deverá ser substituída pela cidade socialista.

Embora a cidade antiga, grega e romana, fosse politeísta, e a cidade medieval monoteísta, tanto uma quanto outra se configurava materialmente em função de crenças e valores religiosos. Como observa Fustel de Coulanges, em seu livro clássico sobre o assunto, a fundação da cidade era um ato religioso e a religião presidia a toda a vida da cidade, às cerimônias da paz e às solenidades da guerra. Não apenas nos lares ardia o fogo sagrado, mas também nos edifícios públicos destinados ao culto, onde a população periodicamente se reunia para o sacrifício e a oração aos deuses. Eram os deuses que decidiam, das colheitas e dos rebanhos, da caça e da pesca, dos nascimentos, dos casamentos e das mortes, do êxito dos empreendimentos pacíficos e da sorte das batalhas. E porque a religião era cívica e a cidade religiosa, todos comungavam nas mesmas crenças, que determinavam não só os ritos da vida pública e oficial, mas também os pormenores da vida doméstica, profissional e quotidiana. Os deuses não eram entidades remotas e distantes, invisíveis e problemáticas, mas entidades próximas e familiares, concebidas à imagem e semelhança dos homens, de cuja vida participavam e na qual interferiam constantemente.

Cívica e religiosa, a cidade se configurava materialmente de acordo com a religião de seus habitantes, motivo pelo qual os seus principais edifícios, mais imponentes, majestosos e ricos, eram os destinados ao culto, os templos religiosos, e os palácios, sede do poder político ou residência dos reis e imperadores. E, como os reis e imperadores eram divinos e os deuses imperavam, os edifícios, que por suas proporções monumentais dominavam a cidade eram sempre os templos e os palácios do governo. A rigor, os templos tinham a primazia, pois os reis e imperadores exerciam o poder, enquanto delegados e representantes dos deuses imortais, detentores do poder absoluto. A cidade se articulava e dispunha, portanto, em função dos prédios nos quais se abrigavam o poder espiritual e o poder temporal, que se confundiam, aliás, em um só poder, pois a distinção, a ruptura, entre os dois poderes, o de César e o de Deus, só ocorreria mais tarde, em consequência do cristianismo.

O QUE nos interessa salientar, de modo especial, é que a estrutura física da cidade antiga, a sua causa formal, como diria Aristóteles, estava em função de sua causa final, a felicidade humana, que implicava no exercício da virtude e no culto dos deuses da cidade. Em sua estrutura material, a cidade não era um aglomerado caótico de casas e edifícios, de ruas e de praças, mas um conjunto ordenado, cujas ruas confluíam para as praças principais, onde se erguiam os grandes edifícios destinados ao culto religioso e ao exercício do poder político. Atenas era dominada pela Acrópole e Roma pelos templos de Vesta e de Juno.

A cidade medieval, embora seja arquitetonicamente diversa da cidade antiga, apresenta uma estrutura material análoga, pois seus prédios principais, mais imponentes e majestosos, que dominam a cidade por suas proporções monumentais, são as igrejas, as catedrais, as basílicas e os palácios, residência dos reis e imperadores ou sede do poder político. Em Londres, por exemplo, os dois edifícios que dominam a cidade são a catedral de Westminster e o palácio de Buckingham, em Paris a catedral de Notre Dame e o palácio do Louvre e, em

HUMANIZAÇÃO DA CIDADE (II)

ROLAND CORBISIER

Roma, a catedral de São Pedro e o palácio do Quirinal, para não falar em palácios menores, como Reims, Rouen, Chartres e Colônia, em que se erguem, muito acima do casario circundante, as imensas catedrais góticas, glória e apogeu da arquitetura medieval. Em Chartres, por exemplo, cuja catedral é uma das mais belas, senão a mais bela da Europa, a cidade, minúscula, é apenas a moldura do templo monumental, que a domina como as montanhas muito altas os vilarejos que se estendem a seus pés. A rigor, a cidade é a catedral, hoje tanto igreja, templo religioso, quanto obra de arte, obra-prima da arquitetura cristã, objeto de constante visitação por todos os turistas do mundo.

Construída em função de valores religiosos e políticos, a cidade não tem apenas, nem principalmente, um sentido utilitário e, por isso mesmo, é também obra de arte. Por que são belas essas cidades, como Londres, Paris e Roma, por exemplo? São belas porque não foram construídas por mercadores e comerciantes, banqueiros e agiotas, preocupados apenas com o negócio e o lucro, mas por representantes do poder espiritual e temporal, empenhados em edificar a cidade também como obra de arte, como instância cultural e pedagógica suprema, capaz de contribuir para a formação e a educação de seus habitantes. Tais cidades refletem, sem dúvida, em sua forma material ou física, a estrutura aristocrática da sociedade que as construiu. Nem por isso, no entanto, deixam de ser obras de arte, na medida mesma em que atendem aos requisitos de unidade, harmonia ou proporção, equilíbrio etc., indispensáveis à realização da beleza.

Essa é uma noção de capital importante, perdida para nós, especialmente pa-

ra nós latino-americanos e brasileiros. Perdemos a noção de que a cidade não apenas pode mas deve ser, toda ela, uma obra de arte, e não somente conter, como ilhas, obras de arte, que se inscrevem em um contexto não artístico ou antiestético. Pois, se os gregos têm razão, e os gregos sempre têm razão, como será possível educar os seres humanos, nos estreitos limites do ginásio, da academia ou do liceu, se a cidade, desordenada e caótica, em que vivem os educandos, os deseduca, oferecendo-lhes o espetáculo constante da falta de unidade, de harmonia, de proporção, de medida, de equilíbrio, o espetáculo constante da negação da beleza?

Se a educação consiste em formar, em imprimir na matéria humanizável a forma do humano, como pretender formar o ser humano fazendo-o habitar não o cosmo mas o caos? Os gregos nos ensinaram, entre muitas outras coisas, e de uma vez por todas, que educar-se, como já dissemos, não é conviver com a família e frequentar o ginásio, a academia e o liceu, mas viver na cidade. A cidade é, pois, a principal, a suprema instância pedagógica, e se a cidade, em lugar de ser unidade, ordem, harmonia, proporção e equilíbrio é, ao contrário, desarmonia, desarmonia, desproporção, desequilíbrio etc., caos e não cosmo, a cidade se converterá na negação da cultura e da pedagogia, contribuindo para não formar, quer dizer, para humanizar o homem, mas, ao contrário, para deformá-lo ou desumanizá-lo.

POR QUE cidades como Londres, Paris e Roma nos parecem humanas e Nova Iorque nos parece desumana? Com a Revolução Francesa, como é sabido, a burguesia tomou o poder,

instaurando a democracia liberal e o capitalismo econômico. A vitória da burguesia significa a ascensão ao poder dos mercadores e comerciantes, agiotas e banqueiros, representantes, não do poder espiritual e político, mas do poder econômico e financeiro. A fortuna dos Rothschild se consolida e multiplica com a derrota de Napoleão em Waterloo. O poder espiritual e político é então substituído pelo poder do dinheiro. O capitalismo burguês representa, sem dúvida, um progresso em relação ao feudalismo medieval, contribuindo, de modo decisivo, para o desenvolvimento da ciência e da técnica, pressuposto da efetiva libertação do homem.

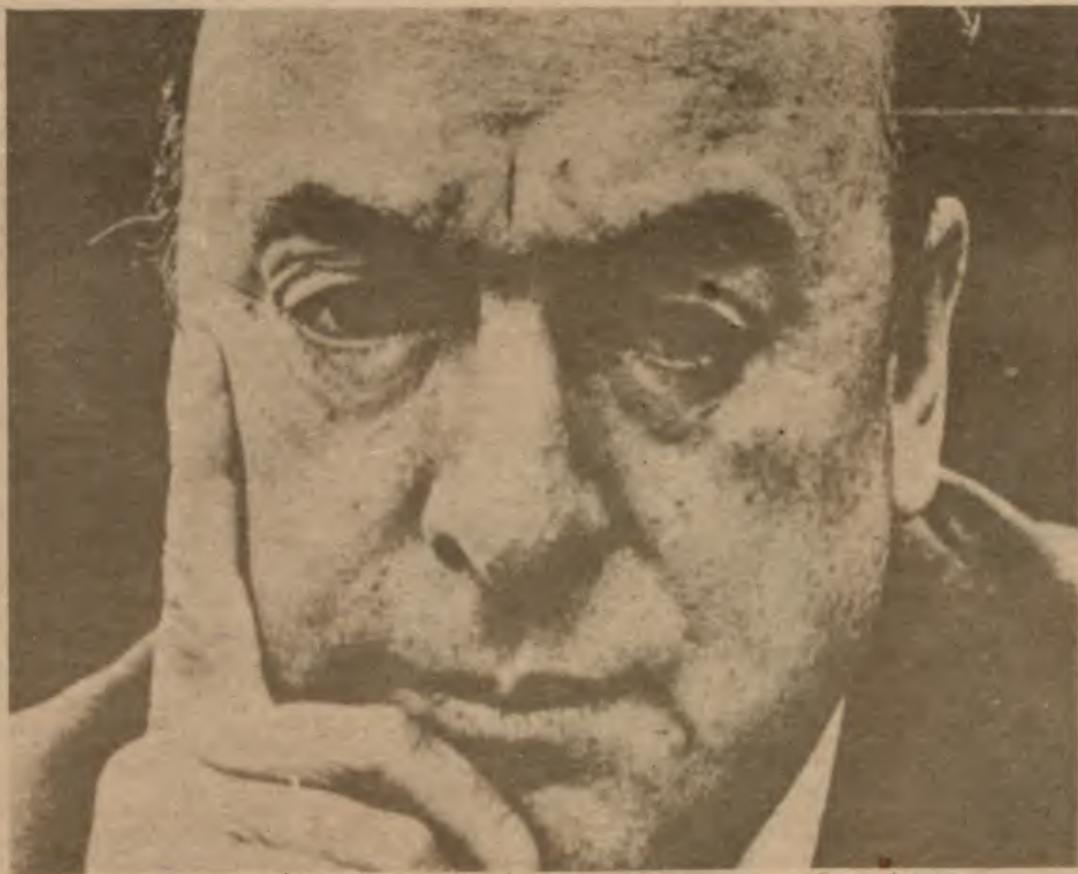
O capitalismo, porém, manteve e agravou a divisão entre as classes sociais, entre os proprietários dos meios de produção e os operários, que dispõem apenas de sua força de trabalho para sobreviver. E o capitalismo também construiu cidades, não mais em função de valores religiosos, estéticos e políticos, mas em função de valores econômicos. E, como o capitalismo é essencialmente individualista, anticomunitário, construiu cidades à sua imagem e semelhança, em função dos interesses dos empresários privados, do lucro e do dinheiro, como valores supremos. Assim como a religião ligava, reunia, embora alienando, a preocupação do lucro e a ambição do dinheiro desligam e separam, fazendo da cidade capitalista, de que Nova Iorque é o protótipo, o caos das raças e das línguas que não se entendem e hostilizam, o amontoado de prédios heteroclitos, de estilos diferentes, sem relação alguma uns com os outros, arbitrariamente justapostos à revelia de qualquer plano diretor e qualquer preocupação estética, em obediência apenas aos interesses privados e predatórios da especulação imobiliária. A grande cidade capitalista, construída sob o signo do lucro e do dinheiro, nada mais tem a ver com a cidade tal como a imaginaram os grandes sábios da antiguidade, pois não existe para permitir aos seus habitantes o exercício da virtude e a conquista da felicidade, e não passa do cenário em que se trava a luta implacável pela sobrevivência, em que todos são inimigos de todos, em que o homem se torna o lobo do homem, como dizia Hobbes, em que a prostituição, a violência, o vício e o crime alcançam os índices mais elevados.

Por significativa coincidência, nessas cidades, os maiores edifícios, mais imponentes e luxuosos, não são as igrejas e as sedes do poder político, mas os bancos, onde se abriga, nos cofres subterrâneos, o deus do sistema, o dinheiro. A grande cidade moderna, construída pelo capitalismo burguês, é a Torre de Babel, onde ocorre o máximo de congestão e o mínimo de comunhão, como diria Chesterton, e onde a vida humana se torna cada vez mais amarga e difícil, dolorosa e inviável, cada vez mais inumana, ou desumana. E, em que consiste a desumanidade ou inumanidade das megalópolis capitalistas? Consiste na sua desmedida, ou desmesura, no seu excesso de população, amontoada em prédios cada vez mais altos, em espaço cada vez menor. Pois não tem sentido que as mesmas cidades cresçam indefinidamente, construindo prédios de cem andares, e só os insensatos e os irresponsáveis podem pretender que a "manhattização" seja a fórmula capaz de resolver os problemas da cidade, mesmo capitalista.

A desumanização consiste também, e principalmente, nos contrastes violentos entre o excesso de riqueza das minorias privilegiadas e a pobreza e a miséria da imensa maioria. A rigor, a cidade capitalista inclui duas cidades, a dos ricos e a dos pobres, cidades justapostas, mas que não convivem uma com a outra, pois os operários não frequentam as casas dos milionários, nem os milionários as dos operários. Verificamos, assim, que a cidade é inumana, ou desumana, porque é capitalista, porque o seu deus é o dinheiro, não passando de ingenuidade pretender humanizá-la conservando o sistema que é a causa de sua desumanização.

Da cidade socialista, tal como se acha prefigurada nas linhas de força do processo histórico, nos ocuparemos na próxima semana.





CHILE

NERUDA E O ALBATROZ ASSASSINADO

“La liberación del hombre
pasa a veces por la sangre,
pero siempre por el canto.”

Este discurso, Pablo Neruda o pronunciou em abril de 1972 numa reunião do Pen Club dos Estados Unidos, em Nova Iorque. Embaixador do Chile em Paris, dias antes ele participara do encontro com os credores internacionais de seu país. O governo chileno, então liderado por Salvador Allende, procurava por todos os meios renegociar a dívida externa, pois isto abriria caminho a novos e indispensáveis financiamentos. Apesar da árdua missão, que se diria impossível e até absurda para uma sensibilidade como a de Neruda, em momento algum ele deixou de ser o poeta, o humanista, o portador infatigável dos valores mais altos, aqueles que justificam a vida e esvaziam a morte.

A dívida chilena, como se sabe, nunca foi renegociada nem enquanto viveu o poeta e nem depois do golpe de 11 de setembro de 1973, embora a partir desta data tenha diminuído sensivelmente a celeuma que se fazia em torno do assunto. Talvez por isto este discurso de Neruda seja ainda mais significativo e suas palavras ainda mais proféticas. É o poeta-cidadão, mergulhado na incomparável aventura de escrever e protagonizar a história do seu país e do seu tempo. É a vocação poética inseparável da dor de todos os que nasceram no mesmo chão que ele. (J. Monserrat Filho)

Tocou-me em minha vida errante assistir a reuniões bastante estranhas, mas alguns dias atrás estive presente naquela que resultou a assembléia mais misteriosa de todas as que tive que presenciar e compartilhar.

Eu me sentava ali com alguns de meus compatriotas. Na nossa frente, um círculo que me pareceu imenso, sentavam-se os poderosos das finanças, bancos e tesouros, que representavam a muitos países, aos quais o meu, ao que parece, deve muito dinheiro.

Nós, os chilenos, éramos uns quantos e nossos eminentes credores, quase todos das grandes nações, eram muitos: 50 ou 60. Tratava-se de negociar a dívida pública, a dívida exterior, acumulada em meio século de existência por governos anteriores. Neste lapso, os homens chegaram à lua com penicilina e televisão. Na guerra se inventou o napalm para que se democratizem, à força de fogo purificador, as cinzas de alguns habitantes do planeta. Durante estes 50 anos, este Pen Club norte-americano de escritores trabalhou com nobreza em favor do entendimento e da razão.

Mas, como pude ver naquela reunião implacável, era o **STAND-BY** o que ameaçava o Chile com um garrote de tipo mais moderno. Apesar de meio século de entendimento intelectual, a relação entre os ricos e os pobres, entre países que emprestam algumas migalhas e outros países que necessitam comer, segue sendo uma relação em que se reúnem a angústia e o orgulho, a justiça e o direito à vida.

O que devemos uns aos outros

De certa maneira, frente aos escritores dos Estados Unidos e do antigo mundo europeu, eu venho também me entender com vocês.

É importante saber neste capítulo o que devemos uns aos outros. Temos que renegociar perpetuamente a dívida interior que pesa sobre nós, os escritores de todas as partes. Todos devemos algo à nossa própria tradição intelectual e ao que gastamos do tesouro do mundo inteiro.

Nós, escritores americanos do Sul deste continente, crescemos conhecendo e admirando, apesar dos idiomas diferentes, o crescimento colossal das letras americanas, das letras no norte da América. Especialmente nos impressionou o despertar assombroso de sua novela, que desde Dreiser até agora evidencia uma força nova, convulsiva e construtiva, cuja grandeza e feracidade resulta incomparável nas literaturas de nossa época, a não ser entre os vossos próprios dramaturgos.

Nenhum de vossos nomes passou inadvertido para nós. Seria innumerável registrá-los, como catalogar as dimensões que alcançaram, a violenta profundidade que revelaram, o áspero desengano que mostravam vossos livros, às vezes cruéis; apresentavam o singular testemunho de grandes e nobres escritores ante os conflitos de vossa vertiginosa construção capitalista. Ali, nestas obras exemplares, não se subtraiu nada à verdade e se pôs a nu a alma das multidões e indivíduos, poderosos ou pequenos, amontoados em cidades e subúrbios, gotas de sangue arterial de vosso corpo nacional, de vossas vidas coletivas ou solitárias. Estas coisas se percebem até na novela policial, freqüentemente um testemunho da verdade mais fiel do que se pensa.

Uma dívida maravilhosa

De minha parte, eu que estou muito perto dos setenta anos, quando tinha apenas quinze, descobri a Walt Whitman, meu maior credor. E estou aqui entre vocês acompanhado por esta maravilhosa dívida que me ajudou a existir.

Renegociar esta dívida é começar por colocá-la em evidência. Reconhecer-me como humilde servidor de um poeta que media a terra com passos lentos e longos, detendo-se em todas as partes para amar, examinar, aprender, ensinar e admirar.

Trata-se de que aquele homem, aquele moralista lírico, tomou um caminho difícil: foi um cantor torrencial e didático. Estas duas qualidades parecem autagônicas. Pareceriam mais as condições do caudilho que as de um escri-

tor. O importante é que Walt Whitman não tinha medo da cátedra, do ensino, do aprendizado da vida, e assumia a responsabilidade de ensinar com candura e eloquência.

Francamente não temia o moralismo nem o imoralismo, nem quis deslindar os terrenos da poesia pura ou da poesia impura. É o primeiro poeta totalitário e é sua intenção não apenas cantar, mas impor sua extensa visão das relações dos homens e das nações. Neste sentido, seu nacionalismo evidente é parte de um organismo universal. Ele se considera devedor da alegria e da tristeza, das altas culturas e dos seres primitivos.

Séculos de silêncio

Há muitas formas de grandeza, mas a mim, poeta do idioma castelhano, Walt Whitman me ensina mais que Cervantes: em sua obra não se humilha o ignorante nem se ofende a condição humana.

Seguimos vivendo uma época whitmaniana. Vemos, apesar das dores do parto, a ascensão e o aparecimento de novos homens e novas sociedades. O bardo se queixava da todopoderosa influência européia que continuava alimentando a literatura de sua época. Na realidade, era ele, Walt Whitman, o protagonista de uma personalidade realmente geográfica que se levantava pela primeira vez na história com um nome continentalmente americano.

As colônias das nações mais brilhantes deixaram séculos de silêncio. O colonialismo parece matar a fertilidade e a capacidade criadora. Bastará que lhes diga que em três séculos de dominação espanhola em toda América não tivemos mais de dois ou três escritores admiráveis.

Da proliferação de nossas repúblicas não saíram apenas bandeiras e nacionalidades, universidades e pequenos exércitos heróicos ou melancólicas canções de amor. Começaram a brotar livros e livros, às vezes formando um matagal impenetrável com muitas flores e poucos frutos.

Mas, com o tempo, e especialmente nestes dias, o idioma espanhol resplandece pela escritura de autores americanos, que, desde o Rio Grande até a Patagônia, encham de mágicos contos, de poemas ternos e desesperados, um continente escuro que caminha entre tormentos para a sua nova independência.

A torpe e dolorosa voz do nascimento

Nesta época, vemos como outras nações novas, novas bandeiras e novas literaturas aparecem com a extinção que esperamos total do colonialismo na África e na Ásia.

As capitais do mundo surgem da noite para o dia encobertas por novas insígnias de povos que desconhecíamos e que começam a se expressar com a voz torpe e dolorosa do nascimento. Escritores negros da África e da América começam a nos dar a pulsação verdadeira das desventuradas raças que guardaram silêncio.

As batalhas políticas foram inseparáveis da poesia. A libertação do homem, às vezes, passa pelo sangue, mas sempre pelo canto. O canto humano se enriquece a cada dia em nossa grande época de martírio e libertação.

Peço com humildade que me perdoem de antemão se volto às preocupações de meu país. Todo mundo sabe que o Chile está fazendo uma transformação revolucionária dentro da dignidade e da severidade de nossas leis. Por isto, há muita gente que se sente ofendida. Mas, por que estes chilenos não prendem ninguém, não fecham os jornais, não fuzilam a nenhum adversário?

A Balada do Velho Marinheiro

E como nosso caminho, nós o escolhemos, estamos decididos a ir até o fim. Mas os guerreiros secretos se valem de todas as armas para desviar nosso destino. Como nesta classe de guerras os canhões parecem ter passado de moda, usam um arsenal antigo e novo. Se pode aqui escolher os dólares, as flechas, as indústrias telefônicas e telegráficas: tudo parece justo para defender os velhos e irracionais privilégios.

Por isto, naquela reunião em que se renegociava a dívida do Chile, eu recordei vivamente a “Balada do Velho Marinheiro”.

Samuel Taylor Coleridge extraiu seu desolado poema de um episódio acontecido no extremo sul de minha pátria e publicado por Shelvoche em suas memórias de viagem.

Nos frios mares do Chile, temos todas as raças, gêneros e espécies de albatroz: errantes e gigantes, lânguidos e tempestuosos, que sabem voar como nenhum outro pássaro.

Talvez por isto, o país tenha a forma de um enorme albatroz com as asas estendidas.

E ali naquela reunião para mim inesquecível, com aquela dívida externa que queremos negociar justicieiamente, muitos dos que me pareceram implacáveis pareciam dirigir suas armas para que o Chile naufrague, para que o albatroz não siga voando.

Não sei se será indiscreção de um poeta, que tem apenas um ano de embaixador, dizer a vocês que talvez o delegado das finanças norte-americanas me pareceu ser o que tinha entre seus papéis de negócios a seta pronta para atirar no coração do albatroz. E no entanto, este financista tem um nome saboroso e amável de fim de banquete. Chama-se Mister Hennessy.

Se o senhor Hennessy se desse o prazer de ler os velhos poemas, aprenderia que na “Balada do Velho Marinheiro” o navegador que perpetuou aquele crime foi condenado a carregar pela eternidade, pendurado em seu pescoço, o pesado cadáver do albatroz assassinado.

Queridos amigos:

Li com interesse e emoção a pequena história destes longos 50 anos de vida no Pen Club dos Estados Unidos. Foi meio século de grandes ilusões e magníficas ações. Honrosa jornada que temos o dever de festejar com meditação e alegria.

Nós, os escritores, somos facilmente individualistas e dificilmente coletivistas. Levamos um germen subversivo que forma parte profunda de nossa expressão e de nosso ser. E nossa rebeldia tende muitas vezes a se manifestar contra nós mesmos.

Buscamos aos inimigos mais próximos e nos encontramos equivocadamente entre os que mais se parecem a nós.

Congregar-nos para uma tarefa de gigantes e congregar-nos apesar das separações políticas, linguísticas e raciais é uma grande empresa.

Honra aos que tornaram possível o sentimento de unidade entre os escritores de todos os países, sem rechaçar sectariamente suas tendências e crenças.

Estou seguro de que vocês me receberam, a mim e as minhas dívidas, não como um tribunal implacável, mas como uma associação generosa e fraternal.

Já disse que é necessário reconhecer o que aprendemos de uns quantos ou de todos. Assim se estabelece a segurança, isto é, a consciência de uma comunidade ininterrompida e universal do pensamento.

Assim trabalharemos com o passado, seguros de sua beleza madura. E no mesmo caminho de honra, seguros das obras que outros escritores escreverão para outros homens que ainda não nasceram.

ÁFRICA O 3º MUNDO E A BATALHA DO FUTURO

"Gostaria de dizer particularmente ao Brasil que há muitos laços que unem nossos povos do Brasil e de África. Acredito e espero que as relações entre nossos países e nossos dois povos devam ser promovidas, e acredito que este relacionamento deve ser feito seguindo certos princípios fundamentais: não somente na mutualidade e respeito entre os dois governos, mas porque os dois países pertencem ao terceiro mundo, ambos temos problemas em comum e ambos devemos ser sensíveis para os problemas em comum. Espero com franqueza um grande nível de sensibilidade da parte do Brasil sobre os problemas africanos, particularmente com respeito à questão da luta contra o sistema de "apartheid" e a discriminação racial em África.

Com esta mensagem especialmente dirigida ao Brasil e aos brasileiros, o embaixador Salim Salim inicia sua conversa com o correspondente de Crítica. Seu país, a República Unida de Tanzânia, tornou-se independente em 1961, resultado da união do antigo território de Tanganyika com as ilhas Zanzibar e Pemba. Tem uma taxa de crescimento anual da ordem de 4%, população de 14 milhões de habitantes. Sua atual capital é Dar Es Salaam (280 mil habitantes), mas está construindo uma nova em Dodoma, com 25 mil habitantes. A língua nacional é o swahili, mas fala-se também o inglês.

A Tanzânia foi formada em 1964 após a queda do Sultão em Zanzibar, pela condução política do Partido Afro-Shirazi. Após a união, Zanzibar continua a ter seu próprio governo e presidente mas o processo de união está sendo consolidado através de uma política gradual. A Tanzânia é o que se chama Estado de partido único, o Tanu (Tanzania African National Union), através de sua Conferência Nacional que traça a política do Estado. O seu Executivo Nacional corresponde à Presidência; é quem se incumbem de implementar as políticas do Tanu. O presidente Nyerere e o vice-presidente Kawawa são respectivamente presidente e vice-presidente do partido e são eleitos cada cinco anos pela sua Conferência Nacional.

Outros membros do Comitê Central são: 1 membro de cada uma das 20 Regiões (eleitos pela Conferência Nacional) e 5 membros nomeados pelo presidente. O parlamento atualmente consiste de 120 membros: 15 são eleitos pela Assembleia Nacional, escolhidos entre várias instituições - sindicato, organização das mulheres, organização da juventude, universidade, Câmara de Comércio, Associação de Pais e Mães; 20 comissários regionais; 35 membros de Zanzibar e 10 membros indicados pelo presidente da República. As eleições são realizadas cada cinco anos, por sufrágio universal, e dois candidatos do Tanu se apresentam para disputar a vaga. As eleições presidenciais são realizadas simultaneamente.

A economia de Tanzânia ainda está sustentada na agricultura. 40% do seu produto interno bruto vêm da agricultura enquanto a indústria contribui com 10% (dado altamente positivo pois antes da independência, 1961, a



Nyerere:
a defesa
intransigente
de uma
ordem
econômica

indústria contribua com menos de 4%). Foi baseado neste simples fato que o Tanu formulou sua política nacional após a Declaração de Arusha em 1967 que definiu e adotou a política do socialismo e do "self-reliance" (auto-sustentação). Em 1962 as terras já tinham sido nacionalizadas mas somente com a Declaração de Arusha é que indústria, comércio e atividades financeiras passaram ao controle público, que se estende desde o nível nacional ao regional e local. Cooperativas locais formam a base da economia de Tanzânia e há um complexo sistema que constitui as vilas ujamaa (que em swahili significa socialismo mas que também tem um sentido de descrever uma reunião de famílias extensivas produzindo cooperativamente). As vilas ujamaas são unidades produtivas que operam cooperativas agrícolas, pequenas unidades industriais e serviços. Segundo dados de Daily News (Dar Es Salaam, 26/9/1973) a estimativa para os ujamaas era a seguinte:

	1969	1970	1971	1972	1973
Vilas Ujamas	809	1956	4484	5556	6186
População	531 1545240 1980862 2028164				

Os produtos básicos de Tanzânia e que contam com 47,5% de sua exportação total são o café, o algodão, sisal, castanhas e tabaco. Economicamente o país tem suas relações de importação-exportação dirigidas para o leste africano, basicamente dentro da Comunidade Africana do Leste (Tanzânia, Kenya, Uganda), mas também suas transações alcançam o mercado europeu e China. No momento um grande esforço será feito para estabelecer e estreitar relações econômicas com Zâmbia desde que a inauguração da Tazara - Estrada de Ferro Tanzânia-Zâmbia - realizada com ajuda técnica chinesa vai dinamizar muito as relações comerciais, ao mesmo tempo que há uma tendência de incluir uma futura confederação entre Moçambique, Tanzânia, Zâmbia.

No momento em que se instala a assembleia geral da ONU é oportuno conhecer o ponto de vista africano sobre as várias questões que ali vão pôr em confronto os ricos e os pobres.

Crítica foi ouvir em Nova York um dos homens mais indicados para isto: Salim A. Salim, que além de embaixador permanente da Tanzânia, é o líder do grupo africano e também do Comitê de Descolonização das Nações Unidas.

Uma nova ordem econômica, defesa das matérias-primas, luta contra o racismo, o problema de Angola, pan-africanismo, os direitos humanos no Chile, relações da África com a América Latina e particularmente com o Brasil são algumas das questões por ele abordadas com muita franqueza.

Nasceu em Zanzibar em 1942 e foi educado em Lumumba College de Zanzibar e desde muito cedo começou suas atividades jornalísticas. Entre 1965 - 1968, portanto com 23 anos, estava estudando ciência política, história e economia na Universidade de Delhi. Seus estudos graduados foram feitos na Escola de Assuntos Internacionais da Columbia University em Nova York, durante os anos 1973 - 1974. Em 1975 obteve o grau de mestrado.

Sua atividade política começou tinha 18 anos. Foi o fundador e o primeiro vice-presidente da União Nacional de Estudantes de Zanzibar e desde então muito ativo na luta pela independência da ilha. Após a independência de Zanzibar em 1964, foi indicado para a embaixada da Tanzânia na República Árabe Unida. Também serviu como embaixador na China e desde 1970 é o representante permanente de Tanzânia junto às Nações Unidas. Atualmente está acreditado como primeiro embaixador de Tanzânia em Cuba e foi apontado como alto comissário para os países de Guyana, Barbados, Jamaica e Trinidad/Tobago. Salim Salim é o líder do grupo africano nas Nações Unidas e também do Comitê Especial dos 24 da ONU (Comitê de Descolonização).

Considerado nos meios diplomáticos da comunidade internacional como um dos mais brilhantes diplomatas, Salim tem uma paixão especial pelas causas da justiça e igualdade entre os povos, particularmente pelos problemas dos povos do Terceiro Mundo. Ano pas-

sado durante a sessão da assembléia geral em que África do Sul foi expulsa das Nações Unidas, The New York Times, por um de seus editorialistas, W. Safire, escreveu um furioso artigo a propósito do papel do embaixador Salim como um dos articuladores das causas do Terceiro Mundo.

Nova ordem econômica

C: Temos ouvido falar muito de crise, crise econômica, crise de energia, etc. No presente momento qual o significado dessas crises e qual o papel da diplomacia no sentido de antecipar as mudanças e preparar uma agenda para uma nova era internacional?

SS: Há diferentes crises. Há a crise política com respeito a diferentes situações, situações de conflito prevalentes em diferentes partes do mundo. Algumas podemos antecipar, algumas não podemos. Aquelas que não podemos antecipar creio que é da responsabilidade da comunidade internacional tentar e encontrar as soluções próprias ou pelo menos tentar e utilizar uma diplomacia preventiva antes que a situação exploda.

Igualmente há uma outra séria crise político-econômica dada uma insatisfatória relação que prevalece entre países subdesenvolvidos e o mundo desenvolvido. Esta é uma crise que está aí e que o único modo de dispersá-la é o mundo desenvolvido reconhecer as posições e as aspirações legítimas de bilhões de povos dos países subdesenvolvidos, a maioria dos quais vive em condições abaixo dos padrões humanos. É responsabilidade da comunidade internacional e particularmente da comunidade desenvolvida reorientar-se para um sistema que seja mais igualitário e mais justo. Procurar e encontrar soluções para esta crise, pois penso que é uma crise muito séria a que estamos vivendo no momento.

C: V. poderia dar mais detalhes sobre a possibilidade de uma nova ordem econômica internacional. Tomaria, por exemplo, como ponto de partida o recente discurso do secretário de Estado americano Henry Kissinger diante do Instituto de Assuntos Mundiais em Milwaukee (julho/1975) no qual ele fala de um novo desafio global para a humanidade e sobre cooperação internacional? V. compartilha com os pontos de vista do secretário para a criação de uma agenda internacional sobre os problemas atuais?

SS: A perspectiva que o secretário de Estado Kissinger está falando é a perspectiva daqueles que sempre estiveram numa posição privilegiada, numa posição favorecida para reconhecer que esse favorecimento a o grau de desenvolvimento por eles alcançado não podem continuar indefinidamente sem levar em consideração as demandas e as expectativas dos membros menos favorecidos da comunidade internacional. Eles devem reconhecer que este favorecimento somente existe por estar suportada por uma situação injusta.

Aceito, sem questionamento, que há um desafio não só para um grupo de países mas para a toda comunidade internacional. Mas os países subdesenvolvidos já têm demonstrado, já têm mostrado quais suas demandas. E essas demandas não são demandas extraordinárias, são demandas razoáveis. Agora cabe ao mundo desenvolvido fazer frente a esse desafio mostrando ao mesmo tempo a necessária vontade política para ser capaz de mudar o caráter da situação econômica internacional. O que é imprescindível é a completa reestruturação da presente ordem econômica nos campos de trocas, ajuda, no campo da transferência tecnológica. Deve haver uma completa nova relação entre os componentes da comunidade internacional. E isso somente pode ser implantado pela cooperação internacional e estou certo de que os países subdesenvolvidos já têm mostrado amplamente esta cooperação. E acredito que no momento há um considerável entendimento por parte do mundo desenvolvido, mas há ainda uma margem de compromisso por parte do mundo desenvolvido em relação às legítimas aspirações dos países subdesenvolvidos.

Existe já ao nível da ONU dois documentos que foram discutidos e aprovados pela comunidade internacional, sendo um deles, a Carta de Direitos Econômicos apresentado pelo presidente Luís Echeverría do México. Ambos constituem a base para a criação de ordem econômica mais justa e equitativa. Mas como é do conhecimento público, esses dois documentos têm encontrado uma oposição por parte de alguns países do mundo desenvolvido com respeito a alguns de seus aspectos.

Minha posição é esta: vamos ver até que ponto, nesta nova assembléia geral da ONU, os países subdesenvolvidos estão já prontos para fazer face ao desafio de uma nova ordem econômica e ao mesmo tempo estar de acordo com as legítimas aspirações dos países subdesenvolvidos. Os documentos estão aí, as necessidades dos países subdesenvolvidos estão aí, as estatísticas estão aí já prontas. Não precisamos ser gênios em economia para saber que milhões de latino americanos, milhões de asiáticos, milhões de africanos estão vivendo em condições que negam as expectativas da humanidade. É razoável que, e dado o desejo político, nós devemos tentar e mudar essas condições e não podemos esperar por

formulações gradualistas. Nós necessitamos quase que um processo revolucionário na mudança do sistema internacional.

C: Ao mesmo tempo que vemos um grande esforço por parte da comunidade internacional de encontrar os contornos de uma nova cooperação e proclamações de diálogo, assistimos também e muito freqüentemente a uma confrontação de diferentes sistemas...

SS: A confrontação não é buscada pelos países subdesenvolvidos, pelos povos de América Latina, de África e de Ásia. Eles não desejam a confrontação, porque confrontação não é a melhor maneira de resolver os problemas e de buscar as soluções. Mas a confrontação é imposta aos países subdesenvolvidos. Em outras palavras, se estamos propondo certas demandas, legítimas demandas e então encontramos com uma oposição ruidosa por parte de alguns países do mundo desenvolvido, nós não podemos abandoná-las, ou não podemos fazer injustas e irrazoáveis concessões à posição do mundo desenvolvido. Aí a confrontação aparece. Mas ainda eu estou convencido que há uma ampla margem para encontrarmos um caminho médio.

Não quero dizer que seja possível transformar todo o sistema internacional em 24 horas ou em algumas horas. Mas nós devemos ter concretas e práticas direções indicando que estamos mudando a situação. Esta situação não pode ser a mesma que foi para gerações passadas. Nós devemos ser permitido a ter nossos próprios direitos de ser donos de nossos próprios recursos. O direito à nacionalização, por exemplo, o direito de formular instituições que devam proteger os interesses dos países subdesenvolvidos. Estes são direitos absolutamente legítimos dos países subdesenvolvidos, e se opor violentamente a estes direitos está criando uma situação que se aproxima ao tipo de confrontação que queremos evitar.

C: Desde que V. mencionou direções práticas a serem tomadas, porque até o momento não se constituiu uma organização capaz de, ao exemplo da OPEP, traçar uma política de controle de todas as comodidades em termos do mercado internacional e para a defesa, proteção e equalização dos preços entre matérias-primas e produtos industrializados. Existe sérios impedimentos para tal constituição?

SS: Sim, este é um problema específico, concreto, mas também constitui um ponto de controvérsia. Alguns dos países desenvolvidos se opõem fortemente à criação de uma organização tipo OPEP, uma organização de produtores de matérias-primas. Tal como a OPEP existe atualmente a organização dos produtores de bauxita, por exemplo, e deveríamos seguir o mesmo exemplo a um nível mais global do mercado internacional. Isto é extremamente necessário a fim de termos uma organização capaz de pôr fim ao caos do mercado internacional e fazer com que os produtos corram por seus canais de uma maneira racional e baseada num procedimento de igualdade e justiça. Ao mesmo tempo assegurar uma distribuição equitativa do mercado internacional, que está dominado pelos países desenvolvidos. Esta não é de maneira alguma uma demanda exagerada, os países subdesenvolvidos estão fazendo uma demanda muito razoável e na presente situação acredito que há possibilidades de haver negociações, desde que os países desenvolvidos aceitem em princípio as demandas dos países subdesenvolvidos.

Há um outro ponto que eu gostaria de mencionar. A paciência de nossa gente está se exaurindo, não importa quanto esforço nossos governos estão fazendo para ser acomodativos, pacientes. Eles não podem controlar a paciência do povo. Um povo faminto que sabe que está sujeito às flutuações constantes do mercado internacional. Por exemplo, no norte da Tanzânia, produzimos sisal, algodão, café e se hoje o povo lá faz planos de desenvolvimento e planos de venda ao mercado internacional, por exemplo, de 10 ton. de café, ou 15 ton. de algodão, eles esperam receber o preço justo. Mas de repente essa gente ouve que o preço no mercado internacional baixou e que ele vai receber menos do que estava acostumado a receber. Isto provoca uma tremenda confusão, isso enraivece todo o povo e provoca uma mudança na vida de cada indivíduo, torna-se impossível para ele ter uma vida decente, ter uma vida normal e traz frustrações e frustrações levam a muitas outras coisas, por exemplo, a revoltas sociais no País. E mesmo que o governo procure ser paciente, procure acomodar esta situação, o povo não vai ter mais paciência.

O que eu quero dizer é que os países subdesenvolvidos têm que enfatizar e pressionar os países do mundo desenvolvido de que a paciência do povo está se esgotando. A forma de manter uma justa situação, uma menos violenta situação a única maneira que dispomos é criar novas instituições, uma nova e justa ordem econômica internacional onde nosso povo possa receber os benefícios equívales ao seu trabalho.

C: E V. defende então que as Nações Unidas são ainda o lugar ideal para se encontrar esta nova ordem internacional?

SS: Definitivamente. Não há outra instituição que possa prover melhor fórum para tais negociações. É o lugar onde podemos sentar e discutir os problemas que estão afetando a vida de bilhões de seres. Nós já conhecemos muito bem aquelas outras instituições onde prevalecem conceitos antiquados na votação de ajuda, de empréstimo, etc. São conceitos fora de moda, que obstruem e atrasam mais do que estimulam o caminho para uma melhor situação econômica internacional. E acredito portanto que os mecanismos das Nações Unidas são úteis, e dado o desejo político de seus membros, tudo poderá ser negociado. Os ajustamentos necessários somente serão encontrados depois que o mundo desenvolvido mostrar sua vontade de cooperar. Então, nós teremos um mundo melhor.

Naturalmente que há exceções dentro do próprio mundo desenvolvido, porque alguns países, como os escandinavos, já vêm adotando uma política mais racional e mais dinâmica com respeito aos conceitos de desenvolvimento e da ordem econômica internacional.

C: E dentro do campo do terceiro mundo, as possibilidades de formar um bloco cada vez mais homogêneo e unido para negociar seus interesses, existe já esta tendência...

SS: Veja você que são os problemas, as questões concretas que determinam as posições dos países do terceiro mundo. Temos questões onde podemos dizer que existe uma posição homogênea, outros problemas onde existe um grupo específico e outros onde encontramos posições individuais. Mas quanto àqueles problemas básicos que envolvem o terceiro mundo, os problemas de justiça econômica, de cooperação internacional, de uma vida melhor, problemas de transferência de tecnologia, da luta contra o colonialismo, já existe uma posição comum. Existem outras questões que nem sempre nossos países têm a mesma posição. Então, eu diria que isso depende dos problemas concretos. Também você pode verificar isso quanto ao mundo desenvolvido, em que encontramos posições comuns, outras vezes posições individuais.

C: Quanto à questão de matérias-primas, por exemplo, V. vê a possibilidade de uma unanimidade de posição não só entre o terceiro mundo, mas uma posição global da comunidade internacional?

SS: A respeito da formação de uma ampla organização que trate dos problemas das matérias-primas, há esta possibilidade, não há, basicamente, desunião entre o terceiro mundo. Certamente há diferenças em perspectivas, em certas ênfases, mas basicamente nós estamos numa mesma posição, na posição de estarmos no "ponto final da barganha" em termos do mercado internacional. Então, por exemplo, o Brasil e Tanzânia são ambos produtores de café e sisal e creio que deverão ter a mesma posição em comum. Em última análise, é de nosso interesse coordenar nossas atividades forçando uma posição comunitária. Porque se não fizermos isto, os problemas que afetam a Tanzânia eventualmente constituirão um "boomerang" contra os interesses do Brasil e vice-versa. Para sintetizar, nas questões de "pão e manteiga" eu diria que devemos encontrar um amplo consenso entre todos os povos e todos os países.

Tirania da minoria

C: Na reunião de 12 de agosto do Conselho de Segurança da ONU V. defendeu, na posição de líder do Comitê de Descolonização, a admissão da República Democrática do Vietnã e da República do Vietnã do Sul. Eu me lembro que V. mencionou dois pontos extremamente delicados: a) que uma grande potência estava ameaçando esta admissão pelo uso de práticas do período da guerra fria numa época de détente; b) você era a favor da mudança de critérios de que V. mesmo chamou de tirania de uma minoria, mencionando que no caso específico em discussão havia a causa de uma minoria absoluta contra uma universal maioria em termos de veto à admissão de Vietnã.

SS: Explicarei minha posição, rapidamente. Nós achamos que o argumento americano em oposição à admissão de Vietnã era destituído de qualquer lógica. É ilegal e constituiria, se aceito, um precedente lamentável para a operação do Conselho de Segurança. A Carta da ONU é clara, as normas e os procedimentos são claros a respeito da admissão dos membros: deve-se examinar sua aplicação baseado no próprio mérito de cada um. Não se pode sujeitar um membro à mesma aplicação feita para outro. Este conceito de **negócio empacotado** foi empregado antes, mas nos dias mais quentes da guerra fria. Dias de uma contínua confrontação política e diplomática entre ocidente e leste, onde os países não-alinhados encontravam-se no meio. Agora podemos dizer que uma nova era está sendo erigida, uma era em que maior entendimento e grande senso de acomodação é buscado entre países com diferentes sistemas político e social. Então, consideramos completamente anacrônico introduzir métodos que eram empregados durante a guerra fria para decisões aplicáveis a uma nova situação. Isso é um dos aspectos.

O ponto mais fundamental é que nós, muitos dos jovens países que são membros das Nações Unidas não somos parte desse exercício. Nós nunca aprovamos a utilização do chamado **negócio empacotado**, e nos opomos a isso. Portanto, é nossa responsabilidade permanecer ao lado de métodos que são claros na Carta das Nações Unidas: todo membro deve preencher as obrigações requeridas pela carta para tornar-se membro da ONU. E nós acreditamos que os dois Vietnãs estavam qualificados com respeito a todas as exigências.

Também havia um outro ponto, e que devemos deplorar porque o povo vietnamita tem sofrido muito. Nenhum povo na história moderna tem sofrido tanto quanto o vietnamita, nenhum outro tem tido tal destino. Eles foram sujeitos a uma vasta agressão: primeiro a francesa, depois a japonesa, novamente francesa e ultimamente, a agressão americana por mais de 20 anos. Todo tipo de devastação, todos os tipos de bombas foram empregados ao povo vietnamita. Então, quando esperávamos que o tempo havia chegado para sanar essas feridas da guerra e da agressão, tenho receio de que a oposição dos EUA, infelizmente, de alguma maneira traga de volta ao cenário internacional, especificamente a Assembléia Geral da ONU, a memória daquilo que aconteceu no Vietnã. Com efeito, o povo vietnamita ainda terá que lutar para ser admitido nas Nações Unidas.

Sobre a questão da tirania, eu disse na ocasião que a posição americana realmente representa aquilo a que nós sempre condenamos e nos opusemos. Disse que no caso particular do Vietnã correspondeu a uma **"absoluta tirania da minoria"**, ou a uma **"minoria absolutamente tirânica"**, porque foi uma posição isolada, porque mesmo Costa Rica não votou contra, se absteve. Mesmo os tradicionais aliados dos EUA como Inglaterra, França, Japão e Itália votaram pela admissão. Veja, por exemplo, o caso do Japão, que tem um enorme interesse na área; foi muito importante ter o voto do Japão a favor do Vietnã. Então, os EUA votou sozinho contra uma universal maioria.

Nós nos opomos à tirania da minoria e estamos completamente contra a minoria absolutamente tirânica. Sempre arguimos no passado que não há nada disso de tirania da maioria e o que tem ocorrido, agora nas relações internacionais, na assembléia geral e em outros fóruns é uma nova mensagem, um novo ponto de vista nos negócios internacionais, onde pequenos e médios países começam a despertar para uma nova tomada de consciência e começam a determinar sua soberania e independência, e o julgamento é feito na base do seu próprio mérito. Claro que muitas medidas são consideradas impopulares para os interesses dos EUA, mas entre os interesses americanos e os interesses de uma vasta maioria, aí está um impasse que os EUA não querem enfrentar.

Prioridades africanas

C: No mês de julho, os países independentes africanos se reuniram em Kampala, Uganda, para discutir e aprovar a agenda da Organização da Unidade Africana. Quais foram as prioridades dessa reunião e qual a posição da Tanzânia nos itens discutidos e provavelmente aprovados?

SS: Primeiro, gostaria de lembrar que a Tanzânia não participou da última reunião da OUA, por causa de nossas relações ainda instáveis com o governo de Uganda. Uma coisa, entretanto, é nossa não-participação específica nessa reunião e outra, nossa posição dentro da OUA, da qual fazemos parte. O recente encontro dos chefes de Estado africanos, em Kampala, de fato considerou um número importante de questões, tais como o problema da libertação continental, Oriente Médio o problema específico de Angola, cooperação africana e intensificação da solidariedade continental e entre os povos amigos. Esses são pontos importantes e a Tanzânia os subscreveram não importando a nossa não-participação em Kampala, porque as posições da OUA em Kampala fazem parte de um contínuo processo de muitas decisões que vêm sendo implementadas.

Diria que o mais importante que aconteceu em Kampala foi dar maior ênfase à luta de libertação da África. Por exemplo, a decisão de endossar a declaração estruturada em Dar Es Salaam sobre a questão da parte sul da África. Essa declaração, que foi adotada pela Sessão Extraordinária do Conselho de Ministros, em Dar Es Salaam, estipulou a estratégia da África para a libertação da parte sul do continente. Em poucas palavras se houver possibilidades para negociações com os regimes minoritários com o propósito de transferência do poder para a maioria africana nos territórios referidos, essas possibilidades devem ser exploradas; se tais possibilidades não forem encontradas, então haverá uma intensificação da luta armada com o suporte global dos Estados africanos. Esta é uma posição não da Tanzânia, mas de toda a África.

Em Dar Es Salaam, a OUA decidiu dar suporte aos movimentos nacionalistas em

Zimbabwe (Rhodesia do Sul) em suas negociações com o regime de Smith. Foi uma posição bastante clara, - se há possibilidades de negociações - porque não queremos que a gente morra desnecessariamente, se derramamento de sangue pode ser evitado. Mas ao mesmo tempo não tememos, se o desenvolvimento lógico assim exigir, intensificar a luta armada. E o movimento de libertação também foi muito clara: negociar, se possível e lutar se se tornar necessário.

C: E quanto à situação na África do Sul? Parece que não mudou substancialmente...

SS: De fato, a situação na África do Sul não mudou em nada. O regime de Voster continua a perpetrar sua política abominável contra a população africana e população não-branca - africanos, mulatos, indianos que não têm uma vida de um ser humano normal na África do Sul e que são tratados como inferiores aos brancos. A luta contra o "apartheid" terá de continuar e a Tanzânia suporta sem reservas a legítima luta do povo africano na África do Sul por uma vida melhor e a completa transformação da sociedade. Dessa forma, a questão racial vai se tornar mais e mais irrelevante para o desenvolvimento do país. Somos pela eliminação do "apartheid", lutaremos por meios pacíficos se isto for possível, mas como o próprio regime sul-africano tem demonstrado claramente, se ficar numa posição intransigente, estaremos prontos a ajudar a libertação nacional da maioria dos sul-africanos.

Infelizmente ainda não existe um movimento unificado na África do Sul. Existem dois movimentos de libertação nacional lutando pelo mesmo objetivo: o Congresso Nacional Africano da África do Sul (CNA/AS) e o Congresso Pan-Africano da África do Sul (CPA/AS), ambos lutando pela eliminação do sistema do "apartheid". Nossa posição na Tanzânia é suportar ambas as organizações e ao mesmo tempo, encorajar tanto quanto possível a unificação não só dos dois movimentos mas da maioria dos sul-africanos, negros e brancos, que estão lutando contra o sistema de opressão em seu país.

C: Já que estamos falando de movimentos de libertação, qual o sentido do Pan-Africano para a luta de libertação do povo negro e, ainda, se existe diferenças significativas que possa ser obstáculos, entre OUA e o Movimento Pan-Africano, para o objetivo da unidade continental?

SS: Não existem diferenças fundamentais. A OUA, eu diria, é o nosso Movimento Pan-Africano na África com objetivos de libertação, cooperação e unidade dos Estados independentes africanos. O Movimento Pan-Africano tem também estes objetivos mas é acima de tudo dirigido para a unidade e solidariedade do povo negro onde quer que estejam vivendo. É uma expressão de simpatia de nosso povo, uma forma de encontrar posições em comum, uma maneira de nos reunirmos num espírito de pan-africanismo. Por exemplo, o último Congresso Pan-Africano (8º Congresso Pan-Africano, Dar Es Salaam, julho de 1974), e que foi o primeiro a ter lugar dentro do território africano, discutiu toda essa perspectiva do povo negro mas dentro de uma visão mais geral do que a reunião da Organização da Unidade Africana, que se limitou a problemas muito concretos, de perspectiva de curto prazo para a libertação do continente. Mas basicamente os objetivos são os mesmos e estão interrelacionados.

Por outro lado, é importantíssimo o Movimento Pan-Africano, porque onde quer que esteja, o negro tem algo em comum a repartir e através disso ele pode estar construindo um mundo melhor para os africanos da África e para os descendentes de africanos em todo o resto do mundo. Tomemos por exemplo, os Estados Unidos. Há cerca de 40 milhões de negros americanos de origem africana. Eles são americanos e não há questão sobre isso. Mas são americanos que têm afinidades e identidades com a África. Eles têm obrigação de tentar e ver até que ponto podem ajudar a África a se liberar. Porque de alguma forma a libertação da África ajudaria à própria libertação do povo como ser humano. Os negros nos EUA estão lutando contra a discriminação racial e por melhores oportunidades. A África não pode ignorar isso. Temos pois esta responsabilidade, porque a luta está baseada na mutualidade de posição. Eles têm o sentimento de pertencer ao continente africano e penso eu que eles sentiriam orgulho de ver o continente africano liberado. Eles sentiriam orgulho porque o fortalecimento da África é o seu próprio fortalecimento. E este é um ponto de



Alfabetização no campo: o país procura ganhar rapidamente o tempo perdido

vista dos objetivos do Movimento Pan-Africano.

Somos um povo do mesmo "stock" e temos uma enormidade de coisas a repartir em comum. Por exemplo, os brasileiros de origem africana têm o direito legítimo de estar interessados no que ocorre na África, assim como, na África, temos o maior interesse em acompanhar e de nos solidarizar com o que está acontecendo no Brasil e em outras partes. E deixe-me dizer claramente que não estamos de nenhuma maneira querendo fazer dos brasileiros de origem africana menos brasileiros, ou os negros americanos menos americanos. Pensamos que isto é de interesse dos brasileiros e dos americanos, culturalmente e economicamente, ter este intercâmbio e este entendimento com os africanos da África. Outro exemplo, é o caso de Cuba. Os negros de Cuba são cubanos. Originalmente, vieram da África, mas são cubanos, negros, brancos, mulatos. Mas porque existe um número muito grande de cubanos de origem africana isto constitui um fator que tem promovido relações muito próximas entre Cuba e os Estados africanos. Não se trata, pois, de um nacionalismo cerrado, cego, não se trata de algo como colocar a raça junto; é algo maior, mais amplo, alguma coisa absolutamente positiva.

Questão de Angola

C: O problema atual de Angola exige uma solução que ponha fim ao perigo de uma guerra civil e isto tem deixado o mundo em perplexidade para encontrar uma solução, uma solução que dê ao povo angolano a paz esperada depois de séculos de colonialismo. Qual a sua posição diante dessa emergência, e quais as possibilidades do povo angolano de encontrar a unidade nacional?

SS: Esta é uma situação delicada e muito séria. É um problema ao mesmo tempo extremamente complexo e que vem sendo complicado por interferência estrangeira. Acredito que não é um fato inesperado. A história da luta colonialista em Angola com suas ramificações e divisões conduziu à presente situação. Também acredito que não há outra alternativa senão encontrar, entre os três movimentos de libertação em Angola, um modus vivendi onde possam cooperar, mesmo nas formas mínimas, no interesse do povo angolano. Nem Angola nem a África têm interesse numa guerra civil. Angola é muito importante para a África, é um país com um potencial enorme, e também importante do ponto de vista estratégico para a libertação da parte sul da África.

Temos esperanças que nossos irmãos de Angola e particularmente os movimentos de libertação consigam limitar suas diferenças, porque assim poderá haver cooperação naquelas áreas de interesse comum do povo

angolano. Tem sido um desapontador, o fato de que acordos são estabelecidos, mas não são implementados e os três movimentos continuam a lutar por suas posições. Não quero culpar este ou aquele movimento pela continuidade da luta, mas é crucial que ela tenha um fim o mais rápido possível, a fim de assegurar a integridade territorial do país.

A este respeito, meu governo, em colaboração com muitos outros governos da África, tem invariavelmente trabalhado para a reconciliação e cooperação dos três movimentos pela formação de uma frente comum. Infelizmente tais esforços não têm tido sucesso. Mas continuamos a intensificar esses esforços, porque não podemos suportar irmãos lutando contra irmãos em Angola, indefinidamente.

C: Mas v. acredita que para assegurar a integridade territorial de Angola a possibilidade está na formação de um só movimento nacional capaz de estabelecer um programa único para o povo de Angola? O fato de permanecer três movimentos não creio ser a melhor solução para a unidade nacional...

SS: Bem, esta é uma questão difícil, mas penso e acredito que Angola já está constituída - com Cabinda - como um Estado soberano e independente. Isto naturalmente exige um governo central. Agora, como isso será resolvido vai depender de como os movimentos de libertação encontrem uma solução em comum. Certamente que de uma forma ou de outra vão encontrar esse momento de união. E um dos pontos importantes é que todos os três movimentos, sem exceção e sem qualificação, insistem sobre a integridade territorial do país. E penso que a África tem a obrigação de suportar este ponto, bem como as Nações Unidas.

C: Por que existe tão pouca relação entre os países da África com os da América Latina? Tanzânia, por exemplo, não tem relações diplomáticas com o Brasil, e no Brasil existe uma população muito grande de negros cuja origem é africana...

SS: Eu serei honesto. O fato de não termos relações mais próximas com os países latino-americanos é um fato que deploramos enormemente. E não podemos culpar este ou aquele continente. De fato, há uma limitada aproximação e existem pouquíssimas missões diplomáticas de países latino-americanos na África e vice-versa. Agora as relações estão sendo desenvolvidas. Penso que devemos fazer um esforço muito grande para ultrapassarmos as limitações e implementar nossas relações.

Mas há certos impedimentos, especificamente no caso do Brasil. O Brasil, inequivocamente, suportou por todo o período histórico o governo colonial em Portugal, com uma

tremenda insatisfação da parte de muitos países africanos. Nosso sentimento é que o Brasil deveria estar suportando o povo africano em sua luta anticolonial em vez de identificar-se com o governo de Portugal. Esta era nossa posição e isto foi um impedimento, baseado na falta de comunicação. Agora que o colonialismo português caiu, novas possibilidades estão abertas para desenvolvermos relações de todo tipo. Agora que não existe mais este impedimento creio que poderemos promover e consolidar as relações entre o Brasil e a África. Sentimos, para dizer a verdade, que o Brasil tem um importante papel a desempenhar na África, mas tem levado em conta a sensibilidade e os sentimentos da África. Veja, por exemplo, a colaboração do Brasil com o governo da África do Sul, quando esperava-mos que Brasil estivesse do lado daqueles que lutam pela liberdade. Não é nossa intenção interferir nos assuntos internos do Brasil, mas há pontos que nos diz respeito, como a questão do colonialismo, a luta contra o racismo etc.

Assim, esperamos que haja uma implementação das relações entre o Brasil e a África, mas o governo brasileiro terá que mostrar maior sensibilidade em relação a esses problemas.

Porque perceba que, nos campos econômico e cultural, existe uma enormidade de atividades que podemos desenvolver e muitos importantes laços de solidariedade existem entre o Brasil e os países subdesenvolvidos de África.

Em termos de relações continentais, eu diria que a África necessita da América Latina, assim como a América Latina necessita da África. Não só porque existem laços comuns, mas porque acredito que temos o mesmo e comum destino, e desejo que possamos ter uma maior comunicação, uma maior solidariedade. O presidente do México visitou muitos países da África, Echeverria esteve em Tanzânia, e o presidente Nyerere esteve recentemente no México.

Ênfato de que devemos trabalhar para uma comunidade de interesses, termos maior colaboração econômica, cultural e tecnológica, e mesmo no campo político. Quando começarmos a desenvolver um significativo intercâmbio cultural, por exemplo, vamos ver o quanto temos para contribuir um para o outro.

Direitos humanos no Chile

C: A violação dos direitos humanos no Chile chegou a um limite tal que há uma condenação internacional contra o regime militar do Chile. Tal condenação, ao mesmo tempo que se desenvolve uma ampla campanha de solidariedade com o povo chileno, poderá chegar também a um limite de impor sanções ao regime chileno. Crê v. que tais sanções poderão receber o apoio das Nações Unidas na atual assembléia geral?

SS: Posso dizer que a Comissão de Direitos Humanos da ONU expressou largamente sua preocupação com a situação chilena. O fato de o governo do Chile não ter permitido a entrada dessa comissão em seu território não fortaleceu sua posição, particularmente com respeito às violações dos direitos humanos. Certamente, a assembléia geral poderá levar em conta aquilo que a Comissão de Direitos Humanos apresentou em seu relatório, mas suas decisões poderão depender também da defesa do governo chileno.

Como você sabe, o Chile tem sido alvo de uma campanha que insistirei em dizer que não é um produto de um grupo de países socialistas ou comunistas, não é de iniciativa de Cuba que quer fazer a vida difícil para o governo do Chile.

Essa campanha é o produto legítimo da preocupação mundial pelo que está ocorrendo no Chile. Não se deve explorá-la como sendo de inspiração comunista, isto não ajudará em nada. A comunidade internacional está realmente consciente do que acontece e espero que a assembléia geral tomará as medidas guiada pelos acontecimentos que ali se desenrolam.

A posição da Tanzânia tem sido clara: nos opomos às violações dos direitos humanos no Chile. Desde que o presidente Allende foi deposto nosso governo tem condenado com todas as forças que dispomos a situação no Chile, e nossa posição na assembléia geral da ONU será guiada por nossa própria posição sobre a questão.

CLOVIS BRIGAGÃO

RIO COR - TEL: (021) 227-0020

PRONTO SOCORRO CARDIOLÓGICO

Centro de Tratamento Intensivo - Grupos especializados e o melhor equipamento

Resp. Dr. Mário Anache (5.278) - Dr. Raymundo Dias Carneiro (4.584).

Rua Farne de Amoedo, 86, Ipanema - Rio de Janeiro

MULTINACIONAIS ATACAM PELA AUDITORIA

Na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul o deputado Elygio Meneghetti, do MDB, focalizou um problema de interesse nacional: o exercício de auditoria empresarial por firmas estrangeiras e a série de conseqüências danosas que decorre dessa prática em prejuízo da empresa brasileira e da própria segurança do país. A entrevista a seguir, com o representante gaúcho, é uma importante contribuição na defesa do patrimônio nacional.

C - O debate sobre o exercício de auditoria por empresas estrangeiras, as denúncias formuladas e as teses que levantou na ocasião, merecem, sem dúvida, o conhecimento do país.

EM - Atrevamo-nos a dizer, com toda a tranqüilidade, que por mais grave que tenha sido qualquer depoimento prestado na CPI do Congresso Nacional sobre as multinacionais, não será tão grave quanto aos relatórios que as empresas de auditoria possuem das empresas, tanto da iniciativa privada e exclusivamente brasileiras, quanto das sociedades de economia mista e das próprias multinacionais que operam em qualquer atividade no Brasil, se esses auditores usarem esses relatórios para informações a grupos, especialmente estrangeiros. Para que se verifique como o fato é realmente importante, vamos dizer alguma coisa do que uma auditoria pode verificar numa empresa. Isto que vamos enumerar é a razão de contrato entre a empresa que vai executar o serviço e a auditada. É exigência para execução do serviço. Se a empresa de auditoria não tiver essa liberdade não pode realizar um serviço a contento e se assim não fosse seria inclusive contrário às normas gerais de auditoria.

O auditor pode realizar uma verdadeira radiografia do passado, do presente e pode projetar-se no futuro da empresa. Verifica situação financeira, situação econômica, patrimônio, custo, rentabilidade, mercado, estoques, bens patrimoniais, contratos de todas as espécies, sistema administrativo, política de pessoal, possibilidade de expansão, tecnologia operacional, técnicas de produção, distribuição de produtos, de lucros, quem são os acionistas etc. Em resumo, pode saber qualquer coisa que queira, e ainda tirar as conclusões que desejar, em termos de economia e desenvolvimento.

Temos firme convicção de que muitas indústrias brasileiras que foram vendidas tiveram a sua cotação maior ou menor graças ao conhecimento dos relatórios desses auditores. Outras tiveram um período maior ou menor de tempo para serem adquiridas. Se tiveram conhecimento desses relatórios, puderam como podem, escolher a região ou o ramo de atividade de maior interesse, na compra mediata ou imediata e, ainda, se interessava a compra ou não. É um assunto de alto interesse para o País e que envolve a própria segurança nacional.

Esta afirmação, afóra outras que fazemos, está baseada no seguinte: quando as empresas brasileiras passaram para o controle estrangeiro, aquelas poucas que tinham contrato com firmas de auditoria brasileira, os contratos de auditoria foram cancelados e feitos com empresas de auditoria estrangeira. Se essa afirmativa da segurança nacional não for aceita, pergunta-se: qual o motivo da troca, se os auditores brasileiros preenchiam, como preenchem, todos os requisitos exigidos pela legislação brasileira e fiscalizados pelos conselhos de contabilidade e o Banco Central?

A simples leitura dos pareceres de auditoria de balanços publicados na imprensa demonstra claramente que as empresas estrangeiras

são, sempre, ou quase sempre, auditadas por empresas estrangeiras de auditoria. Esse procedimento encontra fácil explicação: no entender dos investidores estrangeiros a auditoria visa a resguardar os interesses dos mesmos. Assim, temos empresas estrangeiras auditadas por empresas estrangeiras, tornando, com isso, se for por via administrativa, impossível ao País tomar conhecimento de qualquer dado que pudesse interessar ao povo ou ao próprio governo brasileiro.

Tudo isso gera conflitos com os interesses nacionais, pois, se as empresas estrangeiras de auditoria tiverem a sua atividade e lealdade voltadas para os investidores estrangeiros, dos quais são as únicas a merecer confiança, é absolutamente lógico que trabalhem e decidam a favor daqueles que lhes depositam confiança.

É natural que muitos dos interesses dos investidores estrangeiros não coincidam com os dos brasileiros e por extensão não podem coincidir com os interesses do governo brasileiro, o que levará, fatalmente, as empresas estrangeiras de auditoria a agir contra os interesses nacionais, omitindo ou ocultando informações importantes para a segurança nacional, ou, ainda, transmitindo para o exterior informações que dificultem a ação do governo. O raciocínio parece-nos por demais lógico, pois não seria cabível que no momento de surgir conflitos entre empresas brasileiras e estrangeiras, esses auditores agissem efetivamente em favor do Brasil.

C - Teria algum fato concreto a mencionar?
EM - Para ilustrar, vamos citar o fato acontecido com a United Brands Co. de NY, empresa bananeira. Acionistas daquela empresa moveram queixa crime em conseqüência de subornos multimilionários pagos a funcionários de governos de países produtores e consumidores de banana para conseguirem vantagens tributárias e comerciais.

A empresa de auditoria dessa bananeira era a Price Waterhouse Peat & Co., a mesma que tem escritórios aqui no Brasil e que audita muitas empresas brasileiras. Essa empresa de auditoria sabia do suborno que havia custado 1 milhão e 200 mil dólares, no entanto, isso nunca constou dos relatórios dessa auditoria multinacional por temor de prejudicar a sua

protegida. Na verdade, prejudicaria aos diretores que são os encarregados de fazer os contratos de auditoria. Para essa auditoria os acionistas não importaram pois não eram eles que decidiam, mas sim os diretores, seus protegidos.

As empresas de auditoria brasileira são preteridas por exigências de grupo financeiros como o Bid, Bird, Eximbank, etc, pois quando da solicitação de empréstimos os relatórios devem ser acompanhados de pareceres de auditoria, entretanto, os nomes dos auditores são tirados de listas onde consta somente nomes de auditores dessas empresas. Procuram o monopólio de todas as formas, não só no fato acima citado como na influência que exercem na confecção dos estatutos das sociedades anônimas onde procuram colocar em algum artigo a exigência de auditores com "reconhecida capacidade internacional". Isto é dar preferência aos estrangeiros sobre os brasileiros. É tornar os brasileiros cidadãos inferiorizados em sua própria pátria.

Essas empresas de auditoria estrangeira procuram, por todos os meios, desmerecer e desmoralizar os auditores nacionais. Pudemos afirmar, com total certeza, que o currículo escolar das nossas faculdades e as exigências do Banco Central são de alto gabarito e só pode ser auditor quem é realmente capacitado.

Mas vamos esclarecer alguns pontos sobre esses intrigantes, dizendo que temos estudado o comportamento de alguns dos pseudo auditores da Price quando iam executar os serviços na Refinaria Alberto Pasqualini. Os que iam lá, eram ainda estudantes de 1º e 2º ano da Faculdade de Ciências Contábeis e não entendiam quase nada, aliás, a eles só interessava os dados dos balancetes, dos balanços e outros relatórios que nós mesmos confeccionávamos. Eram meros compiladores de dados que de posse deles voltavam aos seus escritórios centrais.

Ainda no que se refere a Price, devemos salientar que os relatórios são feitos nos seus formulários convencionais, em inglês. Quando os pseudo auditores estavam executando serviços da Refap e precisavam de informações

do escritório de Porto Alegre, os contatos telefônicos eram mantidos em inglês. Sabemos também que tiveram ou ainda tenham dentistas como auditores. Sabemos ainda que diversos chilenos têm trabalhado ou ainda trabalham na Price, em Porto Alegre, sem nenhuma habilitação nos moldes exigidos pelo nosso País. Temos informações, igualmente, que como os citados, a gerência da Price, em Porto Alegre, não tem habilitação profissional brasileira. Apesar de tudo isso, os ingênuos brasileiros entregam o que existe de mais sagrado em sua empresa, nas mãos desses "técnicos", via-de-regra incompetentes.

Vamos revelar mais um fato, com dados reais, só omitindo alguns nomes, pelo menos enquanto não se fizer necessário decliná-los. Uma empresa gaúcha abriu concorrência para execução de serviços de auditoria. Quem ganhou foi a Price, com o valor de 40% mais elevado que a outra empresa gaúcha e brasileira. Qual o motivo? Exigência de um banco internacional.

Nos congressos dos órgãos de auditoria, em todas as comissões de estudos e debates, estão os chamados testes-de-ferro das empresas de auditoria estrangeira. Num desses, foi aventada a hipótese de intercâmbio de informações de caráter internacional.

Não bastam as informações que embora sigilosas poderão estar prestando aos grupos econômicos internacionais, querem transformar isso em método de rotina. Se tal acontecesse, aonde iriam parar os assuntos da área econômica do nosso País? Aonde iria a nossa soberania e segurança? Quem não sabe que o maior fator da soberania, justiça social e bem-estar de uma nação está embasado na área da economia?

É inacreditável que empresas genuinamente brasileiras como a Petrobrás, Eletrobrás, Vale do Rio Doce, Banco do Estado do Rio Grande do Sul e tantas outras, cujas provas, algumas, temos conosco, sejam auditadas por empresas estrangeiras. Quanto ao Banco do Estado do Rio Grande do Sul, não foi feita concorrência para contratar o serviço dessa multinacional. Aliás, com quantas empresas terá ocorrido o mesmo.

Dessas empresas de auditoria, a que se tem caracterizado mais como empresa multinacional é a Price Waterhouse Peat & Co., e é a que mais executa serviços de auditoria, aqui no Brasil.

Não seria por influência dos relatórios dessas empresas de auditoria que o governo brasileiro proibiu o aumento de capital das sociedades de economia mista com a argumentação de que para se desenvolverem não precisavam desse dinheiro?

Tem-se falado que o petróleo é a maior garantia para a segurança nacional. Realmente, somando-se a ele o dinheiro, representado pelos órgãos financeiros que propulsionam tudo, está a essência da soberania e da segurança nacionais. No entanto, os órgãos que administram essas riquezas são auditadas por empresa estrangeira.

C - Que medidas poderiam ser adotadas para impedir fatos tão graves?

EM - A exemplo dos países mais desenvolvidos é necessário e urgente que os serviços de auditoria sejam executados exclusivamente por empresas brasileiras compostas somente de brasileiros. Considerando que essa atividade envolve a soberania e a própria segurança nacional, sugerimos o seguinte: 1) proibir o exercício de auditoria a empresas estrangeiras; 2) somente brasileiros devidamente habilitados podem executar serviços de auditoria; 3) proibição de acordos operacionais entre empresas brasileiras e estrangeiras de auditoria; 4) mesmo sendo brasileiras, às empresas de auditoria deve-se proibir o uso de denominações internacionais e estrangeiras; 5) os sócios das empresas de auditoria deverão ser hábeis, segundo a lei brasileira e também, brasileiros.

Temos que nos conscientizar que os segredos industriais e comerciais são muito importantes, não só para as empresas como, e principalmente, para o País.



Viver no Brasil ou na Europa? Gostar do verde ou do azul? Comprar um chevrolet ou ford? Ler JB ou O Globo? Na verdade, pode-se substituir qualquer coisa: a igreja pelo comércio, a crítica cinematográfica de José Carlos Avelar pela da Miriam de Alencar, a mãe por um tutor, a mulher amada por uma mulher com quem se vive. Pode-se substituir qualquer coisa por outra, exceto duas: a vida e a criação. Sua insubstituibilidade é sua primeira e mais importante identificação. Tanto a vida quanto a criação, só permitem uma única chance ao homem, de conhecê-lo, conhecendo que é, ao mesmo tempo, sua prática.

Não se trata de uma chance de momento, mas sim existe o momento da chance, que é o momento do início da sua prática; a partir desse instante, o aproveitamento da chance dura tanto quanto a própria duração da vida e da criação: ou então a chance é perdida.

A contradição entre a vida e a criação reside em que a primeira é o lado particular, e a criação o lado universal. Do particular (subjetivo) passamos ao universal (objetivo) para alcançarmos novamente o particular. O momento exato, tanto no que toca o subjetivo quanto o objetivo, da chance, é o momento da metamorfose, o instante exato em que o antagonismo entre as condições internas chega a um grau máximo, obrigando o

que não chantagem: não se vive sem criação, não se cria sem viver.

O pessimista não pode no nosso atual momento histórico ser um criador; o otimismo é uma virtude básica do processo criativo, desde que o objetivo, isto é, desde que não seja fruto de uma necessidade "moral", subjetiva, mas de um entendimento franco, sincero e direito do ser com a evolução histórica.

Constitui, por exemplo, um grande motivo de otimismo que, apesar da estagnação da escola cinematográfica soviética (Dziga-Vertov/Eisenstein/Pudóvkin), a chama viva do espírito criativo cinematográfico (Godard/Rossellini/Losey/Straub/Glauber) no mundo não tenha se apagado, e, ao contrário, tenha se aivado e se enriquecido pelos povos. E que o espírito criativo hoje demonstra-se parte integrante das necessidades íntimas do ser e não apenas produto de um estado econômico. É significativo, por exemplo, que o processo criativo prossiga como tal, não só nos países cuja economia se baseia no proletariado, mas sim nos países mais próximos, econômica, social, sociologicamente da natureza do homem.

É o otimismo uma das virtudes básicas do processo criativo; e emprego esse termo lembrando «La Guerre Est Finie»,

origem e seu sustentáculo político-existencial.

Perante as graves contradições que solapam a moral e a ideologia hollywoodiana, seus suportes podem ser circunstancialmente otimistas (Coppola/Bogdanovich) ou pessimistas (Aldrich/Füller) — por isso que jamais podem ser considerados revolucionários. Têm medo de ir até o fim, um medo que se movimenta à necessidade de manter o "status quo". Ora, o estatismo é a morte.

A ideologia da transformação cultural que se processa hoje em Godard, Buñuel, Glauber, Losey, Straub e Bergman, é parte do grande movimento cultural que se processa desde remotas eras. Invento o termo Ideologia para expressar uma situação objetiva e original, a saber, desde os trágicos gregos, ao despertar dos povos que compõem a América Latina, África e Ásia.

E este processo de reflexão cultural, político, social, vem do fundo do oceano dos interesses e da necessidade de organização e meditação.

A abertura cultural é permanente («Os Inconfidentes»), seu símbolo é a consciência («O Rei da Vela»), sua forma de existir (a importância de Roberto Farias na direção da Embráfime), de ser («Uirá»), é a resistência («Os Meios de Produção» de André Tonacci e «Assuntina

espécie humana. Se for ou se tornar geográfica ou politicamente limitada, deixará de ser criação, deixará de ser humana.

Hoje, porque o Cinema recorre analiticamente a uma nova metodologia narrativa e não oficial; por isso que sobre ele se abate a fúria apocalíptica de Hollywood e seus cúmplices oficiais ou não. É este cinema permanentemente humilhado, conflituado, que ideologicamente põe em xeque o maior "espetáculo" do mundo; e como solapando esse espetáculo observa-se o aguçamento das contradições do mundo hollywoodiano. Deduz-se que o combate visceral a Hollywood é, neste dado momento, o principal aspecto da contradição principal entre o "espetáculo" e o científico poético de uma abertura regular e gradativa. E sendo esse combate o principal aspecto dessa contradição principal, a ele deve ser dada a prioridade de ação a ser desenvolvida pelos cineastas livres e independentes. Todos os outros aspectos (no cinema) são secundários porque não conseguem, como consegue a luta científica, solapar o cinema ideológico de Hollywood e sendo objetivamente secundário, se aos cineastas damos a prioridade de ação, transformamo-lo sem aspectos supostamente principais; daí, a luta fica sendo subjetiva, de onde des-camba necessariamente para a metafísica como modelo.

tecnocratas dos quadros do Instituto Nacional do Cinema? Quem é político? Aquele que faz do seu corpo (Humberto Mauro) e do seu sangue (Glauber Rocha) a consciência das imagens, o exemplo vivo da abertura em marcha, que enfrenta e enfrenta fisicamente o esteticismo-técnico-vazio de Hollywood, ou aqueles que confortavelmente em seus "jornais" deformativos pretendem enfrentar a ideologia do espetáculo alienante através de uma suposta liberalização das artes, de uma falsa liberdade de pensamento (falsa porque não leva a uma liberdade de ação), através de uma vã disputa econômica e industrial que transforma os cineastas em burguesia alienada do processo histórico, num estágio de identificação do homem com a burocratização da manifestação criativa? Quem é político? Se nos mantivermos calados fortaleceremos os inimigos. Estaremos permitindo em silêncio que alguns cineastas (Vertov-Godard) morram lutando por idéias novas num mundo pré-estabelecido com atitudes velhas de relação de "poder", de relação de produção e de relação de prazer.

É preciso jogar fora nossa mentalidade liberal-acomodada e vomitar analiticamente, os restos do passado que nos impedem de viver e criar com liberdade, sem medo de estar livre. Nós faremos isso, mais dias, menos dias, mas é preciso

cultura imperialista ocidental, fará na América Latina.

Tocou-nos esta sorte, motivo flagrante de um enorme otimismo: a de termos a possibilidade de enterrar o monstro vivo. Ora, o cinema popular tem uma relação evolutiva constante. Como em todo processo evolutivo, há altos e baixos. O cinema político-popular atingiu seu mais baixo nível com a burocratização e tecnocratização da escola Vertov-Eisenstein; atingiu um alto nível com o despertar da cultura latino-americana (a qual só pode continuar revolucionária enquanto não se limitar à realidade e às necessidades de um só pólo de atenção). A oposição do público a uma concepção nova de linguagem e conteúdo (Os Inconfidentes/Uirá) é uma derrota, mas a realização de filmes como «O Rei da Vela», «Honesto? Só aos 18», «Quadrinhos do Baralho» e outros, mesmo não sendo exibidos, é uma vitória. Através das derrotas e das vitórias aprendemos mais com as derrotas e menos com as vitórias.

Tendo o cinema oficial perdido a capacidade de liderança e não tendo mais condições de tomar criativamente uma iniciativa política, fazia-se necessário uma autocritica, pela qual se pudesse estabelecer uma análise metodológica que permitisse ao cinema tomar a iniciativa perdida e reconquistar sadamente o apoio do público. Essa nova metodologia é a linguagem e o conteúdo do cinema independente, primeiro passo a ser dado a um processo de abertura permanente.

No estágio de abertura, também há erros e acertos, derrotas vitórias, mas em cada uma das suas fases e realidade corre pela consciência. Não se trata de uma abertura que eclode, morre ou sobrevive, mas sim de uma nova batalha perdida ou ganha da mesma abertura. Nesse processo de desenvolvimento integrado e real, falta ainda ao nosso cinema uma concretização teórica (excluindo obviamente os mestres Paulo Emílio Sales Gomes e Jean-Claude Bernardet), os nossos jovens cineastas são ainda teoricamente fracos, porque não contam com a necessária experiência e porque não põem em prática suas idéias. Essa falta de prática e de experiência é que impede o surgimento de uma teoria científica das manifestações culturais latino-americanas. Por outro lado, essa convulsão física é que põe à prova as teorias, demonstrando sua subjetividade ou sua objetividade. E dela também que nascerão os verdadeiros líderes, através da falência do profissionalismo criativo e do aquecimento do homem no fogo lento da consciência e do conhecimento íntimo de nosso povo, de todos os povos.

Em nossa época, era de um "ato de violência", os "sentimentos" morreram; ergue-se um falso sentimentalismo conseguindo através de uma luta subjetiva e vã por uma suposta liberdade pessoal e artística, que esquece o povo através do esquecimento de que se formou uma santa aliança (no caso do cinema produtor/exibidor) contra o público oprimido nas suas manifestações vitais e humilhadas. O indivíduo morreu "e a coletividade é como um sino que toca". Obviamente, essa tomada de posição é operacional e tática, e não se pode transformar em estratégia: trata-se de um meio e não de um fim. Confundir os meios com os fins é próprio dos antipovos, dos tecnocratas e dos burocratas; contra todos eles devemos convergir as nossas ações.

O cinema não muda nada, assim como o teatro, a música, ou qualquer outra atividade tomada isoladamente. "Cada coisa é importante no seu lugar e no seu tempo, se cumpre perfeitamente com sua função". Em cada um dado momento, a contradição principal toma um aspecto principal; e a ele deve ser dado prioridade, tudo o mais é secundário. Nunca vi com bons olhos a arte dirigida e de uma certa forma a arte engajada. Provam o que digo os meus trabalhos anteriores como «O Jardim das Espumas» e mesmo «Imagens». Estava mais ou menos convencido das teorias da "arte-democrática-burguesa" e dos direitos do indivíduo. Estava cego frente aos objetivos de Hollywood e não compreendia bem a nova teoria política da dependência, que na época era o subdesenvol-

vimento. Houve então o retrocesso histórico a inteligentsia liberal fugiu ou foi expulsa, o diálogo morreu.

Sinceramente: é possível um diálogo franco e aberto entre explorador e explorado? Pode (no caso do cinema) Hollywood permitir filmes abertos ideologicamente contrários na teoria e na prática ao seu processo de alienação? A máquina propagandista de Hollywood super-tecnizada e apoiada por seu extraordinário poder econômico, financeiro e industrial, pelos ultradesenvolvidos serviços de informação e espionagem (CIA) conseguiu de fato criar uma superestrutura cultural, que levou à americanização de vastas áreas da população do mundo. A propaganda — contudo é bom deixar isso bem claro — faz parte da superestrutura e não pode formar a "consciência das civilizações" se a estrutura correspondente e se o resto da superestrutura não estiver respondendo às necessidades da realidade. Essa é uma lei sociológica e histórica da qual não se pode fugir. Conta-se que numa determinada parte deste continente, um grupo do Corpo da Paz formou em uma aldeia latino-americana, uma administração local: o primeiro ato dessa administração foi expulsar o grupo do Corpo da Paz.

Vejam bem que não procuro subestimar a propaganda venenosa e irracional do inimigo, mas que apenas acredito que a realidade é muito mais forte que qualquer propaganda, e que um aculturamento teledirigido não tem condições de inventar uma realidade que possa suplantar a verdadeira. Exatamente por isso acho que a principal tarefa do intelectual honesto e consciente das necessidades do seu povo e de sua época é convencer. Para isso precisa dos meios de comunicação: se não os tem, e se pretende continuar a magna tarefa de intelectual consciente, precisa procurar novos meios de ação. Se a burguesia americanizada por motivos classistas, não se pode convencer, pela argumentação intelectual e artística, de que é um fantoche do imperialismo; e se por esse motivo não se pode levá-la à luta nacionalista (porque ela nunca travará uma luta ideologicamente política, porque isso seria abandonar seu caráter de classe) então é necessário buscar outro método de ação e nova linha de pensamento.

Se o público, resignado e apático, não é despertado pela argumentação intelectual e artística, então essa argumentação de nada vale dentro de um ponto de vista prático. Frente a essa situação concreta, será válido continuar nas mesmas posições do passado, quer dizer, fazer voltar o cinema ao passado como exemplo? «A Estrela Sobee» ou «O Duelo Sagarana»? Que ingenuidade mortal e hipócrita. Frente a nós há um inimigo brutal, vivo, implacável, técnico...

Nós, intelectuais da grande tradição da resistência ocidental às opressões, da raça dos Giordano Bruno, dos Marat, Artaud, Brecht, Wilhelm Reich e de tantos outros, cujo símbolo maior é a lenda de «Prometeu», estamos humilhados... Desgarramo-nos da civilização ocidental, ora dominada pelo irracionalismo do espetáculo made in USA. Morreremos solitários e angustiados se não formos a intimidade de nossos atos, única fonte legítima de humanismo. Mas se persistirmos em tentar salvar a nós mesmos, através de uma luta metafísica pela "arte" livre e pelo pensamento individual, cometeremos a suprema hipocrisia, a inumana covardia de deixar o povo às feras, de recusarmos ser auxiliados pelo povo. Não salvaremos nada, destruiremos tudo, inclusive a nós mesmos. Não se iludam, o público é capaz de enormes equívocos (Mazzaropi/Braz Chediak/TV Globo), mas também de sacrifícios sem conta — por isso que a chave da questão é a própria questão. Eu creio, plenamente, que a melhor propaganda que se pode fazer, não é propaganda das batalhas que se perdem ou se ganham, mas das que se travam, porque essa é a única ação que levará Hollywood a arrancar a máscara democrática e mostrar-se em todo o seu irracionalismo e brutalidade.

LUIZ ROSEMBERG

"Nos tempos que tirão não se dirá
Os tempos eram sombrios.
Mas: por que os poetas se calavam!"

O grito de Glauber Rocha continua sacudindo a poeira, levantando o pó em que parece mergulhado o cinema brasileiro.

Primeiro falou Paulo Cesar Saraceni, no último depoimento foi de Gustavo Dhal. Nesse meio tempo o debate iniciado por este jornal

com o grito do criador de «Deus e o Diabo na Terra do Sol», passou a repercutir em todos os meios culturais do país, não apenas entre a gente de cinema.

Mereceu inclusive de Movimento, um comentário em seu número 12.

O anunciado depoimento de Nelson Pereira dos Santos ainda não chegou da

Bahia, mas deve estar a caminho.

Outros vão falar, Joaquim Pedro entre eles.

Hoje a palavra está com Luiz Rosemberg, realizador de «Jardim das Espumas», «Imagens» e do ainda inacabado «A\$untina das Américas».

TESTAMENTO DOS 30 ANOS OU RETRATO DE UM ARTISTA QUANDO JOVEM

movimento até então desenvolvido a transformar-se qualitativamente. Na vida (lado subjetivo) esse fenômeno, condicionado por fatores externos (lado objetivo), e causado por fatores internos (subjetivos) provoca por sua vez o nascimento no interior do ser, de uma nova consciência existencial e política. Na criação (lado objetivo) esse fenômeno, causado por fatores internos (subjetivos) e condicionado por fatores externos (objetivos) provoca por sua vez a transformação qualitativa da sociedade, através do aniquilamento de uma "consciência" por outra, surgindo assim uma nova sociedade. Tanto na vida quanto na criação, a perda, por qualquer motivo, do momento preciso para o início da sua prática, transforma o homem em marionete, em um homem medíocre (tendo como modelo o cinema oficial de Khoury a Bráulio Pedrosa). A chance, em ambas, persistindo ao longo da sua própria duração, não se pode ir e voltar, não se pode banhar-se no mar sem se molhar o corpo; faz-se necessária uma convicção profunda (Glauber Rocha), uma entrega total e consciente (Zé Celso), uma intransigência absoluta (Joaquim Pedro e André Tonacci). Não se pode fazer bla-

em que uma personagem diz "que a paciência e a ironia são as virtudes básicas do bolchevismo". Entretanto, nem a paciência, nem a ironia são objetivas, já que dependem do indivíduo e não do grupo. Quero dizer que, dentro de um movimento (neo-realismo, revolução modernista de 22, cinema novo, nouvelle vague) cultural, podem haver pacientes e impacientes, irônicos ou não-irônicos, sem que se modifique sua ação ou sua estrutura; mas dentro dos mesmos movimentos não pode haver otimistas e pessimistas, sem que isso deixe de provocar uma grave falha na sua forma e no seu conteúdo, quer dizer, na sua ideologia. E mais: o otimismo não é um termo vago e nem descontínua é a sua ação, não se movimenta ao sabor dos acontecimentos; um homem cheio de ironia pode perdê-la ao ter uma dor de barriga ou ao sofrer um choque emocional. O paciente pode perder a paciência em tantos outros casos. Mas o otimismo não é um fenômeno de momento, é um dever absoluto que se transforma em um direito quando o indivíduo adquire plena convicção da importância ideológica criativa é plena confiança no público que, em primeira e última instância, é a sua

das Américas» de Luiz Rosemberg Filho); nela, por ela, a vitória e a derrota são circunstanciais, sendo de profunda necessidade a manutenção do espírito rebelde, do espírito não-burocrático.

Não há criatividade isolada: há uma única grande criação, que não sofre soluções de continuidade, e que, através dos saltos qualitativos, passa de um nível inferior (a luta pelo domínio da produção e exibição) a um nível superior (o sucesso analítico e de público do filme «Guerra Conjugal»). Nesta atitude de permanente abertura (o surgimento de novos cineastas como: Carlos Prates, Oswaldo Caldeira, Arthur Omar, Eliseu Visconti), há vitórias e derrotas, mas o fundamental, o que dá sentido à abertura, é a luta permanente de resistência às forças do inumanismo, hoje com o aspecto do "espetáculo" hollywoodiano (como exemplo a superficialidade analítica de «A Estrela Sobee», todo calado no processo narrativo e ideológico de Hollywood), sempre defensor do inumanismo, do burocratismo e do imobilismo. Esse nosso estágio de abertura único é só pode ser universal e total, sem flerte intelectual com o passado: é a luta da



Rosemberg, incluindo A\$untina

O combate aberto a Hollywood em sua fase (última) imperialista, assume, dadas as condições internas e externas da mesma luta num plano mais amplo, a forma didática de guerra aberta e declarada (com a necessidade obrigatória do aumento de número de dias para o cinema brasileiro) aos interesses deformativos do sr. Harry Stone,

Suportando todo tipo de pressão e deformação cultural, os cineastas da América Latina, África e Ásia observam, e aprendem sua lição numa escola que vem de Serguei Eisenstein a Glauber Rocha e Jean-Luc Godard. Ora, sendo Godard / Glauber/Straub/Losey/Bergman a vanguarda atual da ideologia cultural, têm o mérito, o direito e o dever de mostrar claramente quem é político em profundidade e quem é reacionário até mesmo superficialmente. Através de suas derrotas e de suas vitórias, este quinteto ensinam-nos na prática o valor político-existencial da resistência cultural.

Quem é por um cinema político? Os cineastas como Glauber Rocha e Jean-Luc Godard ou os atuais burocratas e

que fazemos rapidamente. Prefiro ver o universo desaparecer, desintegrado, a ver a derrota de um cinema independente, livre épico-científico e popular. Mas popular sem ser a imitação venenosa das fórmulas fáceis fornecidas pela santa aliança de Hollywood com as televisões do chamado mundo livre. Conheço ou sem nós, o público, mais cedo ou mais tarde, se levantará contra seus opressores. É pois nossa tarefa de homens estarmos à frente do público a fim de o ajudarmos a não ceder, por falta de conhecimento político, histórico ou por ignorância da forma de agir frente ao exército da cultura oficial importada, com todos os seus disfarces.

Em termos de colonização, a América Latina é o único e último grande celeiro de que Hollywood dispõe. Sem este continente, Hollywood não poderá sobreviver como cabeça da ganância ocidental. A política de escravização deformativa que ele ora tenta no sudeste asiático (apesar de estar ferido em duas deploráveis derrotas), posta em cheque pela determinação do povo indochinês, é apenas uma amostra, um ensaio, do que a cultura capitalista industrial, cabeça da



WAGNER

A FALÊNCIA DO ENSINO BRASILEIRO

O sistema educacional brasileiro está doente, muito doente. E isto é péssimo para o país. Políticos, estudiosos, educadores, estudantes e professores que afirmam isso falam com o sentimento de quem está indo ao enterro. E a um melancólico enterro de terceira classe.

"A triste realidade educacional do Brasil, quando comparada com a legislação e com os documentos triunfantes, eufóricos e otimistas do MEC, dão a impressão de que nesse setor de fundamental importância para os destinos da nação, o governo federal, nos últimos anos, vem fazendo puro e simples surrealismo". A declaração é do deputado Antônio Morais, da bancada cearense do MDB, em discurso que pronunciou na Câmara dos Deputados analisando o que ele chamou de a falência do sistema educacional brasileiro. As conclusões do representante oposicionista são fundadas no trabalho "Modelo de Análise do Sistema Educacional", elaborado por uma equipe da Universidade Nacional de Brasília, sob a coordenação do professor Januário Flores, um dos muitos estudos que orientaram as discussões do 8º Encontro de Secretários de Educação e de Presidentes dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação, realizado em maio passado na capital federal.

No Rio, o professor universitário Thales da Costa Moreira Filho declarou que

além do ensino brasileiro não ter sequer acompanhado "o desenvolvimento do processo industrial", os professores universitários são mal remunerados. A universidade está vazia e falta de tudo, na grande maioria dos Estados. "Os estudantes que afirmam isso, são mal olhados dentro da própria escola. Têm hábitos estranhos, porque o homem que pensa hoje, aqui no Brasil, quando não é tachado de nocivo à situação, é maluco", afirma, por sua vez o professor Carlos Henrique Escobar.

Isso num país com dois terços de sua população constituída por pessoas na faixa dos 25 anos de idade, um dado que deve ser encarado com otimismo, em perspectivas futuras. Na faixa acima dos 10 anos de idade, "apesar dos Mobrais", o Brasil possui 32 milhões de analfabetos e 16 milhões de semi-analfabetos. Agora, é sempre bom lembrar como é que o Mobral considera um cidadão alfabetizado. Assim, na América Latina, canteiro e quintal do Tio Sam - um certo personagem de história em quadrinhos - o Brasil ocupa "o humilhante 13º lugar sem grau

de comparação com a Argentina, Uruguai, México, Equador e Peru", afirma o deputado oposicionista Antônio Morais. Em Brasília, o soar de novas trombetas afirmam que "até o final de 1976, cerca de 100 mil alunos carentes deverão estar custeando seus próprios estudos, através de financiamentos concedidos pelo governo federal".

Enquanto isso em Pedro II, interior do Piauí - o Estado mais pobre da região (Nordeste) mais pobre do Brasil - o deputado Manuel Nogueira Filho, do MDB, continua com seu método próprio e firme, no combate ao analfabetismo brasileiro: com verbas do próprio bolso, ele paga os professores e manda construir salas de aulas, "lousas e carteiras, para quem quiser estudar, independente de qualquer orientação política". Conta com o apoio dos padres alemães da paróquia de Pedro II. E assim o ensino vai andando no Brasil: com as generalizadas deficiências do curso primário passando pela batalha homérica com o fantasma do vestibular, até esbarrar no grande sonho: a universidade, onde se

passa geralmente cinco anos e se sai doutor e bem preparado, para enfrentar a concorrência desleal e as deficiências do mercado de sobrevivência.

O ensino faliu

Para o deputado Antônio Morais, o ensino brasileiro faliu completamente. E como todos os estudiosos da problemática do ensino questiona até onde existe realmente esse grande sonho vendido a prazo pela universidade ao estudante brasileiro.

A universidade solta todos os anos centenas de novos profissionais liberais. Os jornalistas que sonham com os grandes jornais, televisão etc., acabam sempre "assessor de imprensa" de uma repartição do governo ou empresas multinacionais. Com os médicos, o Instituto Nacional da Previdência Social é o grande empregador. Esses novos profissionais liberais que a universidade solta todo ano, desde o curso primário que se habituaram a coisas como não andar descalço, seja bem comportado na escola, beba mais leite, esse longo rosário de recomendações que já influem e se chocam com a própria realidade sócio-econômica e política, desde o curso primário. Como o próprio corpo humano, certos hábitos, padrões e normas de comportamento, envelhecem. Por completo.

Como funciona nosso sistema educacional? O deputado Antonio Morais vai buscar a resposta nos quadros da evasão escolar, "o melhor parâmetro para se aferir" sua eficiência. Mostra então: "No Brasil, a média nacional de evasão, segundo os últimos dados oficiais, consideradas apenas as conclusões do ensino de 1º grau, ainda é de 84,9%, índice superior ao das Filipinas e da Nigéria e somente comparável aos do Haiti e do Nepal. No meu Ceará, a taxa vai a uns alarmantes 92,0%, e mesmo em regiões urbanas por excelência, como o Rio de Janeiro e Brasília, ainda é de 66,3% e 66,6%, respectivamente. O rendimento real da escola de 1º grau, quem o diz é o trabalho do professor Januário Flores, fica no infinitésimo dos 0,090, enquanto no Ceará mal atinge os 0,055, ocorrendo ainda situações mais graves, no Maranhão, no Piauí, no Amazonas e no Acre."

Chama a atenção para o que isso significa em termos de oneração de custos e desperdícios de recursos materiais e humanos, e acrescenta: "Para que a nação se estarreça com, e se conscientize da magnitude do problema, basta dizer-se que, a ser mantida a tendência atual, a situação somente será corrigida na longinquidade do ano 2.200. Não, não houve engano da minha parte; eu disse, realmente, no ano 2.200. Vale dizer, somente daqui a quase três séculos, somente com mais 72 anos além de todo o período que vai das priscas eras da proclamação da independência até os nossos dias, é que o Brasil teria condições de apresentar um sistema educacional com produtividade desejável - repito, a ser mantida a tendência atual.

Nilson Lage é professor universitário. Ensina na Estácio de Sá e na Universidade Federal Fluminense. Para ele, o ensino brasileiro experimentou nos últimos anos uma transformação de natureza quantitativa, afirmando que "os dados são notáveis a este respeito: passamos de mais de 100 mil universitários para um milhão de estudantes." E acrescenta: "Houve assim, é claro, um grande prejuízo de qualidade. A expansão se fez predominantemente na área do ensino particular, mantendo-se a forma legal de universidades sustentadas por organizações "sem fins lucrativos." Até que ponto todas elas não têm realmente fins lucrativos?

Outro aspecto, segundo ele, é o da proposição do que venha a ser a própria universidade: "seu objetivo tanto pode ser a formação do profissional para o mercado de trabalho quanto a reflexão sobre a realidade e a pesquisa de novos processos. Parece-nos que esses dois últimos objetivos não acompanharam a expansão do primeiro. Mas a formação profissional também esbarra em vários problemas: na realidade, muitos alunos apenas cursam a universidade como fórmula de ingresso numa elite."

O professor Nilson Lages afirma ainda que "o vestibular e o ritual das aulas correspondem a um cerimonial de inicia-

ção" e que boa parte das turmas, "sobretudo em escolas particulares", não está absolutamente "interessada no exercício da profissão, que seria o objetivo da formação universitária." Ele explica melhor seu ponto de vista:

- Há pessoas idosas que pretendem uma reciclagem, ou esperam poder resolver, na universidade, todos os seus problemas de relacionamento com os filhos. Há pessoas jovens que fazem simultaneamente três e quatro cursos, esperando a posse de vários diplomas que lhes assegurem um êxito que não esperam alcançar com a proficiência em qualquer especialidade.

E agora, José?

Agora, o quadro do magistério e novamente o surrealismo do MEC. Diz Antônio Moraes: "Se as leis que tratam de matéria educacional vigorassem para serem cumpridas, é óbvio que o sistema e a estrutura da educação nacional seriam beneficiados. Em compensação, as letras jurídicas do país não teriam se enriquecido com a notável contribuição que lhes vêm sendo prestada, na última década, pelos eminentes educadores do governo. Pois quem quiser apreender as sutilezas da ciência da hermenêutica, não precisa estudar a Revista Trimestral de Jurisprudência; melhor compulsar as "Documenta" do MEC - o repertório é precioso, e sibilino."

E toma como exemplo o artigo 54 da lei nº 5.692 de 1971, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus: "No parágrafo primeiro, condiciona a concessão de auxílio federal aos sistemas estaduais à existência de um estatuto do magistério e à remuneração condigna e pontual dos professores. Para permitir a observância deste dispositivo, o poder executivo baixa o decreto nº 71.244 de 11 de outubro de 1972, cuja ementa reza textualmente: "Estabelece normas para a concessão de auxílio financeiro aos sistemas estaduais de educação". Esse diploma regulamentador, no mínimo, deveria estabelecer critérios objetivos para a definição do que é "remuneração condigna", de modo a ensejar o seu efetivo cumprimento. Surpreendentemente, entretanto, é inteiramente omissivo quanto à conceituação de remuneração condigna e quanto à exigência de pontualidade de pagamento."

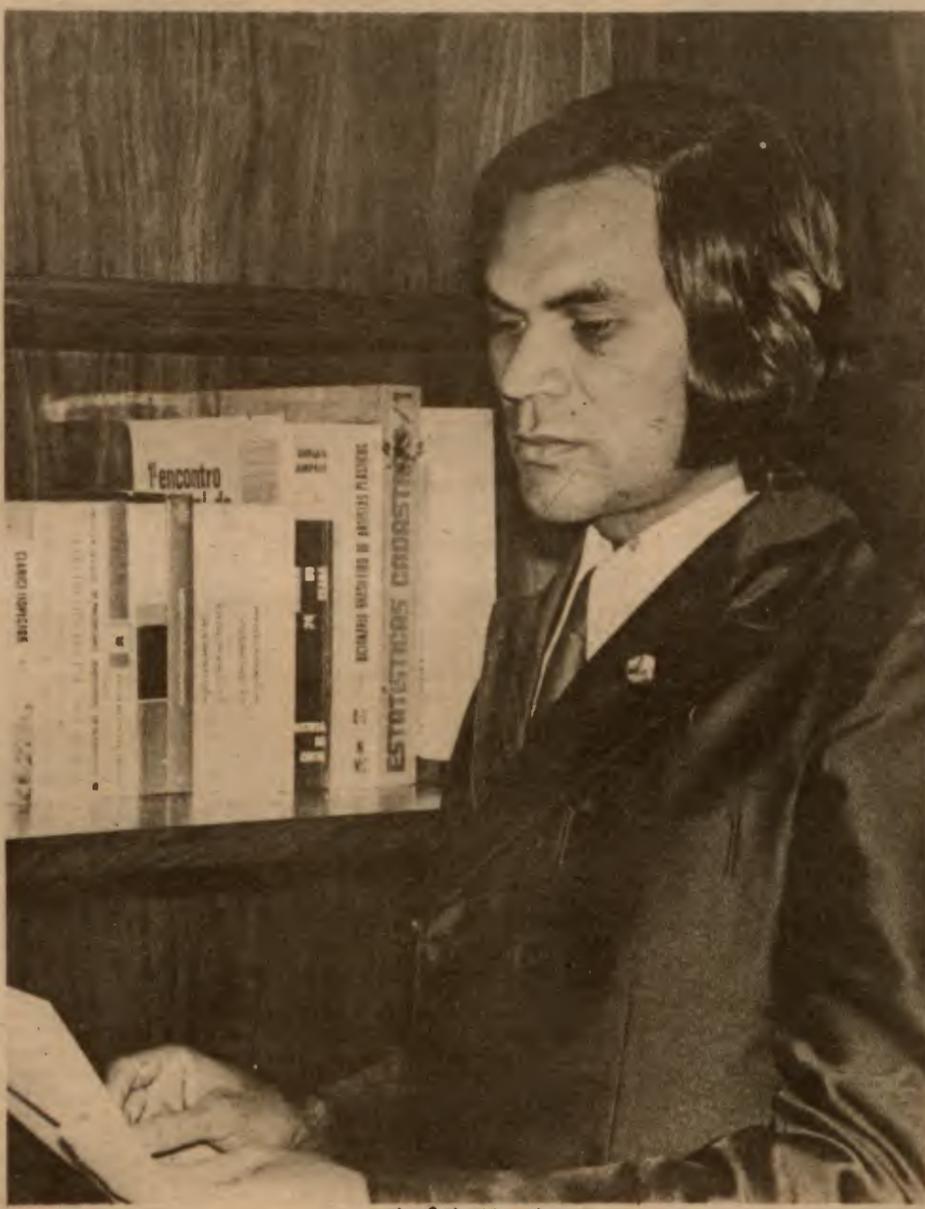
O resultado, explica o representante do MDB, é que a pontualidade continua letra morta da lei e a remuneração condigna, ao inteiro arbítrio dos poderes locais. "É verdade que o decreto, através de sete alíneas, estabelece critérios gerais para que o estatuto do magistério seja considerado satisfatório, para os fins de recebimento de auxílios federais. Entre esses critérios, fixava-se o prazo máximo de um ano "para o início do pagamento dos avanços verticais e horizontais" sobre o vencimento-base do pessoal do magistério (alínea e, do art. 1º). Como os "avanços horizontais e verticais" deveriam ser estabelecidos no estatuto, o decreto estava, indiretamente, fixando prazo para que os Estados cumprissem essa exigência da Lei de Diretrizes e Bases. Foi o pânico. Abalaram-se os fundamentos da Federação. Dois meses depois, pelo decreto nº 71.633, de 29 de dezembro de 1972, o governo federal cedia. Alterava-se a redação da alínea e do art. 1º do decreto anterior, e o início do pagamento dos avanços, ficava ao alvedrio do "órgão competente do sistema estadual", isto é, passava para as calendas gregas."

E agora, José? Nem pontualidade, nem remuneração condigna, nem estatuto do magistério. "Aconselha-se, reconheço, à boca pequena", diz o deputado, "que os Estados promulguem os seus estatutos. Não há termo estabelecido em lei, dizem, mas é preciso dar uma satisfação aos professores e "salvar a face" da administração federal. E depois, o estatuto custa tão pouco, só uma publicação no Diário Oficial, pois ele também não é para ser cumprido, salvo quando dispõe sobre as obrigações e os deveres dos professores - nesse ponto o Estatuto é inflexível e auto-aplicável. Quanto aos direitos e as vantagens do magistério, existe a fórmula mágica, já testada ao nível federal: fica a depender de regulamentação, que não vem."

Os professores são em geral mal-remunerados. Mas o principal problema é o desnível entre a remuneração

em uma e outra escola, de um ou outro Estado. "Um professor universitário de São Paulo pode ganhar até a quarta parte do que ganha um professor da Universidade de São Paulo, diz o professor Nilson Lages que o critério das universidades e faculdades particulares é pagar a aula seca, considerando apenas que o professor só dá a aula; não prepara a aula, nem corrige trabalhos."

- Assim, o slário de Cr\$ 50 por hora-aula, no Rio de Janeiro, equivale a menos de Cr\$ 30, uma vez que o professor gasta pelo menos mais de meia hora para cada hora de aula dada. Normalmente os professores dão aulas em muitas faculdades, deslocando-se todos os dias num trânsito difícil e este também é um tempo que ninguém paga, diz Lages. O professor Thales da Costa Moreira Filho, que ensina na UFRJ e UERJ, afirma que um professor universitário hoje, como todo professor, tem que ensinar em pelo menos três lugares. Senão se atrasa, não pode nem comprar informação. "Um disco, um livro e uma revista, custam caro."



Antônio Moraes:
documentos surrealistas mistificam a
realidade educacional

Thales afirma ainda que o ensino brasileiro nem sequer acompanhou o "desenvolvimento do processo industrial" e quem perde com isso "é a sociedade de um modo em geral". Ele explica melhor:

- É preciso que se crie um mercado de trabalho, pelo expediente, para o ainda universitário. Esse mercado pode inclusive ser ligado a um projeto industrial, a longo prazo e com a mediação de entidades públicas, de caráter científico, para que esse projeto não fique diretamente subordinado aos interesses específicos dos grupos industriais responsáveis pelo projeto.

- Não adianta você ficar tentando dar aulas para pessoas que trabalham normalmente oito horas por dia. Geralmente, o aluno que trabalha não tem muita disposição para assistir aulas. O cara sai já cansado do trabalho, pra pegar condução e vir pra escola.

E o professor Carlos Henrique Escobar (UFRJ e UFF), declara que o ensino no

Brasil hoje é assim como a medicina e seu papel médico-paciente. "O doente aqui não vê no médico um cientista e um homem dotado de consciência, que não vai explorar a bolsa desse doente e mais ainda: o doente não vê no médico um exemplo vivo, porque estudou aquilo, informou-se lá, de que a medicina é a saúde do povo, um bem comum de todos."

Falam os estudantes

Para Samuel Farias Filho (28 anos de idade, que preferiu trancar o curso de direito no segundo ano, do que continuar), existe uma "crise acentuada" no ensino brasileiro, "mais no campo das ciências humanas do que das exatas. Ele afirma que a ausência de bons professores na universidade, é uma das culpadas por essa crise. Dá como falhas enormes o currículo dos cursos. Aponta o curso que abandonou, como exemplo:

- Como não existe sequer a liberdade de discussão aluno-professor, por exem-

maneira de oficializar os conhecimentos que se tem ou que se tenha, para efeito de emprego. Não acredito que essa universidade que tá vá mudar nada na vida-visão de uma pessoa que saiba ver as coisas a partir de um ponto de vista crítico. Tá tudo muito caduco. Deve ser muito bonito para a universidade no final do ano, encher a praça de profissionais com papéis comprovados, digamos carimbados etc. que não passam de elefantes de ferro, com pés de barro. E a falta de atualização dos professores?

- Quem é que admite que um professor de literatura não esteja atualizado com o que tá acontecendo hoje? E é isso que acontece: os professores ficam o tempo todo cacarejando "lite-ratos" do passado, porque a limitação deles não se deixa sair por aí, acompanhando os malucos e pirados, poetas escritores "artistas" de hoje, se informando. Para que amanhã não recorram a livros para nos falar de coisas que já só têm valor como referência histórica. E com isso, pessoal, no vai e vem do xaxado, como sempre, quem dança mesmo é o estudante.

Para Ademir Batista da Cunha, que deixou comunicação por medicina, sua antiga escola se encontra superada e "perdida num dilema dos mais difíceis: ainda não sabe se forma profissionais aptos ao mercado de trabalho, inclusive deficiente por questões de estrutura, ou se deve preparar mais comunicólogos, entre outras."

Pós-graduação

- Os cursos de pós-graduação têm por objetivo principal formar os universitários, para que desenvolvam pesquisas científicas e tecnológicas. Atualmente está havendo uma reestruturação dos sistemas de financiamentos e dos objetivos das pesquisas científicas e tecnológicas, no Brasil. E enquanto as coisas não passarem para a realidade concreta, não saírem do papel, dos projetos, o cáos existe. Quem financia? E os objetivos?

A pergunta é do estudante de pós-graduação em física Marcos Antônio. Afirma que houve com muita frequência a afirmação de que "pesquisa é só para elite de pesquisadores do setor de Física, para se obter o título de mestre, que se poderia ser feito em dois anos e meio, aqui no Brasil, onde leva de quatro a cinco anos ou mais."

- E o pior é que a bolsa só é concedida por dois anos e sem uma bolsa é totalmente impossível se continuar os estudos. Esse quadro se repete em todas as áreas de pesquisa básica. O mito do gênio é uma das coisas que precisa ser destruída hoje, também em pós-graduação. Ele não cabe mais na tecnologia e nos tempos mesmo de hoje. Falta mais consciência política no pessoal, eles não recebem dos professores que, não têm ou representam não ter. Quem se pós-gradua é como quem termina a última prova para poder competir, mais preparado - dizem - no mercado da vida. O estudo está virado só pra isso. Toma nosso tempo e tenta nos desinformar, às vezes.

Em Brasília

Ainda e finalmente o deputado Antônio Moraes, para completar esse terrível quadro:

"Enquanto o país se defronta com a falência do seu ensino, a participação relativa do MEC no orçamento da União, vem mingüando. Em 1965 era de 11,07 e já no ano seguinte era 9,70. Em 1969, ficou em 8,69, em 1970 passou para 7,33, até alcançar a queda mínima de 4,80 no orçamento atual.

A diminuição dos recursos do MEC se faz enquanto se repete num escárnio ao povo brasileiro, se repete ad nauseam que educação não é consumo, é investimento. Além de se diminuir a participação do MEC no orçamento da União, declama-se metas e objetivos educacionais. E divulgam documentos surrealistas, que negam a realidade que está aí, para quem quiser ver."

MENEZES DE MORAIS



O MDB E O MANIFESTO DOS MINEIROS

O deputado Alfredo Marques, do MDB do Ceará, saudando o presidente do Congresso Nacional, senador Magalhães Pinto, em nome da Assembléia Legislativa de seu Estado, definiu a identidade das posições de seu partido com a de todos os movimentos democráticos da história do país, especialmente de Minas Gerais. Destacou, de forma particular, passagens do Manifesto dos Mineiros que se confundem com o próprio programa da oposição, na luta pela restauração do estado de direito.

Evocando a inconfidência mineira, lembrou a figura de Tiradentes, "cujos ossos nus dos membros espartilhados - disse - ainda simbolizam a luta que não se acabou pela libertação econômica de nossa pátria e pela reconquista do estado de direito, sonhado ao nosso povo, e pelo qual luta o meu partido, o Movimento Democrático Brasileiro."

Prosseguindo em seu discurso, disse o deputado Alfredo Marques:

"Minas das tradições democráticas de Teófilo Otoni, de José Bonifácio - o Moço, de Quintino Bocaiuva, Minas desse marco histórico do nacionalismo vigente que foi Artur Bernardes, por merecer minha admiração e meu respeito, que são a admiração e o respeito desta Assembléia e do povo cearense, recebe pela minha voz, na pessoa de V. Exa., esta louvação calorosa conquanto muito aquém de seus infinitos merecimentos."

Fazendo-o faço em nome da democracia que amamos e que desejamos restabelecida, fazendo-o faço no reconhecimento das atitudes democráticas assumidas por V. Exa. ao longo de sua vida pública, cheia de coerências e de fulgurações.

Diretor de um banco, o da Lavoura de Minas Gerais, hoje Banco Real, apenas aos 24 anos, e presidente da Federação de Comércio de seu Estado, aos 27 anos, numa época em que não se reconhecia ainda o papel da juventude e da mocidade nos cargos e encargos da alta administração pública e privada, despontava cedo a sua vigorosa personalidade e de certo a crença de que as pilasstras da independência nacional, do respeito aos direitos do homem e da liberdade individual, têm como suporte a riqueza e como adjectivo final a sua boa distribuição.

Manipulando dinheiro, créditos, meios de pagamento, não se



Magalhães Pinto

tem porém, só por isto, o domínio da institucionalização das idéias, o poder de fazer as leis, a prerrogativa de gerir o Estado. O chamamento à vida política deve ter sido para V. Exa. meio de alcançar fins altos e nobres.

Ao assinar em 1943 o famoso Manifesto dos Mineiros, ao lado dessa figura límpida de democrata incorruptível que foi Milton Campos, V. Exa. corria riscos calculados, na perseguição não da glória e, menos ainda de posições, mas no desejo de, ao impulso do ideal, conquistar para o Brasil um lugar na clareira que os exércitos aliados a ferro e a fogo, ao espantoso custo de 20 milhões de seres humanos, procuraram abrir para o futuro.

Ao assumir o comando civil da revolução de 1964 era ainda a mesma força de espírito e a mesma margem de risco que empolgavam suas decisões.

Pode-se divergir dos rumos da revolução, do seu frágil substrato ideológico, de sua resistência à plenitude democrática. Pode-se achar exaustivo esse longo intermezzo que nos separa do estado de direito, pode-se achar exagerada a vigência do Ato Institucional nº 5 ou do Decreto nº 477. Não pode porém deixar de reconhecer a coerência e, porque não dizer a coragem de públicas posições de V. Exa. Em nome da democracia, da consti-

tucionalidade, do estado de direito, dos direitos humanos, V. Exa. chefiou uma revolução que não se sentindo segura de si mesma e ainda incapaz de dominar suas próprias contradições internas, retarda o reencontro com a plenitude democrática.

Isto, porém, não obrigou V. Exa. a transigir com seus princípios nem a ensarilhar armas. Para definir tal atitude, que o torna digno da admiração de seus adversários as suas palavras, nada melhor do que as suas próprias palavras:

"Mais de trinta anos de vida pública devotada ao meu país deram-me humildade diante dos fatos, sem transigir na fidelidade devida aos meus ideais democráticos. Na vida parlamentar, nos postos executivos, na ação diplomática, o diálogo foi, por isto mesmo, um instrumento de trabalho. Este é o compromisso que orientará meu desempenho nesta Casa. A construção jurídica e política de uma sociedade nova e aberta fundada nos ideais da revolução de 1964, e na qual se possam integrar plenamente os milhões de brasileiros que estão continuando a chegar à maioria, exige de nós a mobilização de todas as nossas reservas de generosidade e de patriotismo".

"Hoje, ao lado dos impulsos populares, é o próprio estágio econômico que reclama o indispensável desenvolvimento político, gerador da estabilidade social e do progresso cultural".

Onde - posso eu perguntar - a distância entre essas palavras e a pregação de meu partido, o Movimento Democrático Brasileiro?

Foi a fuga desta perspectiva que tínhamos a médio prazo que levou Ulisses Guimarães, na esplêndida postura de cavaleiro armado das liberdades humanas e do aperfeiçoamento político, ao desabafo brilhante e justo, conquanto irônico, da recente nota oficial de nosso Partido. Como V. Exa. em 1943, em 64 e ao assumir a presidência do Senado, Ulisses Guimarães correu riscos calculados em nome do povo, da Pátria e da democracia.

Senhor senador Magalhães Pinto, se caminhamos em linhas paralelas, anima-nos a nós, da oposição, a esperança de que, como no teorema geométrico, um dia as paralelas se encontrem. Seja-nos permitido sonhar que esse encontro ocorra logo mais na mais próxima linha do horizonte."

Chico, Milton e Caetano

Dia 30 de setembro no Canecão, um dos maiores acontecimentos da música popular brasileira. Em uma única apresentação estarão no gigantesco palco da cervejaria Milton Nascimento, Caetano Veloso e Chico Buarque.

A apresentação é inédita e talvez última, pois os três artistas pertencem a gravadoras diferentes (Chico e Caetano - Phillips e Milton - Odeon). Assim, que ninguém deixe de assistir o show. E não é só pela música, não. A noite histórica é uma dívida que o público tem com Milton Nascimento, um dos maiores gênios de nossa música. Louve-se a atitude de Chico que abriu mão do dinheiro que receberia na noite (quando não acontecerá o espetáculo Chico & Bethânia).

Professoras

querem

Justiça salarial

As professoras do novo Estado do Rio estão revoltadas com as atitudes tomadas pelo governador Faria Lima e sua secretária de educação. De uma hora para outra foram informadas de que teriam sua carga horária aumentada, sem o natural, lógico e tranqüilo direito a reajustamento salarial.

O que as professoras reclamam não é apenas o fato de serem relegadas em suas pretensões, mas principalmente, de serem tratadas como "autênticas máquinas", disse uma. Outra que estava perto afirmou: "Com o salário de fome que ganho, tive que arranjar outro emprego num colégio particular. Agora com o aumento da carga horária, não poderei conciliar os dois empregos. Quem vai me pagar a diferença no fim do mês?"

Enquanto isso a Secretária de Educação fica dando entrevistas pedantes aos jornais e posando ao lado das recenseadoras. Desconhecendo as modernas técnicas de ensino, e ainda com mentalidade pedagógica do começo do século (quando, provavelmente se formou), a secretária não sabe nem mesmo que os colégios da rede estadual não estão preparados para o ensino profissionalizante, como manda a lei. Pobre estado novo...

Bahia exporta know how para São Paulo

Em novembro terá início oficial a nova "invasão" baiana em São Paulo. Depois de muito contribuir para o progresso daquele Estado fornecendo mão-de-obra, muitas vezes aproveitada em subempregos, a Bahia agora fornece know-how e capital com a inauguração da Metalúrgica Invicta, na capital paulista. A nova metalúrgica é totalmente baiana, com capital social inicial de Cr\$ 3 milhões e 500 mil cruzeiros, e já opera em Salvador.

Trata-se de um dos maiores fornecedores do Nordeste e agora com sua nova unidade em São Paulo, deverá ingressar no rol das grandes empresas nacionais.

Brasil petróleo e uísque

O deputado Marcos Tito acaba de apresentar o relatório da Comissão das Minas e Energia, da Câmara dos Deputados, sobre o acordo nuclear com a Alemanha, onde - entre outras coisas - faz esta afirmação espantosa:

O Brasil somente até 1956 havia exportado minérios atômicos correspondentes a 50% da atual produção mundial de energia gerada pelo petróleo e por essa exportação o Brasil recebeu o equivalente aos gastos durante dois anos com a importação de uísque.

Alceu Valença no Casa Grande

Até este domingo, os cariocas ainda podem assistir um dos espetáculos mais criativos que já pintaram por aqui. Trata-se do show de Alceu Valença. «Vou Danado pra Catende», que terminou temporada no teatro Teresa Raquel, está no Casa Grande, onde verdadeiras multidões estão indo conhecer o trabalho do músico que tomou conta da melhor crítica especializada. Detalhe: Alceu exigiu de seu empresário (Benil Santos) preços populares. Assim por Cr\$ 15,00 qualquer um pode (e deve) tomar contato com um autêntico representante da novíssima geração da música popular brasileira. Na plateia, aplaudindo o trabalho, tem sido visto o parceiro (e excelente

Lages: a boa administração

Mais uma vez o prefeito de Lages, Juarez Furtado, dá uma demonstração de como se pode e deve administrar bem uma cidade. Sem abrir mão de soluções para os problemas mais prementes daquele município - um dos mais desenvolvidos de Santa Catarina, Juarez Furtado tem dispensado a maior atenção às atividades culturais.

Agora nos chega a notícia de que o Departamento de Turismo de Lages está organizando o 1.º Festival de Cinema, que distribuirá prêmios no valor de 300 mil cruzeiros, incluindo o troféu Graha de Ouro, que identificará o festival de Lages.

É sempre bom noticiar atividades como esta, principalmente porque é uma oportunidade para mostrar que o MDB não se atém a jogo de palavras ou a inspirados discursos. Quando chega ao poder, age com maturidade, segurança e principalmente dedicação à "coisa pública".

VERINHA



É...
NÃO
ADIANTE
REZAR
!!!

SEMPRE
OUTRA
ASSOMBRAÇÃO
APARECE
!!!



Wagner

músico) Geraldino Azevedo. A temporada termina neste domingo. Depois Alceu vai correr o Brasil. Tomara que volte logo pro Rio.

Governo condena milho de Rockefeller

A Secretaria de Saúde do Espírito Santo condenou as 50 toneladas de farinha láctea Opaco, adquiridas em São Paulo, e que seriam distribuídas entre as crianças da rede escolar do Espírito Santo. A decisão da Secretaria de Saúde baseou-se em laudo do laboratório do Serviço de Saúde Pública, que constatou a presença de fungos e da bactéria "Escheriachiocoli", que poderia acarretar vômitos e diarreia nas crianças podendo mesmo vir a provocar desidratação.

O milho Opaco é um milho introduzido no Brasil pelo grupo Rockefeller, e foi experimentado em porcos que morreram. O lote adquirido pelo governo do Espírito Santo, foi comprado na firma Nutribex Indústria e Comércio de Produtos Nutritivos de São Paulo.

Concurso Nacional de Contos

Atenção jovens escritores ou candidatas às letras: foi instituído um concurso nacional de contos no Rio de Janeiro, pela Distribuidora Imprensa, visando a premiar com Cr\$ 8 mil o primeiro colocado no certame, com Cr\$ 5 mil o segundo e com Cr\$ 3 mil o terceiro.

O regulamento do concurso foi divulgado pelo Jornal de Letras, edição de setembro, que está nas bancas. Aliás, o JL publicará os contos vencedores e os que receberem menção honrosa. Maiores informações na sede do Jornal de Letras (Rua Barata Ribeiro, 744/1001, tel. 236-0727).

SOM NOSSO DE CADA DIA

● **EM PRIMEIRA MÃO.** *Aí, a capa do disco de Martinho da Vila, que estará sendo lançado nesta segunda-feira. «Maravilha de Cenário» é o título do disco de Martinho. Absolutamente coerente com a capa dupla, assinada pelo excelente Elifas Andreato. Martinho ano passado chegou a superar Roberto Carlos nas vendas. Esse disco que sai agora e que Crítica ouviu ainda em fase de fita, é uma das melhores coisas que a RCA já colocou no mercado.*

Produção de Rildo Hora e direção de Carlos Guarany. As músicas: «Aquarela Brasileira» (Silas de Oliveira), «Você não passa de uma mulher» (Martinho da Vila), «Tempo de Menino» (Edgard Ferreira), «Andando de Banda» (Rildo Hora e Sérgio Cabral), «Lá Na Roça (Mês de Maria)» (Candeia e Alvarenga), «Maré Mansa» (Martinho da Vila e Paulinho da Viola), «Salve a Mulatada Brasileira» (Martinho da Vila), «Verdade Verdadeira» (Martinho da Vila), «Cresci no morro» (Martinho da Vila), «Hino dos Batutas de São José» (João Santiago), «Se algum dia» (Martinho da Vila) e «Glórias Gaúchas» (Martinho da Vila). O negócio é correr segunda-feira, apertar o cinto e comprar o disco. Como disse Martinho: "lá vou eu, sorrindo à toa, vivendo a vida e a música. E salve a mulatada brasileira". Salve, dizemos nós.

● **NOVA PAIXÃO DE ELIS REGINA.** *Calma, gente, não é nada disso. Elis continua e bem com o Cesar Camargo. Estamos falando da paixão musical. O cearense Belchior é o novo "ídolo" da melhor cantora brasileira. O excelente poeta de «Palo Seco» terá 4 músicas incluídas no próximo disco de Elis. O cearense já está na Philips onde deverá gravar nos próximos*



dias. Especula-se que André Midani não ficou satisfeito com a repercussão do trabalho de Fagner na Continental e resolveu investir num outro cearense, o Belchior.

● **SEM PLÁSTICA, MAS COM TUDO EM CIMA.** *Dizem que Ademilde Fonseca, outra veterana que volta, está pensando em fazer uma plástica para "criar uma nova imagem". Não temos nada com isso. É problema pessoal da cantora, mas a verdade é que seu disco (Top-Tape) é excelente. Sem plástica, mas com tudo em cima, Ademilde dá um banho de interpretação, lembrando os tempos em que Paulo Gracindo a apresentava como "a cantora das mil palavras por minuto". O disco foi produzido pelo excelente Coutinho (o das rodas de samba do Opinião).*

● **DE MEGALOMANIA.** *Finalmente saiu a matéria de capa da revista Veja sobre a música brasileira. Bom texto, ainda que sem assinatura, boas fotos e tudo mais. Um porém: caso José Márcio Penido tenha sido fiel às declarações do excelente compositor Fagner, o jovem cearense está numa fase muito ruim. O Fagner já esteve assim há uns 3*

anos. O que entristece é saber que o Zé Marcio é um excelente jornalista. Quer dizer: a megalomania do Fagner é um fato. Pena...

● **CRUELDADE.** *"Claridade". Quem não comprar não está com nada. Estamos falando do disco de Clara Nunes. Excelente repertório, uma "cozinha" de primeira. Tudo excelente. Pena que o disco seja acompanhado de um autêntico "bolo de noiva": a capa e todos os seus adereços é uma das coisas mais feias que já pintaram por aí. Quer dizer: o negócio é ouvir o disco, esquecendo a capa. Crueldade com a Clara. Outra crueldade: a inclusão no disco de um texto assinado pelo Artur da Távola. Coisa mais chata, só. O Artur da Távola é um dos caras mais chatos do Brasil, sendo páreo duro com o Pedro Calmon, Austregésilo de Athayde e outros.*

● **PAU E CORDA NO RIO.** *Em outubro a excelente Banda de Pau e Corda começa temporada carioca no teatro Miguel Lemos. Que ninguém perca esta excelente manifestação da melhor música do Nordeste.*

● **GRACIAS A LA VIDA.** *A pesar de tudo, Violeta Parra dava "gracias a la vida". E é esse o título de um show que será apresentado no DCE da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, domingo às 21 horas. Preço: Cr\$ 10,00. É importantíssimo ir. A não ser que o leitor prefira continuar desconhecendo a música latino-americana. Problema de cada um, né?*

● **RITMO BRASILEIRO MESMO.** *Olha!, moçada. Quem se amarra no ritmo afro-brasileiro trate de descobrir o disco «O Africanto dos Ticoãs» lançado pela RCA. Produção de Adelson Alves. O disco é excelente. Muito ritmo. Muita negritude.*

Prá quem gosta de John Lennon, Doriaval Caimmi, Tom Jobim, Mozart, quer dizer, prá quem gosta de música, é uma ótima pedida.

● **COERÊNCIA.** *«De silêncio em silêncio». Disco de Cesar Costa Filho. Este rapaz me lembra um episódio do último Festival Internacional da Canção. A música "Eu, hein" (sic) diz: "... não consigo crer ter sido você capaz de ato tão vil... essa ninguém engoliu, nessa você se traiu". Cesar Costa Filho. Colega de Simonal. Perguntem pro Gutemberg Guarabyra. Ou aguardem a história.*

● **CRUELDADE 2.** *A gravadora RCA tem um elenco enorme. No mês de maio lançou o disco «Chão Sagrado». Quem ouviu? A crítica é mais uma meia dúzia. Tá legal que a gravadora invista nos seus grandes nomes como Martinho da Vila, Maria Creuza, João Bosco e outros, mas não custa nada dispensar um pouquinho de promoção aos cearenses Rodger e Tetti.*

● **SAI MAIS BARATO, NÉ?** *O convite dizia que na roda de samba seria oferecido um "prato feito caprichado". A roda de samba seria para lançar oficialmente o disco de Jorginho do Império. Tudo bem, pois algumas gravadoras ainda pensam que os jornalistas andam secos por uma "boca livre", mas se o negócio é "roda de samba" porque escolher um local como o Clube Federal, reduto da pequena burguesia que curte piscina dominical? Crítica não foi ao jantar e não pode opinar sobre a qualidade do "prato feito caprichado", mas recomenda o disco. Sobre a escolha do Clube Federal, podemos arriscar: Armando Pitigliani é frequentador assíduo das peladas no clube. Conseguiu um prechinco camarada?*

DIA DA IMPRENSA & CENSURA

Em seu discurso à Câmara Municipal de Porto Alegre no Dia da Imprensa, o vereador Glênio Peres (MDB-RS) reafirmou os propósitos do MDB, de continuar lutando pela democracia e pela liberdade de expressão, declarando que falar em imprensa, hoje, é falar-se de dois outros temas: o da liberdade e o da censura. — "Imprensa e liberdade em qualquer tempo e em qualquer quadrante do mundo, são dois conceitos que se interpenetram, que não se podem excluir, porque se se tem imprensa mas não se tem liberdade, é como se não se tivesse nem uma coisa nem outra."

Citando o tema da censura como instrumento estatal, instrumento de força econômica ou política, Glênio continua:

No mundo ocidental, quantas torturas, quantos horrores, quantas agressões aos indivíduos e aos direitos coletivos foram, são e serão perpetrados por falta de liberdade, e jamais denunciados por falta à imprensa a força que somente a liberdade lhe dá? É a censura não apenas silencia os meios de comunicação: ela é tão terrível que seu efeito vai além do ocultamento dos fatos, da troca de uma verdade por uma mentira. A censura, na verdade, agride a riqueza interna de cada um e a riqueza global de um país, porque, no plano da cultura, ela avança, assalta e rouba.

Para demonstrar que a tesoura do censor é cega e pode matar, inclusive, aqueles que lhe são próximos, Glênio Peres cita o caso de um insuspeito sociólogo que de modo algum poderia ser chamado de esquerdista: Gilber-

to Freyre, o salazarista de Apicucos, cuja obra maior, «Casa Grande & Senzala», não foi levada ao cinema pela mão do cineasta Roberto Rossellini porque "lhe faltaram o apoio e lhe sobram os embaraços da censura que, das áreas oficiais, se abateram sobre tão grandes projetos".

— De outro lado, talvez por ser mais moço, a representar um pensamento diverso no enfoque da realidade brasileira, Plínio Marcos recorre aos tribunais pedindo revisão do que decidiu o ministro da Justiça relativamente à sua peça «O Abajur Lilás». Plínio disse que a obra de arte não pode ser julgada pela moral de um único indivíduo, mesmo que seja ele ministro da Justiça.

Se, por um lado, a censura mutila e amputa nos órgãos tradicionais aquilo que julga inconveniente, por outro, nos órgãos que, no dizer de Glênio, "representam um pensamento diverso no enfoque da realidade brasileira", sua atuação é muito mais enérgica e nefasta. Em relação a estes últimos, a censura está, na realidade, impedindo a livre circulação e estrangulando na fonte o jornalismo independente. "Ainda há pouco", diz "deixava de circular uma revista, cujos responsáveis são Erico Vertissimo — "Cidadão de Porto Alegre e autor de «O Tempo e o Vento», «O Prisioneiro», «O Senhor Embaixador» e outros marcos da nossa literatura — Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Duarte e Celso Furtado, entre outros. A revista pretendia apenas o debate da realidade brasileira, no seu enfoque político, sociológico, econômico. No seu

terceiro número, também deixa de circular a revista Circus, editada em Belo Horizonte."

O vereador oposicionista refere-se em seguida à censura à novela Dias Gomes:

— Nesta data, quero significar a minha profunda preocupação com os aspectos de agressão cultural que esta censura ostensiva e prévia e que mesmo a censura a posteriori representam. Ainda há pouco dias atrás três centenas de artistas foram vítimas dessa censura, e vítimas foram também os milhões de brasileiros impedidos de assistir pela rede Globo uma das primeiras novelas, talvez, de tema realmente nacional: «Roque Santeiro». Depois de pronta e anunciada, foi retirada do ar. Não se esperou o veredito da única censura séria, isenta de prepotência mas nem por isto isenta de rigor, e muito mais válida do que a censura institucionalizada: a censura da opinião pública, aquela de um povo que desliga a televisão ou deixa de ouvir um comentarista, dando, com isto, a sua opinião sobre ele. Esta é a única censura compatível com uma formação de liberdade, a única que não se incompatibiliza com os conceitos democráticos e que, exigindo a liberdade, exige a existência da imprensa na sua plenitude.

Glênio Peres termina: — Praza aos céus, aos governantes e ao povo do país, que a próxima reunião do Dia da Imprensa seja para comemorar a liberdade. Que seja um ato de louvação à verdade e um momento de repúdio a todas as manifestações da censura. (JFN).

SEM INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA NÃO HÁ IMPRENSA LIVRE
a independência de CRÍTICA depende de sua assinatura — de muitas assinaturas. não perca tempo, faça a sua agora.

PEDIDO DE ASSINATURA

Destaque este cupom e mande junto ao pagamento à ordem de

EDITORA CRÍTICA LTDA.

Av. Rio Branco, 156, sala 1222, Rio — RJ, Brasil

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE

1 ANO BRASIL (Cr\$ 200,00) EXTERIOR (US\$ 50,00)
6 MESES BRASIL (Cr\$ 100,00) EXTERIOR (US\$ 30,00)

NOME

RUA

Nº

CIDADE

ESTADO

PAÍS

CEP

JUNTO MEU PAGAMENTO POR

CHEQUE VISADO PAGÁVEL NO RIO
 VALE POSTAL

O BARROCO NO ROMANCE

Há um subjacente parentesco na obra daqueles nomes citados, parentesco que, criticamente, não se elucida apenas pela temática e tampouco pela comum participação nos fatos sociais. Paralelamente à coetaneidade dá-se uma ótica, uma forma de ver as coisas e os fatos, de avaliá-los e expressá-los - fatos e coisas - sobreposta - a forma - à subjetividade própria do autor.

Para esta elucidação, que apenas insinuamos como assunto de investigação mais profunda, importa saber o lugar do barroco como informativo da criação intelectual ou artística. É bem conhecida a distinção do historiador e filósofo da arte Heinrich Wölfflin opondo o clássico ao que podemos chamar de barroco. Há períodos de classicismo onde impera o estilo linear; quando a linha é subestimada no desenho observamos o predomínio do pitoresco e expressão das massas no sentido plástico. No clássico as figuras estão no mesmo plano; no barroco o horizonte se abre em profundidade e se multiplicam os planos. No clássico a forma é fechada e as imagens gravitam sobre si mesmas, enquanto no barroco há uma clara e vibrante projeção ao exterior. Se no clássico os objetos aparecem como isolados, vivendo de "perse", no barroco tudo se correlaciona e as massas se apresentam em ordenação subordinada em função de um elemento preponderante. O claro-escuro, finalmen-

te, é a atmosfera do barroco em oposição ao claro ar circundante de objetos e fatos clássicos.

Assinala-se, para o barroco, um momento histórico de apreciação e apogeu, final do século XVI até o XVII, como reação ao normativismo renascentista que impunha regras autoritárias para a criação. O termo barroco foi, inicialmente pejorativo, sinônimo, em italiano, de "il bruto" e, como assinala o escritor argentino Augusto Cortina, é o gótico florido, o manuelino português, o plateresco espanhol, o colonial americano, o marinismo italiano, o eufuismo inglês, o preciosismo francês e o culturismo espanhol.

Por que esta busca no barroco de semelhança estilística com os autores de «Paradiso», «O Valete de Espadas» e «La Rayuela»? Porque o barroco não é, apenas, uma forma estilística temporal. É, como diz Eugenio D'Ors um eon que se repete periodicamente na história do desenvolvimento do espírito humano. Não é nem decadência nem extravagância: é outra ótica para outros fatos e outras coisas na procura da complexidade do mundo circundante. O crítico já mencionado, Augusto Cortina, em excelente ensaio sobre duas obras culminantes do barroquismo literário - «La Vida es Sueño» e «El Alcalde de Zalamea» -, assinala como a beleza se humaniza, se



Júlio Cortázar, Lezama Lima e Mello Mourão: dessacralização do humano do tempo profano em que vivemos

copia o feio e o grotesco, se juntam a mística e a erótica, e surgem os pícaros, os gigantes e anões, os ladrões com um desejo realista do mundo junto a uma fuga ascética do mesmo.

Em recente conferência pronunciada por Gerardo Mello Mourão em Buenos Aires, teve o poeta ocasião de analisar em profundidade esse estranho conúbio da mística e da erótica na obra de seus

pares hispano-americanos e na sua própria. Disse ele, com evidente lucidez, que o romance, gênero saído da epopéia, e relativamente novo no tempo, é uma espécie de revolta contra o sagrado. Eles, os romancistas em juízo, secularizaram os mitos e deixaram seus personagens na indigência do divino. Livres, sim, os protagonistas, mas presos ao sensualismo, aos desejos insaciáveis, ao adormecimento das consciências; o

POESIA

A CONSCIENTIZAÇÃO DO COSMOS

Com o relançamento dos cinco primeiros livros de Carlos Nejar, num só volume, intitulado De «Sélesis a Danações» (Edições Quíron-Mec, São Paulo, 1975), e que abrange o período de 1960 a 1969, facilmente poderemos constatar a extraordinária trajetória que vem percorrendo este poeta gaúcho, já dono de uma vasta bagagem literária, ainda que não tenha atingido os quarenta anos de idade.

A linha de pessimismo prossegue nos demais cantos do «Livro de Silbion». Para Carlos Nejar, "as coisas existem além delas" e uma vez que somos nada, "julgamo-nos libertos, mas não somos", pois tudo nos incita à fuga, "o clamor das cidades nos esmaga/e as máquinas trituram nosso sonho", já que "nin-

Aliás, com exceção de Marly de Oliveira, que parece estar no mesmo páreo e pertencer a essa geração, que já se convencionou chamar de geração de 1960, não temos conhecimento de nenhum poeta, com menos de quarenta anos, com a importância de Carlos Nejar. Sua obra, extremamente coesa, de uma unidade que provém, inclusive, de uma espécie de arrolamento poético-subjetivo, já pode ser focada sob vários ângulos de perspectiva crítica, especialmente aquele aventado por Nelly Novaes Coelho, o de uma poética antropológica, mais acentuadamente presente na «Casa dos Arreios», quando "deixando em suspenso a épica caminhada de afirmação do homem no tempo e na história, empreendida desde «Sélesis» até «Canga», Carlos Nejar abre (...) um novo sulco em seu universo poético".

A conotação, aqui empregada por Carlos Nejar, e muito bem apontada por Nelly Novaes Coelho, é a da "vocação criadora do homem", evocada numa época em que está "em plena voga (o poema) formalista/tecnicista, de exigência da palavra voltada para si mesma, para o seu contorno espacial na folha em branco" e que, no poeta gaúcho, se "radica no espírito da palavra, isto é, no homem". A codificação que faz o poeta entre tradição e ruptura leva-o à historicidade, tão latente em sua poesia. Daí, ele abandonar-se "à fermentação criadora do caos, onde as formas se confundem para serem reordenadas em sua verdade primeira", como acentuou a aludida escritora. Esse im-

pulso, segundo observa ela, muito argutamente, seria o impulso da consciência existencialista. Essa "busca do autêntico no ato de existir, que vemos na poesia de Carlos Nejar", é onde poderá ser encontrada "a presença do antropológico. Ou melhor, vemos nessa preocupação com o homem original um claro deslocamento da tradicional sondagem psicológica, ética e social do homem, para a sondagem antropológica que preocupa o pensamento atual".

Assim, desde seu primeiro livro, «Sélesis», poderemos constatar que é através "da afirmação do homem histórico (que) a poesia nejariana busca o antropos - o humano autêntico, o de antes da cultura e da civilização condicionadoras", e não desdê o seu segundo livro, «Livro de Silbion», como afirma essa excelente crítica que é Nelly Novaes Coelho. O poeta, já nessa obra de estreia, canta "o notrino som/fruto maduro nos sentidos". Canta "o homem de dúvida/ e algas sem sol". Canta o "homem-gemido/entre as pedras/e o signo do Rei". Para ele, "o homem é uma angústia de Deus". Apesar de ser preciso penetrar em toda e qualquer decifração das coisas que o vivem, o homem é um gesto esquecido de Deus, "o homem é triste Sélesis/e nós somos gestos/esquecidos de Deus".

O poeta conhece "o profundo dos cansaços", sua geração "sangra nos mastros", a noite é sem nome, inviolada, "a solidão de amor morre na praia", o poeta reabilita o VAZIO. Se o seu destino "é um pássaro que

passa", ele não sabe por que nasceu, não sabe por que viveu, "só sei do lenho/onde eu morri".

Já no «Livro de Silbion», de 1963, uma epígrafe de Saint-John Perse: "Poeta, é hora de declinar a teu nome, a teu nascimento e a tua raça", parece fornecer as diretrizes que irão nortear a sua poesia daqui para a frente. Logo no primeiro poema desse livro exclama Nejar: "o inferno se alimenta/de nosso ser oculto", para logo em seguida acrescentar: "inferno é ter nascido/inferno é ser Homem". O poeta, aqui, neste primeiro canto, é de um pessimismo consciente: "provamos os gomos/de um fruto que não presta". Uma sensação de ser apodrecido toma de assalto a sua lírica, dando, aos seus versos, um nítido caráter de denúncia, mas não de lamentação. Há algo, nessas páginas, de apocalíptico, de alegórico, de nostálgico. A natureza - a terra, o vento, as raízes, o céu - passa a atuar num primeiro plano. Um constante desespero se debate "no tempo entre o presente e o passado". E uma busca do destino primeiro passa a preocupar o poeta, que se pergunta: "Os homens donde vieram/com seu destino de pedra?/Que procuravam os homens na eternidade de pedra?" Não parece existir resposta para ele. E por quê? Porque "nossa é a miséria/nossa é a inquietação incalculável/nossa é a ânsia de mar e de naufrágios/onde nossas raízes se alimentam". A luta se torna inútil "contra os grandes signos". Se Deus está morto, questiona ele, "que te resta?" Apenas, "um soluço profundo"...



Carlos Nejar: há que se fazer da morte uma nova vida

guém nos elucida para o mundo". Só a morte "se repete em nosso rosto", possibilitando que o caos se torne "um pássaro de plumas líquidas", a fim de que a contempalção do mundo se transfigure em nossa morte, nós que "estamos em terra estranha,/dispersados na paisagem", nós que descobrimos que "a infância do mundo é um exílio".

LATINO AMERICANO



mundo mágico, do mito humanizado, não é nem moral nem racional, está além do bem e do mal e é o mundo das paixões desmesuradas.

Estes romancistas participantes do barroco parece que excluíram toda expressão lírica para uma partilha com a humanidade cotidiana de seus personagens vivendo sempre no patético da perplexidade vital. Onde o privilégio da

mesura da vontade, como no comportamento classicista, acompanhando os passos do livre arbítrio? O acaso é predominante no barroquismo e este acaso, sutilizado pela palavra, com o malabarismo das metáforas, e o âmbito do ser e fazer nas obras de Mello Mourão, Cortázar e Lezama Lima.

A estilística se revela pelo uso das palavras e tropos e, também e principalmente, pela forma de apreensão de coisas e fatos pelas palavras. Nossos romancistas, emparelhados ao barroquismo estilístico, de nada elevam sobre o real e se servem de neologismos, da quebra sintática, da inversão da ordem lógica, do predomínio do substantivo sobre adjetivo e verbos (estes substantivados com frequência) para a expressão pela imagem. Individualismo, egoísmo, anarquia, sensualismo imoral, desordem, tudo é lícito para a composição do quadro realista barroco. Esse realismo é vigorizado — através da linguagem popular — por um encontro entre os pontos de contato entre o trabalho individual do autor e a humanidade partilhada. A abertura ao popular se consuma pelo tema e pelo estilo.

A tensa fluidez narrativa de nossos romancistas não é obra puramente da particularidade de estilo de cada um. Essa tensão é imposta por algo mais profundo, talvez por aquela assertiva de

Mello Mourão quando fala da dessacralização do humano pelo romance contemporâneo do tempo profano em que vivemos. É um caminho à solidão, da morte na alma, da náusea, do uso secular da liberdade e de sua patética transformação em frio instrumento de autoflagelação. Para que a liberdade na irresidência de «O Valete de Espadas», na loucura de «La Rayuela» ou na perplexidade estática de «Paradiso», se ela, a liberdade não é um itinerário para cima, para a entrega, para a volta ao sagrado? Kierkegaard assinalou todo o patetismo do ser livre entregue como a serpente a devorar sua própria cauda: Adão, no Paraíso, foi livre no momento exato em que soube que poderia comer, ou não comer, a maçã. Soube, Adão, da pura instrumentalidade profana do livre arbítrio. Assim K., o agrimensurador de «O Castelo», esperando o funcionário à porta do castelo: não viria o funcionário, não passaria pela porta, mas K. era livre de esperar-lo uma hora ou por toda a eternidade debaixo do sol ou da chuva ou da neve.

Seja num subúrbio de Buenos Aires, no não lugar de O Valete, ou nas classes altas de La Habana, sempre há em nossos romancistas o desfile de personagens totais, ou anões ou gigantes, ou tímidos ou ousados, ou ladrões ou honestos, ou pícaros ou de bom comportamento burguês, ou libidinosos ou cas-

tos, hetero ou homossexuais, inseridos na vida cotidiana e vivendo marginalmente a ela. Como no procedimento barroco todos são símbolos de algo que os compreende e não se esgotam na pura sociabilidade. Haveria, se a análise crítica fosse mais profunda, a possibilidade de encontrar, como queria Max Benson, uma estética do obscuro em Cortázar, Lezama Lima e Mello Mourão e tudo naquele conúbio da mística e da erótica antes assinalada. Amor e morte, módulos da erótica e o misticismo, como deus bifásico, aparecem claramente nas linhas de estética do obscuro, como uma forma de ascetismo.

Nestes romancistas, barrocamente, tudo é permitido: o lupanar e o incesto, o estado lúdico e a festa, a destruição e a miséria, assim como a glória e o tédio, quer dizer o humano, o exatamente humano na medida que desprendido do divino. Diz Mello Mourão, tempo de mito e tempo de profano: a expressão do mito nas dimensões do profano é a ordenação temática da obra dos autores em comentário. Por isso se explica a imediata universalidade adquirida pelo «Valete», o «Paradiso» e «La Rayuela». As portas do pensamento lógico e racional são fechadas para viver a intensidade mítica, se nos mostra o homem contemporâneo na sua eternidade categorial, acima ou além de sua limitada existência temporal.

EFRAIM TOMÁS BÓ

Contudo, no canto seguinte, Carlos Nejar se volta aos pensamentos, aos pensamentos que «assaltarão o sono das palavras; os pensamentos (que) serão rudes e sublimes e embaralharão os homens como a recém-nascidos». Esta «Ode», que é o «Quinto Canto» do «Livro de Silbion», é toda dedicada à Amada, numa linguagem cuja simbologia se aproxima daquele onirismo do Jorge de Lima de «Invenção de Orfeu». Diz o poeta: «Esqueci-me do julgamento dos homens/porque existia o amor». O amor para ele tem a intimidade da morte. Por isso, constrói ele Aurora, que «não era nome de mulher nem era mulher dos rios, (...) era irmã de todos os rios». Ele ama a Amada como ela é, mas adverte: «Só não desejo alimentá-lo com o meu desespero... Ele se embaralhará na sua infância, ele se embaralhará na sua morte, amará as suas alegrias, mas amará muito mais o seu sofrimento, a sua infância, «os sábados de orvalho». Ele amará sempre muito mais o seu sofrimento, porque «o amor, amada, é uma coisa terrível/e é preciso alimentá-lo todos os dias,/como um monstro se alimenta/de carne e de fogo».

Neste trecho do «Livro de Silbion» começam a surgir as preocupações de ordem social em Carlos Nejar, como na parte 23, à página 72 da obra, quando o poeta fala das guerras e dos ódios, dos donos da terra e dos donos dos homens, e das aves do céu que se assustarão, e das demônios que se assustarão, e das nações que se acerçarão do sol «como de uma profeta». Essa tendência à denúncia vai se acentuar nos cantos seguintes, quando Nejar diz que «somos efêmeros», mas o ofício de Deus «não tem princípio nem fundo». Insiste ele, contudo, na nossa dependência com a vida. Lucidamente acrescenta: «A nossa dependência com a vida/é sermos lúcidos e loucos./A nossa dependência com a vida/é sermos homens,/com todos os nomes, pronomes, estrelas./Somos o lado real de tudo/como se tudo/pudesse ter um lado,/um flanco aberto./Não somos anjos,/nem Deus».

No sétimo canto, «Homem no Caos», ele exorta o homem a descer da morte, a estreitar o horizonte no peito, a olhar as casas e a rolar no abismo, a sangrar, já que a identidade do homem «não se mescla aos naimais terrestres, nem aos frutos (...) tua identidade é um estrondo de fábulas, de ópio, de navalhas no sono, de navalhas no rosto», presente e futuro que se entrelaçam «em tua morte com um braço de fogo». Porém há outros dimensionamentos para as coisas que afligem o poeta: a esperança, que a força do amor lhe traz, já

que «nossa é a terra, o reino e seus caminhos», e a personificação do mito, além dos ventos, além dos signos, que o levará à ambigüidade dos elementos que ele ainda tem em mãos.

Os três últimos cantos do «Livro de Silbion» conduzirão o poeta à construção do Sol, à construção da noite e à construção da aurora ou «Testamento de Silbion». Para ele, é válido o pensamento kierkegaardiano, do que «um dia a morte chega e o homem se torna eterno». Para Nejar, há que se fazer da própria morte uma nova vida, «que há de brotar do tempo, das águas e da terra». Para ele, somos eternos «e é terrível ser eterno», mas há que não esquecer, contudo, que «a vida é silenciosa e humilde, seiva no íntimo das árvores (...) a vida é e não sabemos». Justamente porque ela nos absorve e nos deixa confundidos, ela não pertence a nada, a ninguém, senão à memória dos mortos, à memória do tempo que se renova, «renascendo sobre a terra» continuamente. Para o poeta, há que permanecer intacto e puro no tempo, já que «é tempo de voltar a ser semente/e deixar que a manhã desapareça/para brotar uma manhã de ramos,/com ressonância límpida e noturna». Há que renunciar a tudo que o afasta do mar, «ao sonho com seus barcos», pois é ele mesmo quem diz: «Eu só quero legar a minha morte».

O terceiro livro de Carlos Nejar, datado de 1965, que sai nesta coletânea de suas primeiras obras, é o «Livro do Tempo», onde o poeta, «(vindo do caos original — ponto de partida e de retorno do homem), canta agora a aparição do tempo humano, o ciclo temporal em seu fluir incessante, regular e inesgotável». Aqui, os elementos empregados por ele são «de grande carga simbólico-vital», como notou Nelly Novaes Coelho, com sua costumeira argúcia crítica. Vocábulos, como pedra, sol, noite, lume, mar, fruto, água, vento, são constantes no estro do poeta e prenunciam sua lúcida caminhada para uma total integração no tempo, que constrói e que destrói simultaneamente, ainda que Carlos Nejar saiba que «a vida não se liga à textura do tempo».

O poeta, realmente, não se contradiz, como poderia parecer à primeira vista. Porque, para ele, «o tempo não é morte/enquanto nós passamos/como frutos da árvore/como quebrados ramos/o tempo permanece/enquanto nós passamos». Para Nejar, a vida «apenas rompe no arcabouço do tempo». Quanto ao

(Segue pg. 20) →

O GÊNIO DE JUREMA E O CARÁTER DE NERUDA

Jurema Finamour? Mulherzinha de gênio está aí. Para ela não foi bastante massacrar o grande «Pedro Paramo», do mexicano Juan Rulfo numa tradução que bem merecia uma cadeia. Agora Jurema volta a atacar, com vistas a destruir o mito de Neruda que ela própria, segundo suas palavras, ajudou a construir. Modesta, a moça. Mas, no duro mesmo, esse «Pablo e Dom Pablo» massacra é quem tem estômago de ler, até o fim, as confissões de uma mal-amada secretária e uma desconchavada escritora.

Tá certo que papel aguenta tudo (eu, particularmente, uso Finesse, folha dupla) e todo mundo tem o direito de obrar o que quiser. Só não dá pra entender uma editora que se presta a editar um livro como esse, com o agravante de lançá-lo à venda, cercado de badalações. Bom, outra verdade é que editor também é gente, precisa rodar a bolsinha. Mas bem que a Nórdica, que nunca mais terá o meu respeito de leitor, poderia ter feito o livro sob encomenda direta da Junta Militar do Chile, talvez a parte mais interessada nas revelações que Jurema Finamour faz sobre o seu ex-padrão.

O livro de Jurema tem dois propósitos bem definidos: o de promover uma escritora medíocre e o de jogar lama na memória de um dos maiores poetas deste século. Felizmente, pra se conseguir objetivos desse porte é preciso talento, coisa que dona Jurema tem tanto quanto Neruda tinha cabelos. E bem que ela se esforça, coitada, linha por linha, página a página, capítulo a capítulo de suas memórias de secretária mal-comportada. O leitor vai tomando conhecimento, a duras penas (não é mole enfrentar o estilo de JF), de que a autora é uma exímia cozinheira, uma brilhante e precoce jornalista, uma amiga fidelíssima, um caráter sem jaça, uma imbatível heroína (suportou um regime de pão e água, no campo de concentração que Neruda mantinha em Isla Negra), enfim, uma Joana D'Arc tropical queimada em fogo lento por um terrível sádico que passava por poeta.

Por trás desse torço de confetes sobre sua própria cabeça, a autora vai mostrando um Neruda supostamente avarento, intrigante, nauseabundo, despotista, mentiroso, «um falso humanista que derramava seu coração (desperdiçando papel) pelos versos, pelas crônicas, pelos discursos políticos, mas no fundo, no fundo eles eram iguais...»

A citação aí de cima é uma pequena amostra do estilo de Jurema Finamour. Deixando de lado a bílis derramada, observe-se a confusão sintática do fim do período: «no fundo, no fundo eles eram iguais». Eles, quem, dona Jurema? Ah, Dona Jurema, não me venha com falsos anacolutos, deixe de confundir língua portuguesa com língua de comadre. Construções como essas, ainda piores, existem aos montes no livro dessa secretária a quem eu não teria coragem de ditar um bilhete para o açougueiro da esquina.

Voltando à vaca fria (vaca fria? Disse-o bem): a autora, num relacionamento viciado, algoz, que Freud está cansado de explicar, procura atingir o poeta Neruda através do comportamento íntimo do homem, do cidadão Elicer Nestal Ricardo Reis y Basualto. Não contém o seu ódio, ao ponto de confessar, talvez na única franqueza do livro, que se pudesse teria assassinado Pablo Neruda e sua mulher Matilde. O resto é mexerico, intriga, sensacionalismo barato, observações indiscretas. Um golpe muito manjado, que tem dado mais certo quando se trata de secretários de armadores gregos, de milionários excêntricos ou de viúvas alegres e cheias da nota.

Afinal de contas, o que tem a ver a poesia de Neruda com as fofocas da Dona Candinha Finamour? Por acaso, «Odas Elementales», «Residencia en la Tierra», «Navegaciones y Regresos» e «Canto General» poderão ser destruídos pela língua dos detratadores do homem Neruda? A quem realmente interessam as idiosincrasias do poeta?

Ingenuamente pensei que só poderiam interessar à própria autora e, claro, à Junta Militar chilena. Mas vejo que os gritos histéricos da dona Jurema já começam a ter coro. Adonias Filho achou o livro «atraente e bem escrito» (bleargh!) e confessa que agora tem outra imagem do poeta Neruda.

«Agora, estou certo, só se engana com Pablo Neruda quem quiser ser enganado» — escreveu o ilustre membro da Academia Brasileira de Letras. Realmente, Adonias Filho só merece mesmo ser confrade daqueles quarenta séculos de estultícia, que nos contemplam do alto de suas mesas com chavenas de chá e broinhas de milho.

O que Adonias Filho e Jurema Finamour parecem ignorar é que entre eles e Pablo Neruda existe uma diferença fundamental: Neruda está vivo.

NEIL DE CASTRO

tempo, como símbolo, ele "se renova/de seu próprio destino/noite na noite cova/ventre no ventre espinho". Esse tempo "se renova de si mesmo esquecido", pois não há como saciar a fome do tempo, enquanto "desfignio (que) se cumpre". Ele "não retorna/a não ser noutra tempo/mais vivido no sangue/mais vivo na semente".

«O Campeador e o Vento», de 1966, parece ser a obra de Carlos Nejar onde o equilíbrio das forças contrárias se projeta mais plenamente. Quando o poeta exclama: "Vento cerivo/puro vento,/se mistura/com os cedros,/ultrapassa o mirante,/se mistura/a outro tempo", ele parece estar caminhando para uma outra luta, ele que é um "lutador consciente de suas forças e limitações, mas sempre lançado no encaixe de um Ideal a ser conquistado". Desses cinco livros, este talvez seja o mais objetivamente participante e de inequívoca tendência social. Um contraponto entre o lavrador (o homem) e o campeador (o criador "que segura as rédeas do tempo") empresta à obra sua ritmica mais rica e seus achados mais felizes. Desde o primeiro poema do «Primeiro Canto», vamos encontrar o poeta dono da sua mensagem mais direta: "fica a terra, passa o arado,/mas o homem se desgasta;/sangra o campo, brota o gado,/brota o vento de outro lado/e a semente também brota".

Logo a seguir, pergunta o poeta meio atônito: "que será do novo homem/sobre a terra que vergasta?" A resposta, de aparência simples, reduda na fome. A fome, porém, "se alimenta/do homem/como o tempo se alimenta/do trigo". Diz o poeta: "Somos força de terra misturada/contra a força das águas", ainda que a fome nos vincule à terra. Daqui em diante, a terra, a fome e a morte atravessarão estas páginas notáveis de «O Campeador e o Vento», pois, recorrendo às metamorfoses, instiga o poeta ao Campeador a ceder à luta: "Tu, Campeador, refugiado nos minutos,/desce dos montes/e cava tua solidão nas árvores". Porque, diz o poeta, convicto: "O leão está em ti/e não nas coisas". A luta está "no subsolo onde os dramas se convivem". A luta está na aliança, pois o "homem sempre é mais forte/se a outro homem se aliar". A vitória é sobreviver no combate, já que "a luta é nossa origem". Exige, então, o poeta que o homem assumira o encargo e lute, pois "o jugo não raspou/em nós por dentro/o seco da revolta". E, assim, o homem, equilibrando as forças contrárias que o regem, terá a conscientização da sua força e da sua recusa: "rejeitarás a dominação da safra,/o quinhão de salários não suados,/o arremate mal-pago,/o terreno tomado".

Chegamos, por fim, ao quinto livro desta coletânea magnífica, «Danações», publicado, pela primeira vez, em 1969, quando Carlos Nejar já atingia uma incontestável maturidade literária. Nesta obra o poeta cuida em reinventar-se, através do dever existencial, ainda que exclame: "Não quero deliberação-/Quero a vida/sem refrão ou bandeira,/companheira". O assumir-se, como muito bem apontou Nelly Novaes Coelho, torna-se fundamental para Carlos Nejar. Humildemente confessa: "Nada sou, nada tenho,/senão o que me exime/do veneno". Porém sabe ele que já passou e ultrapassou "a fronteira,/sem passaporte ou visto,/sem porte de arma/para o que trago comigo". Porque, agora, sabe também o poeta que ele possui "o desespero/residente/naquilo que construo". Sua poesia, aos poucos, vai se tornando mais contestadora, como em «Qualificação», à página 224, quando diz o poeta: "Não venham com razões/e palavras estreitas./O que sou sustenta/o que não sou".

Nesse tribunal constante em que se encontra o poeta, desde o início dos tempos, ele não chegou nem para defender-se, nem veio "para oferendas,/nem para impor a lei e sua lava-/temores e espadas./Vim para dar ao homem/sua morada". «O Depoimento», à página 242, prossegue nessa mesma intenção, isto é, pôr "em julgamento tudo quanto até então fizera ameaçador o universo do homem, com todas as suas danações" e, "simultaneamente, pela voz do novo homem, (reafirmar o poeta) com segurança o ato de existir - aquele que o faz resistir".

Vários são os poemas de «Danações» onde encontraremos a força da mensagem aliada à contenção do vocábulo, sempre empregando com exatidão, e à inventiva da semântica desabusada. Os três últimos poemas do livro «O Embarque», «Travessia» e «Inscrição», são sintomáticos da maturidade a que chegou Carlos Nejar, um de nossos poetas atuais que melhor domina a linguagem. Ao mesmo tempo, uma humildade autêntica parece, agora, caracterizar a sua poesia a caminho do cosmos absoluto. Diz ele: "Sou aquele que cedeu/o melhor de seu tesouro/e mendigo se perdeu/nas próprias coisas que deu". É perturbante como agita o poeta e essencialidade das coisas e dos seres e de todo o Universo, do qual ele conscientizou o invólucro e o além, esse Universo que o contém e que o arrancará do poço do calabouço, mas isto já é um outro assunto que, sem dúvida, abordaremos em nosso próximo artigo...

REYNALDO BAIRÃO

Prefaçando o livro, Franklin de Oliveira, sem dúvida tem razão: - "A estas virtudes literárias - clareza, ironia, agilidade de dicção, senso polêmico, riqueza argumentativa - Sebastião Nery alia ainda uma concepção de vida de timbre humanístico: para ele, o homem é a raiz de todas as coisas." Mas, é verdade também o que Franklin adverte sobre o relatório de Nery: "Teme apenas que os rebeldes de 25 de abril de 1974, ou um segmento da insurreição atropelam a história. Mas insurreição não é revolução, e esta não se pode enfiar em molduras reformistas, como não se pode meter o Atlântico numa piscina."

É precisamente o que sobra da leitura da suculenta reportagem. Nery é um humanista e desejou que os militares, tendo realizado uma eleição, num clima de absoluta liberdade, "respeitassem" o resultado das eleições, entregando o governo a Mário Soares, o ganhador do pleito. Em seguida, abandonassem o Palácio das Necessidades e retornassem aos quartéis. Os comunistas estariam se opondo a isto e procurando instituir uma "ditadura stalinista". Defraudam o resultado eleitoral, apoderam-se dos jornais. Não resolveram nenhum problema. Tudo está pior, como comprova o depoimento do porteiro do hotel, em que Nery se hospedou em Lisboa. As fianças públicas desabam numa catástrofe, segundo o testemunho de Walder de Góes, correspondente do JB, que se encontra em Lisboa, depois de ter sido expulso da Argentina, sob a acusação de atividades em ligação com a CIA. Testemunho que Nery alinha entre seus informantes, na pág. 231-232. Se os comunistas continuarem infiltrados no poder - assegura Nery - a revolução que foi um salto no escuro, será um salto no abismo.

A conclusão a que cada um chegará, ao concluir a leitura, é a de que o grande inimigo do povo português - hoje - não é nem a CIA, nem o gen. Spínola que se prepara para ser o Castillo Armas guatemalteco na Península Ibérica. O grande inimigo é Alvaro Cunhal. É preciso destruí-lo. Prioridade nº 1.

Segundo o raciocínio de Nery, o leitor desinformado que se queira instruir, perguntará: "Terá valido a pena sair de uma ditadura de direita, para ingressar em outra - estalinista?" E fatalmente concluirá que a revolução portuguesa, com a participação dos comunistas, foi um erro.

Como se vê, esta é a tese de Carlos Lacerda e explica aquilo que deixara todo o mundo intrigado na noite de autógrafos, promovida pela Editora, em sua livraria de Ipanema - o comparecimento do mesmo Lacerda, único representante da direita, no meio das centenas de leitores de «Crítica» e de «Opinião», que ali se acotovelavam para homenagear Nery, sem suspeitar do conteúdo do livro. E nem tinham lido essa frase surpreendente da pág. 102:

"Um dos grandes equívocos da atual fase da política brasileira é que nossos líderes esqueceram a lição de ontem e já não temos os José Bonifácio (hoje é o tempo dos Zézinho), os Joaquim Nabuco, os Rui Barbosa, os João Mangabeira, os Barbosa Lima Sobrinho e VAMOS SER JUSTOS, os CARLOS LACERDA."

Terá sido a primeira vez na História que um jornalista ou qualquer pessoa, mesmo entre os ardentes mal amados de outrora, terá colocado o hoje próspero banqueiro de Novo Rio, ao lado daqueles vultos da história do Brasil. O que terá ocorrido com o Sebastião? - perguntará qualquer dos seus admiradores, em sua esmagadora maioria vítimas do cruel governador da Guanabara, na agitada década de 60.

É verdade que o título do livro já deixara muita gente apreensiva. «Portugal - um salto no escuro». Porque um salto no escuro? Portugal jazia mergulhado nas trevas das masmorras da PIDE e do fascismo, e deu um salto. Apenas se salta para o escuro, quando se está em chão seguro e iluminado. Será um chão seguro e iluminado o salazarismo? O próprio Nery garante-nos que eram masmorras irrespiráveis e medievais. Então o salto não foi para o escuro, mas

PORTUGAL UM SALTO NO ESCURO

para a liberdade, para a luz. O título saiu, portanto, invertido, como infelizmente, invertido tudo está no livro.

Por exemplo: para provar as difíceis condições de vida atuais do povo português e o arrependimento, busca o testemunho de um porteiro de hotel. Nery esqueceu-se de que, uma revolução socialista, depois dos grandes banqueiros, dos latifundiários e de algumas outras categorias, encontram-se os porteiros de hotéis e motoristas de táxis, entre



os mais sacrificados. Os porteiros de hotéis e os motoristas de táxis, em Cuba, eram corretores de prostitutas que precisavam vender seu corpo, para compor o orçamento familiar. Vinham os turistas norte-americanos, com os bolsos recheados de dólares e esses profissionais incumbiam-se de provê-los de nocinhas para um week end com prazeres totais. Numa economia socialista não há clima para esse comércio sórdido. Por isto, todo mundo sabe que os motoristas e porteiros de hotéis tornaram-se ferrenhos adversários da revolução cubana. Sem o estímulo vergonhoso da prostituição, o turismo declina. A visitação de monumentos, museus e locais de beleza natural, sem o atrativo noturno de cabarês, jogos e call girls, é turismo para velhos reumáticos. O negócio fracassa e quem poderá ser a favor de uma revolução que vem para arruinar o faturamento próprio?

Nery não entrevistou os que não podiam estudar, porque não tinham dinheiro e que, por isto, também não podiam recorrer a médicos e hospitais; os que trabalhavam como servos de gleba e agora são donos de suas roças. Os milhares de trabalhadores que não podiam recorrer a sindicatos e nem receber indenizações nas fraudes patronais. Os obrigados a abandonar a Pátria e a família e submeterem-se ao trabalho clandestino na França e na Alemanha, suportando invernos inclementes em alojamentos sem calefação e afundados nos mais duros e abomináveis trabalhos que os operários de

país hospedeiro se recusam a prestar, por humilhantes e mal remunerados.

E claro, seria estúpido negar, o povo português vai passar por um período de sacrifícios impostos pela máquina implacável dos grandes monopólios e do latifúndio, com recursos guardados em bancos estrangeiros. O dever de Nery, que é um socialista, já pagou com prisão professar tais idéias. Seria, antes de explorar as divisões no seio dos que lutaram contra o salazarismo, como portamento que apenas ajuda ao fascismo, aprofundar seus estudos, examinar o que é fundamental e o que é secundário; compreender que, numa revolução, em que a maioria do povo nunca assistiu uma aula de teoria revolucionária e em que a maior parte dos oficiais superiores encontram-se irremediados, antes por sentimentos de justiça, do que por conhecimentos do processo histórico da mudança qualitativa das estruturas, em tal revolução haverá grupos fanáticos, grupos radicais, grupos ingênuos e românticos e haverá erros profundos.

Um exame honesto da revolução portuguesa mostrará que Alvaro Cunhal e os comunistas, não obstante a intensa participação, absolutamente não detêm o comando da revolução portuguesa. É tão falso dizer que Costa Gomes, Vasco Gonçalves, o almirante Pinheiro de Azevedo e os milhões que os apoiam no comando da revolução de 25 de abril são todos comunistas, como o era afirmar a mesma coisa, em relação a Jango Goulart e a seu governo.

Quando pedem a cabeça de Vasco Gonçalves, do almirante Pinheiro de Azevedo e de outros, os fascistas do mundo inteiro, inclusive o sr. Carlos Lacerda, precisam de um pretexto. Agora, como no tempo de Mussolini e de Hitler, a estratégia é o apelo de comunistas e de stalinistas. É a maneira mais eficaz de mobilizar o ingênuo, o deseducado, o ignorante e o que não dispõe de tempo para exames profundos.

Cada um que lê o noticiário da grande imprensa com alguma atenção, percebe logo, nas próprias entrelinhas, as crises fabricadas nas redações. Fontes bem informadas esclarecem que (lá vem um boato, uma destituição, um golpe, uma conspiração por quarenta e oito, por vinte quatro e por horas a explodir). Mas se alguém percorrer a coleção do «Jornal do Brasil», vai encontrar quanto esse jornal da verdade deve ao First National, ao Banco Lar Brasileiro, ou seja ao Grupo Rockefeller, senhor de importantes interesses em Portugal. Se vier a ler «O Estado de S. Paulo», de 17.11.74, verá que esse "independente órgão da imprensa brasileira" deve cinco milhões de dólares ao Banco Morgan, quatro milhões ao Eximbank e 12 milhões ao Banco de Boston. Ora, esses banqueiros que também são donos de fábricas, minas e estradas de ferro em Portugal, na Angola e alhures, não emprestaram essas fabulosas somas, baseados na solidez do Estado e nos juros, mas nos editoriais onde tais interesses são calorosamente defendidos. Se não o forem - executa-se a dívida. Penhem-se as rotativas. Feche-se o jornal. Ai estão os exemplos: «Correio da Manhã» etc.

Estas informações - os admiradores de Sebastião Nery gostariam de encontrar nesse seu livro que seria uma seqüência de sua longa folha de serviços em favor da liberdade democrática e da justiça social. Por isso, impõe-se que Nery retorne a Portugal e entreviste, não os porteiros de hotéis, mas os trabalhadores das fábricas, os chefes de todos os partidos, inclusive Mário Soares e Alvaro Cunhal, os chefes militares e nunca se sirva de citações de Walder de Góes, de O Globo, do Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Paris Match etc. que no atual livro somam quase uma centena.

Os leitores querem um novo livro de Sebastião Nery, porém, dentro daqueles padrões de honradez, de seriedade profissional e de amor à liberdade e à redenção do povo português, encontrados nas reportagens que o projetaram na imprensa livre e progressista de nosso país.

CESAR MALTA

O ESCRITOR SEGUNDO ROBERTO ATHAYDE

Roberto Athayde faz questão de dizer que é casado, embora não use aliança, toca piano o dia inteiro, quer dizer, exercita, num meia-cauda que alugou. O apartamento tá quase vazio com uma vitrola, uns discos, dois quartos, sala, dois banheiros, telefone, cozinha, no meio quase máximo da badalação romana: Piazza Navona, Piazza Farnese e Campo Dei Fiori. É aí que Roberto Athayde mora com sua mulher, Lucinha Camargo.

De uma geração destrambelhada, capada culturalmente, castrada politicamente, louca, desesperada e sem nenhuma esperança concreta no horizonte e/ou futuro, Roberto Athayde é dos poucos expoentes que aconteceram no Brasil nos últimos dois ou três anos, hoje até meio conhecido na classe teatral internacional, com o sucesso indiscutível da sua peça «Apareceu a Margarida» (encenada no Brasil, em 73, por Marília Pera).

Principalmente depois do Ato 5 e da lei da censura — promulgados respectivamente em 68 e 69, lembretinho pros que têm memória fraca — o processo cultural brasileiro vem tendo o gasnete cada dia mais apertado. Esperneamos, debatemo-nos, sobre e sobrevivemos, apesar dos pesares e apesares. Os editores trancam as portas, joga-se os escritos nas ruas em mimeógrafo. As gravadoras fazem fiofó glicosado, arranja-se um jeito de se soltar o som — embora o grito que nos rasga permaneça calado e colado no fundo da goela — as produtoras cinematográficas insistem no boicote, arranja-se uma super 8 ou uma 16mm e segue-se em frente.

É muito difícil ser brasileiro hoje, mas o somos, e isso é um fato irreversível. E Roberto é dos poucos que conseguiu, mantendo-se afastado dos problemas nacionais, não ser totalmente devorado pela britadeira.

A entrevista começou muito bem, mas depois degenerou em grandes discussões, já que temos pontos de vista radicalmente opostos sobre várias coisas, principalmente entre a diferença que há entre a política e a política-gem, entre o dever social do artista, como escritor, teatrólogo, ator etc. e muitas vezes ele correu da reta, pra não ter que reconhecer o seu desconhecimento sobre a (não) literatura brasileira de hoje.

«D. Margarida» será encenada em Atenas, Canadá, Suécia, Alemanha, e aqui na Itália, onde já participou do Festival de Spoleto. Dirigida por Giorgio Albertazzi (que inclusive há dois anos esteve no Brasil com uma companhia, e teve o texto da peça, de sua autoria, «Pilato, Sempre», censurado 10 dias antes da estréia, depois de ter sido liberado antes) e levada avante por Anna Proclemer, tida como das melhores atrizes italianas, «D. Margarida» entrará em cartaz em Roma em novembro.

Enquanto isso, Roberto Athayde continua tocando piano, faz halterofilismo, e toma sol à beira do Tibre.

Discutimos muito, mas o cara tem peso próprio. Megalômano assumido, vai curtindo e lendo filosofia — pretende daqui a oito anos escrever algum ensaio filosófico — tomando freneticamente coca-cola e esperando conseguir um papel em algum filme, ou uma maneira de dirigir um filme seu, mesmo que comer-

cial, pra chegar ao ponto máximo das suas aspirações cinematográficas.

C: Você sempre me disse que nenhuma das montagens de «D. Margarida» tinha sido como você queria. Daí agora você explica como é que você queria que ela fosse montada.

RA: Isso é a coisa mais fácil do mundo, ainda bem que você começou com uma pergunta fácil, porque o problema da «D. Margarida» é ser uma peça pro público, feito a sua peça, «Sala de espera», que é uma coisa pretensamente pra ser representada pelo público. Pra mim a coisa mais importante é o público ser obrigado a entrar no papel, porque todo o meu problema é achar que o público não consegue representar, entende? Ou seja, que toda a máquina da civilização, da repressão, bloqueia a capacidade lúdica do público. Então, se eu mantenho a proposta inicial, que é de fazer o público participar, porque me interessa pelo teatro de participação (tenho uma concepção terrivelmente modesta da capacidade do público participar, de embarcar no negócio, ao mesmo tempo achando que fazer o público representar é essencial, é o próprio envolvimento do teatro), então, a saída que encontrei é de criar papéis incrivelmente fáceis pro público, de preferência papéis mais ou menos que o público tenha que representar. A base da transação é apresentar uma situação terrivelmente parecida com a situação dentro do teatro, porque a dificuldade de você representar uma brincadeira, na minha opinião, consiste em passar do seu estado natural para um estado de infantilidade, ou ludicidade que o papel, que a brincadeira requer, entende? Então, se a brincadeira for uma brincadeira terrivelmente próxima da realidade do público, ou seja, se o papel for terrivelmente próximo da personalidade, do próprio comportamento do público, tanto mais fácil. Um papel para um ator é tanto mais fácil quanto mais próximo for da normalidade do ator.

C: Sim, mas eu falo mais exatamente da montagem da «Margarida». Você sempre me disse que até agora nenhuma tinha sido como você queria.

RA: Mas é aí que eu quero chegar. Você quer saber especificamente como eu faria a montagem? Pois é, porque eu concebi a peça pra ser feita sem marcação, o público reagindo, a atriz fazendo os movimentos que ela puder fazer, e com a ação física dela, a peça é pra qualquer exagero, se ela precisar, dependendo do comportamento dos alunos, porque é uma aula, entende? Se os alunos se comportam mal, ela teria que castigar muito mais, e ela teria que estar atenta aos menores acontecimentos no teatro. Pra mim, a «D. Margarida» não pode ignorar nada que se passe na



Roberto Athayde: a impossibilidade de aceitar a profissão de artista como politicamente seria (foto Márcia de Almeida)

plataéia. Se uma pessoa se move um pouquinho, ela tem que estar em cima, entende? Ela teria que estar em cima de tudo, em cima das pessoas, assim como uma professorinha que estivesse de péssimo humor um dia, fica em cima dos alunos. E isso nunca aconteceu, porque todos os diretores deram uma expressão simbólica ao texto, fazendo «D. Margarida» executar movimentos simbólicos, ou seja, na concepção coreográfica do diretor, e se a «D. Margarida» tem que fazer um certo movimento na próxima fase, ela não pode se dar ao luxo de se envolver com os alunos e se deixar interromper ou querer essa interrupção bastante.

C: Aquele teu livro de contos, «O Jardim da Fada Mangana», vendeu? Teve saída?

RA: Que eu saiba, não. A primeira edição do Jardim foi feita por papai no porão da Academia Brasileira de Letras, e essa nem chegou a ser distribuída, mas serviu pra gastar um pouco o livro, porque foram 1.500 exemplares, e pelo menos uns mil foram distribuídos, inclusive gente de imprensa. Houve algumas revisões, mas nenhuma livraria recebeu essa 1ª edição, então, a segunda, que todas as livrarias receberam, que eu saiba, não vendeu.

C: E você nunca mais escreveu nenhum conto?

RA: Escrevi mais sete contos. Mas estes contos não são destinados a um livro de contos, e sim, a um romance, que cada capítulo tem uma forma diferente, e portanto alguns capítulos têm forma de conto. Esses sete contos são capítulos de um livro chamado «O Homem da Lagoa Santa».

C: Esse livro é aquele que é filme, que é livro, peça, que é tudo?

RA: Exatamente. Ele já tem os sete contos, tem a peça do livro, que é os Sertões, não tem é o filme, falta o filme, e justamente esse é o motivo da minha estada na Itália, é o fato de faltar o capítulo filme.

C: Escuta, lá no Brasil teve gente que te colocou de «estrela» do cinema internacional, herói do Zefirelli e do Fellini. Você me disse que tudo isso era um grande mal-entendido. Fala o que há de concreto nesse campo e quais são os teus planos e possibilidades quanto a cinema aqui.

RA: Eu tenho que falar do que há sem ser concreto, porque se eu me resumisse ao concreto, não haveria nada que dizer, porque não tem nada de concreto. O que tem, e que eu talvez pudesse chamar de concreto, é a disposição de ser ator, de trabalhar como ator,

como a maneira mais rápida de alcançar a direção de cinema, entende? Eu acho que a maneira mais eficiente pra mim de aprender direção de cinema, a mais eficiente e mais proveitosa, seria fazer uma pequena carreira de ator. O que houve foi que eu fui oferecido, por uma agência de atores, pro Fellini e pro Zefirelli, o que não quer dizer que eu tenha sido convidado pra fazer coisa nenhuma, ao contrário, eu não fui convidado pra fazer nada, nem no filme do Zefirelli, nem do Fellini.

C: E a sinopse desse teu filme que Você mandou pro Cocayannis (Zorba o Grego), acha que pode virar filme mesmo?

RA: Tenho certeza que vai virar filme. O problema é que é um filme muito elaborado, e portanto eu não devia ter escrito nessa altura ainda, porque é muito difícil, precisa mesmo que um diretor como o Cocayannis, goste muito da idéia pra querer, porque nem tem roteiro ainda...

C: E essa tua transa com o Cocayannis como é que foi? Como é que ele decidiu montar a «Margarida» em Atenas?

RA: Foi completamente fora da minha alçada, foi pela agência francesa que tem correspondência com a sociedade lá da Grécia e distribui pros diretores principais qualquer texto de peças que façam sucesso em Paris. Então, o Cocayannis leu a peça e quis montar com uma atriz chamada Helis Lambetti, que é a que vai fazer. Eu só encontrei o Cocayannis com a pessoa que vai começar a ensaiar a «D. Margarida» no dia primeiro de setembro.

Mas claro que a primeira coisa que eu fiz quando encontrei com ele pra falar da «D. Margarida», foi desviar o assunto pra cinema, e confessar as minhas ambições no campo, pra ver o que ele dizia. E ele se interessou muito, foi muito simpático, e falou inclusive que tem um filme — a idéia — há anos e anos de cabeça, e que precisa de um escritor pra escrever essa idéia. Quando eu fui a Atenas pra estréia da «D. Margarida», ele vai me fazer ler a idéia. Então eu mandei o meu filme pra ele, porque achei que era me antecipar ao que ele ia me fazer. Assim, quando eu ler a estória dele, ele já leu a minha.

C: Você não tem medo de que com o sucesso indiscutível de «D. Margarida» as tuas outras peças não sejam transadas e que você



fique sendo conhecido só, como... Roberto Margarido? Por que, além dessa montagem que a Madeleine Renaud vai fazer de «No Fundo do Sítio», pra mim o seu melhor texto, há alguma coisa de concreto quanto a montagens de outras peças suas aqui fora?

RA: Realmente tenho medo e acho até que, francamente, já sou considerado como D. Margarida, e o resultado é que as montagens dessas minhas outras peças são assim uma espécie de "outro plano", que é uma coisa que me irrita muito. Poem de um lado a «D. Margarida», e do outro lado, como que uma função de «D. Margarida», as outras cinco peças. A única coisa que apareceu de mais concreto foi justamente a Madeleine Renaud querer fazer «No Fundo do Sítio». Isso quando eu estava em Paris, agora em maio. Estive várias vezes com ela e estava tudo mais ou menos certo, até que o ator que eles tinham escolhido, que é filho do Michel Simon, o François Simon, que é considerado, um ator maravilhoso, recusou o papel, e então a produção com a Madeleine Renaud está periclitante, não sei se vai ter. E também na Alemanha e na Escandinávia têm umas coisas pintando, mas tudo muito vácuo ainda. A tradução alemã, por exemplo, vai ser publicada: três peças de um ato («O Visitante do Alto», «O Fundo do Sítio», e o «Manual de Sobrevivência na Selva»). Vão ser publicadas no folheto da agência, as três juntas.

C: Na literatura brasileira aconteceu um vácuo totalmente maluco, principalmente na nossa geração, tanto quanto a textos teatrais novos, por causa da censura e da baratinagem geral, como na literatura propriamente dita. Como é que você vê esse vácuo que acontece ainda no Brasil, apesar de se falar muito em descompressão e... descontração?

RA: Acho muito difícil raciocinar em termos de vácuo, porque eu fico sempre tentando precisar o que seja, porque pra se falar de vácuo seria falar da coisa que acontece, já que não se pode falar da coisa que não aconteceu. A gente fala das poucas coisas que aconteceram, acham que elas foram poucas, e aí define a situação geral como um vácuo. Acho que ao invés de se chegar a esse conceito de ter sido um vácuo, ou de ser um vácuo, prefiro o enfoque de falar das coisas que aconteceram de uma maneira suficientemente severa pra não se preocupar, pra não ter que se preocupar de definir tudo no total como um vácuo.

C: Não, Roberto, você vê que na geração da gente, quer dizer, entre o pessoal de 20 a 28, ou 30 anos, você encontra poucos escritores, pouca gente que arriscou a literatura, que arriscou escrever textos teatrais. Foi toda uma geração que antes mesmo de começar a andar sobre os seus próprios pés, de repente passou, teve que passar a caminhar sob pés alheios. É toda uma geração castrada politicamente, alienada ou capada culturalmente.

RA: Isso também, entende? Porque a própria falta de liberdade de expressão estimulou muito o desejo de se rebelar contra ela. Quer dizer, eu acho que todas essas coisas têm efeitos tão complicados, em tantas direções ao mesmo tempo, que pra mim é completamente impossível definir um espaço de tempo, de tempo literário, em termos de acontecimentos políticos.

C: Mas os acontecimentos políticos sempre definiram, inclusive e principalmente, os próprios escritores. Como é que você vê as consequências que isso que aconteceu e acontece - independente de você querer ou não que eles sejam ligados ao lado político, porque o são -, que consequências acha que essa baratinagem geral, que essa falta de gente que consiga transpor o muro e arriscar o caminho da literatura e do teatro, que influências você acha que isso vai ter na próxima geração, praticamente natimorta neste setor, entre outros?

RA: Acho que a própria idéia de ter que transpor o muro já é uma coisa que tem efeito estimulante. Não ter rompido o muro tem o efeito estimulante de ser obrigado a romper o muro pra escrever, quer dizer, a pessoa...

C: Quando falei em muro, falei naquele que consegue que a peça ou o livro não sejam censurados, naquele que consegue o produtor, etc. Foi deste tipo de muro que falei.

RA: Mas é disso que estou falando. Mas os obstáculos são infinitamente maiores, numa situação política contrária à liberdade de expressão, que é a que nós temos, certo? Eu acho que é muito mais difícil fazer seja o que for, se a situação política é contrária à liberdade de expressão, e portanto, conseguir fazer alguma coisa em condições adversas, precisa de uma energia muito maior, e uma chateação muito maior do que Você escrever numa situação mais fácil, em que Você consegue o que quer sem obstáculos. Eu acho que o efeito de uma situação favorável, é favorável e negativo ao mesmo tempo, e o efeito de uma situação contrária é ao mesmo tempo negativo mas muito estimulante. É muito estimulante escrever sabendo que o campo daquilo que Você quer dizer é restrito, entende? É a mesma coisa que limitações de formas literárias, como um soneto. Eu vejo isso. Por que o soneto é uma forma excitante poeticamente? Porque você é obrigado a escrever tudo direitinho. Então você é obrigado a não falar de certos assuntos, por exemplo, e ao mesmo tempo tem que se exprimir. É uma coisa que tem um efeito positivo, o que não quer dizer que eu esteja defendendo nenhuma situação.

Acho que todas as circunstâncias políticas são igualmente contrárias à expressão artística. Concebo a expressão artística como sendo a rebelião absoluta, sem distinção de campos políticos, dentro do âmbito humano, que na minha opinião é o campo da expressão artística. Então adotando um princípio de rebelião ou desrespeito absoluto, Você não pode considerar a limitação política como sendo uma coisa muito séria. Eu vejo o problema político "vis-à-vis" expressão artística em nível extremamente frívolo, inclusive indigno da seriedade do assunto político "per se". Você tá entendendo o que eu quero dizer? Eu acho que o assunto político "per se" (ou seja, sem ser as dificuldades de se escrever uma peça de teatro) é uma coisa tão frívola, em comparação com a situação política "per se", porque ela define toda a maneira de ser da população, entende? A situação política "per se" define a maneira de estar de uma população, ao passo que escrever uma peça de teatro concerne, na melhor e na maior das hipóteses, no bem-estar do autor daquela peça, da pessoa que quer levar a peça. Então eu acho que o problema do autor e a sua peça é frívolo em comparação com o assunto político tomado "per se", ou seja, a realidade brutal das pessoas viverem em certas circunstâncias porque o sistema político é esse ou aquele.

Eu acho que é uma coisa tão grave a ponto da autoria e execução de uma peça de teatro passarem a ser frívolas. Em compensação, do lado do artista a situação se inverte, ou seja: se Você assume totalmente o lado do artista, é a situação política que fica frívola, em favor do egoísmo absoluto de Você recriar um mundo particular. Então, quando eu assumo uma posição de artista que raciocina em termos politicamente frívolos, estou apenas tomando a posição do artista, embarcando completamente, mesmo estando consciente da gravidade que isso significa, como alienação da verdadeira situação. É muito difícil pra mim misturar as duas coisas. Quando raciocino como pessoa, num grupo, eu tenderia a considerar a profissão de autor teatral como inaceitável, a priori. Portanto, quando me vejo embarcado, numa situação de autor teatral, a antítese é válida, é não consigo aceitar como pensador... mesmo podendo colocar a situação social "per se" de uma maneira séria. Não sei se estou dizendo coisa com coisa...

C: Já que você acha que não tem vácuo, que não houve um vácuo literário na nossa geração, então me cite alguns nomes.

RA: Você quer saber quem eu considero mais importante das pessoas que estão trabalhando no Brasil como autor? Tenho a maior admiração pelo Flávio Márcio, que estreou agora em abril uma peça dele em São Paulo («Reveillon»). Aliás, a peça já tinha sido feita no Rio, naquele grupo de quatro peças que Você sabe, levadas pelo Grupo Dramático Brasileiro: «O Visitante do Alto» e o «Manual da Sobrevivência», e «Reveillon» e «Pequeno Dicionário da Língua Feminina», respectivamente.

mente minhas e de Flávio Márcio. Só que no Rio foi fracasso, porque as duas peças dele estavam sendo levadas ao mesmo tempo que as duas minhas, e era uma coisa muito difícil fazer um repertório de quatro peças, uma por noite. Não dá certo, então não deu certo.

C: Mas eu falo de literatura, enfim... Não tem?

RA: Porque só tem as pessoas que tem, entende, e claro que as pessoas que não tem, não tem, Márcia. O problema é que Você tá tentando... eu acho impossível falar em literatura...

C: Então, cita ao menos em teatro, cara!

RA: Mas estou citando. Tem as pessoas que tem. A Leilah Assunção, o Zé Vicente, o Bivar...

C: Eles podem ser cronologicamente da nossa geração, mas não em termos de tempo de acontecimentos. O Bivar é um cara fantástico, o Zé idem, a Leilah já aconteceu quando eu estava saindo de lá, mas o Bivar aconteceu há oito anos, o Zé Vicente há sete, a Leilah há cinco ou seis. Tem também aquela outra cara de São Paulo, a Consuelo de Castro.

RA: Teve o autor da Maria Goiabada... e quem mais teve? Só quando eu estreei em 73, tinham mais três autores estreando ao mesmo tempo. O Caio de Assis Trindade, com «Verbenas de Sangue» e o Nanini com uma peça fantástica - Você sabia que o Nanini era autor? Era uma peça com o Andre Valli, «Descasque o Abacaxi Antes da Sobremesa».



Athyde com sua mulher em Rama (foto Márcia de Almeida)

Não fez sucesso mas é uma peça fantástica. Eu era o terceiro, e tinha justamente o quarto, que é o autor da «Maria Goiabada» e «Greta Garbo»: o Fernando Melo.

C: Você acha que as pessoas que transavam no campo chamado de arte e que saíram do Brasil por um motivo ou por outro, deviam voltar pra ativar profissionalmente lá? Pra tirar o Brasil dessa inércia cultural em que ele se mantém e é mantido?

RA: Acho que as pessoas deviam voltar, deviam fazer o máximo que puderem, eu realmente acho que a experiência estrangeira - justamente eu falar contra a experiência de ficar no estrangeiro, parece uma bobagem, porque eu passei quase todo tempo no estrangeiro, mas sempre querendo voltar achando que eu tinha que voltar pro Brasil, me sentindo culpado de estar no estrangeiro, entende? Eu acho que as pessoas devem voltar e transar o máximo possível, justamente pelo que eu disse antes, que o problema do artista não pode ser definido em termos políticos, que o artista não pode caber dentro de uma definição política, porque considero uma agressão à lógica, entende? Porque eu acho o problema político "per se" demasiado importante pra ser tratado em termos artísticos.

Ser artista já é uma autogratificação individualista comprometida a um grau muito alto. Eu acho ser artista apoliticamente comprometedor, acho que é uma coisa que desliga a pessoa, que tira a pessoa, como se fosse uma cassação política em termos lógicos. Pra mim, eu não consigo aceitar a profissão de artista como sendo politicamente séria. Eu acho uma frivolidade.

C: Já não me lembro se li ou se me disseram que uma vez você declarou ser de direita. Qual é a sua, heim, ó cara? Explica essa coisa direitinho.

RA: A transação de ser de direita comigo é a seguinte: eu acho muito difícil aderir a uma doutrina que é contra um direito, que é contra uma classe à qual você pertence, ou seja, na minha opinião, o usufruto da sociedade burguesa e de uma situação privilegiada na burguesia é comprometedor. Você deve ter notado que na minha definição do artista com a política, a minha posição é mais ou menos paralela. Eu tenho um senso de compromisso extremamente desenvolvido. Acho que certo

tipo de atitudes são incompatíveis com certas atividades, então eu acho que o meu estado de burguês, que gosta da situação de completo usufruto de uma situação de privilégio, esta situação me impede de ter uma posição que seja contrária à situação que eu aceito, porque eu seria, então, logicamente, obrigado a tomar posição ativa contra essa situação, coisa que eu não faço, absolutamente. Em outras palavras, sou obcecado com a idéia de unidade, de levar uma vida absolutamente coerente com as coisas que eu digo, entende? Então a vida que eu levo é coerente com as coisas que escrevo e digo, por isso é que sou levado a dizer coisas às vezes ainda piores do que ser de direita. Inclusive acho que estou cada vez menos de direita, apesar de me considerar ainda bastante de direita. Há coisa de cinco anos atrás eu era muito pior.

C: Voltando à vaca fria, você acabou se restringindo a citar autores teatrais, que você conhece mais e eu acompanho de longe, de 10 mil quilômetros a 5 anos de exterior. Mas de literatura mesmo, você não me soube dizer nada. Fora o pessoal que tem tirado livros em mimeografo não há praticamente ninguém novo. Mas há quem escreva, e você sabe muito bem disso, mas não consegue publicar ou porque as editoras não dão nenhuma guarda, ou porque a censura não deixa, ou porque uma autocensura "aprendida" nesses últimos anos, completa a castração exterior. Quando falo em geração, não falo em termos cronológicos, mas em termos de ondas, de acontecimentos de movimentos culturais. Que eu saiba, nos últimos tempos, fora o João Antonio, que tirou um livro agora e que antes foi premiado, junto comigo, inclusive, no VI Concurso Nacional de Contos do Paraná, no ano passado, e que conseguiu transportar a muralha, em contos, então, o deserto é total. Você conhece alguém, da gente nova, que tenha conseguido publicar a nível oficial, ou seja, em editora mesmo nos últimos tempos?

RA: Toda a abordagem dessa pergunta é muito difícil pra mim, porque é um assunto que eu considero basicamente supérfluo, ou seja abordar a literatura em termos de quem apareceu num determinado período e se justifica considerar se houve um vácuo ou não. Acho a abordagem negativa, e inteiramente sem interesse, principalmente sem interesse literário, porque a discussão literária consiste em tomar uma coisa que esteja ocupando a sua cabeça e falar dele, e não procurar na realidade...

C: O vácuo ficou lá pra trás, embora ele exista. Eu fiz uma pergunta especificíssima se você conhece alguém que tenha...

RA: Mas eu não tenho absolutamente pessoas dentro da manga do meu paletó pra citar pra você e te convencer que haja movimento ou não.

C: Você não tem que me convencer de nada. Que não há movimento disso sei eu.

RA: Eu acho movimento literário uma bobagem, pra começo de conversa. A literatura é uma coisa essencialmente do indivíduo e basta reconhecer as dificuldades naturais de conseguir publicar alguma coisa, em toda parte, no Brasil muito mais.

C: Você se perdeu. Você acabou de dizer que sempre quis ser escritor. A contradição é que você acha a literatura uma coisa supérflua.

RA: Eu não digo que ela é supérflua. Eu acho que a literatura só tem interesse se for encarada como a dificuldade de uma pessoa se comunicar com o resto do mundo, não me interessa discutir literatura e perguntar ao mundo se há bastantes escritores ou não, ou se uma certa situação política impediu de haver bastantes escritores. Isso não me interessa.

C: Eu perguntei se você conhece alguém que tenha publicado alguma coisa agora, lá?

RA: Tenho a mim próprio, a única coisa que acho justificável de falar numa entrevista que é comigo, seria falar do meu esforço de escrever coisas. E eu não tenho mais ninguém. Mas sei que nos últimos três anos muita gente nova publicou coisas. Só que eu não sei nem me lembro dos nomes nem dos livros.

C: Então você desconhece o que tá acontecendo na literatura brasileira hoje, é isto?

RA: Completamente. O que eu acho que tem sentido é de falar de uma pessoa que você por acaso conhece e tem uma admiração especial. Em teatro, considero o Flávio Márcio a pessoa mais importante que tem aparecido ultimamente. Conheço três peças dele, e acho todas três extremamente boas, e peças que vão ficar no repertório brasileiro. Como autor, vai ser dos atores mais importantes, inclusive porque acho que ele tem, por exemplo, sobre mim a vantagem de estar muito mais dentro de uma tradição teatral brasileira, partindo do Nelson Rodrigues, etc, e considero a minha produção teatral uma coisa mais aberrante dentro da literatura brasileira, uma coisa muito influenciada por autores estrangeiros, uma coisa passageira dentro do meu próprio interesse literário.

(Nota: Em minha matéria sobre Moçambique, a palavra cultura foi trocada por culpa. E onde eu disse que a África assumia sua cultura, saiu que assumia sua culpa, inexistente. A correção é, de fato, indispensável. M. de A.)

MÁRCIA DE ALMEIDA
(Correspondente na Europa)

RODRIGO FARIAS LIMA e FLÁVIO BRUNO apresentam

VIVA O CORDÃO ENCARNADO

De Luiz Marinho - Direção de Luiz Mendonça
O espetáculo teatral que ganhou 2 prêmios Molière Rio 74.
Trinta atores e músicos em cena. Censura 16 anos.
SADI CABRAL também está no CORDÃO!
De 3ª a 6ª às 21 horas. - Sábados às 20 e 22,30 horas.
Domingos às 18 e 21 horas.

TEATRO APLICADO

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 931 - São Paulo



Salvá:
"Não sou filho da classe média".

CINEMA

A CONSTRUÇÃO DE UMA CARREIRA

"Faz tempo que deixei de olhar os filmes independentemente um do outro. Como dizia Glauber: "Não faço filmes. Construo uma carreira." Subcrevo estas palavras."

O realizador hispano-brasileiro Alberto Salvá - que tem em cartaz «Ana, a libertina» e vai estrear brevemente «Os manfacos eróticos» - fala a Crítica sobre sua filmografia e seu novo projeto, «Gente fina é outra coisa»: "Será um filme acerca da empregada e da patroa. Colocará o conflito de classes, numa abordagem que me parece nova. Será uma fita barra pesada, muito mais que qualquer outra coisa que tenha feito até agora. Mais sangrento e terrível que «Ana, a libertina» (que é dose cavalari) e mais sério que «Um homem sem importância» (1971).

Salvá já trabalhou sobre a ampla variedade temática - o filme infantil («As quatro chaves mágicas», 1971), o policial («Revólveres não cospem flores», 1972), o "lumpen-proletariat" (episódios de «Como vai, vai bem?», 1969) e até a pornochada («A cama ao alcance de todos», 1969).

Tenho várias linhas de cinema, coisa que expliquei numa reportagem ainda maior da qual você receberá uma cópia, espécie de posicionamento artístico. E uma dessas linhas é o Homem, à semelhança do episódio do casal em «Como vai, vai bem?». Essa temática de raízes populares me atrai sempre, porque não sou filho da classe média, mas do operariado imigrante. Por isso tenho uma visão a partir de baixo. Sempre voltarei a filmes como «Um homem sem importância», «Gente fina é outra coisa», referido acima, sobre uma empregada, já é um exemplo.

Censura e mercado

O realizador de 36 anos acha difícil falar sobre o cinema brasileiro atual.

- Cada cineasta faz o que pode. O autor sério, devido à censura e à retração do mercado relativamente ao tipo de filme

que ele gostaria de fazer, se refugiou em esquemas. Por exemplo: Joaquim Pedro fez «Guerra conjugal», que não considero um bom filme, mas era o melhor que ele poderia fazer naquele momento, naquelas circunstâncias. Nelson Pereira dos Santos lançou «Amuleto de Ogun», fita supervalorizada, mais importante pela intenção que pelos resultados. Mas salvou a honra dele.

- Já «A rainha diaba», de Antônio Carlos Fontoura, acho mais bem sucedido. É um filme bom, às vezes fascinante, me apaixonou mesmo. Gosto demais desse trabalho de Fontoura: ele conseguiu se safar integralmente. Mas é exceção. Outra película que me impressionou foi «Os condenados», de Zelito Viana, um cineasta que pessoalmente me escorrega entre os dedos - não consigo pegá-lo, falar com ele. Dá a impressão de não ser uma pessoa séria, mas de repente faz um filme extremamente bonito, íntegro. Mas é um "cano" (no sentido de bilheteria).

- Falando desses quatro diretores, falo da fina-flor nacional, dos que têm alguma coisa a dizer e das suas dificuldades. A gente percebe que eles estão cortados, castrados - com raras exceções, não conseguem realizar os seus trabalhos.

- Outro tipo de filme é o cinema-canastrão - aquelas besteiras de produtores cujos nomes não adianta citar. Há também o cinema pornô, ruim, feio, abjeto, infelizmente dominando o mercado. A realidade é essa. Acho que se a gente não começar a colocar um substrato cultural, um molho artístico subjacente ao nosso cinema, é difícil sobreviver.

- Estamos num período de euforia e desenvolvimento da indústria cinematográfica, baseados inclusive nesse tipo de chanchada pornô, mas não podemos esquecer que nenhum tipo de cinema mundial se firmou por motivos puramente industriais. Os cinemas americano, francês, italiano, soviético, japonês, se firmaram porque tinham uma base cultural. Erigiram algumas verdades sociais e em cima disso montaram a máquina. Conosco ocorre o contrário: nossas verdades não

podem ser manifestadas, e o que dizemos - ou seja, o que os chanchadeiros dizem - não é nada, é besteira.

O que é udigrude?

Para Alberto Salvá, o udigrude (cinema marginal "underground") não existe. "Julinho Bressane e Rogério Sganzele - por quem tenho o maior respeito - fizeram 12 filmes e conseguiram exibir três. O udigrude é também Neville d'Almeida: «Piranhas do asfalto», exibido, e «Jardim de guerra», projetado numa seção quase incógnita. Ou «Possuída dos mil demônios», de Fred (Carlos Frederico), que igualmente quase ninguém viu. Contudo, esses filmes são importantes, sejam na bitola 8, 16 ou 35 mm. Tenho «Um homem sem importância» nas mesmas condições. Ganhou sessões especiais, passou no Metro uma semana, mas quem queria ver um ator chamado Oduvaldo Viana Filho num filme preto e branco?"

- O udigrude é legal, a gente faz. Mas estou mesmo em cinema comercializável. Filme experimental é outra coisa, um papo à parte. Acho "underground" muito importante, mas economicamente é inviável. Quando realizamos um, dois desses filmes abrimos falência, e fica tudo por isso mesmo. Fita sem mercado não dá pé.

Brincadeira de quintal

● «Os manfacos eróticos» está pronto há quanto tempo?

- Há quatro meses. É um filme com Stepan Nercessian, Sandra Barsotti, Moacir Deriquém, Domingos Oliveira, a mulher dele Lenita Ploncinska, Dilma Lóes, eu e minha mulher Teresa Trautman. Fiz em Teresópolis, onde estava morando e onde tinha moviola, material etc. Se fosse definir «Os manfacos eróticos» diria: "É um filme em super-8 realizado em 35 mm".

- Tem um descomprometimento natural que o torna uma brincadeira no fundo do quintal de casa. Mas por ter sido feito de maneira tão largada, acho que acabou passando muito dado pessoal e de vida. Acontecia uma coisa comigo hoje, amanhã eu filmava. É uma espécie de «Oito e Meio», de Fellini, guardadas as distâncias. Tem também uma estrutura semelhante a «As férias do senhor Hulot», de Jaques Tati, outra vez guardadas as distâncias.

Personagens marginais

● «Ana, a libertina» acusa a mesma pobreza material?

- Não. Nesse filme, pela primeira vez em minha vida, tive uma aparelhagem industrial que usei da melhor maneira possível. Empreguei tudo que me foi dado: lentes, gruas, zooms motorizadas, equipe grande, atores de nome etc. Tive tanto filme que usei parte dele para desenvolver uma técnica aprendida na televisão, de filmagem rápida. Embora não seja uma fita de autor, o que me interessa em «Ana, a libertina» é toda uma preocupação com personagens marginais vividos por Marília Pera, Stênio Garcia, Rafael de Carvalho e Wilson Grey - todos inconformados com sua situação. O delegado por exemplo, está saturado com seu trabalho, é um homem com sensibilidade demais para

enfrentar aquela barra. São pequenas coisas, dados pessoais, toda uma visão de mundo colocados no filme.

● Como está o elenco central?

- Olha, Marília é uma atriz com quem tive muitas dificuldades. É uma pessoa muito difícil. Além disso, nem eu nem ela estávamos numa boa fase na época. Profissionalmente falando, contudo, estou muito satisfeito: é uma excelente intérprete e rigorosa em seus compromissos. Os resultados foram bons. Já Édson França (o delegado) é uma pessoa preguiçosa: usei muito esse lado dele no filme. Acho-o bom, e estou satisfeito por ter sabido manobrá-lo. Situei o personagem no cansaço da profissão. Édson é um cara que a gente filma, ele faz tudo errado, porque não gosta de ensaiar. Mas quando vai se ver o resultado na tela, está tudo certo, porque ele segura. Tem uma estrutura física masculina que segura a barra do personagem.

- O papel de Daniel Filho não é exatamente o que eu pensava: queria um aristocrata e acabou saindo um "nouveau riche". Mas é muito bom o que ficou, porque Daniel gosta de ser ator e diretor, ajudando e criando coisas para ele. Deu "força" ao filme. Quanto a José Wilker, pensei que não tivesse feito a bicha que eu esperava. Mas quando vi a fita na montagem, me convenci do contrário.

- Roberto Bonfim (o detetive Hamilton) é um dos atores com quem mais gosto de trabalhar. É uma pessoa muito amiga e compõe esses tipos maravilhosamente bem. Mais tarde mostrei o filme a um amigo que conhecia o detetive condenado Nelson Duarte e ele disse que era exatamente aquilo. Eu e Roberto não conhecíamos Nelson Duarte: foi espiritismo.

- Wilson Grey é um sujeito com quem já trabalhei em cinema e TV muitas vezes. Acho que é um cara mal aproveitado, para o qual ninguém escreve um filme especialmente. Em «Ana, a libertina» faz um personagem perfeito. Wilson é acima de tudo gente, e gente é o que está lá na tela. Ele não é o tipo para fazer papel de mau. É para fazer aquele personagem de "Ana", desgraçado, fraco, vulnerável.

- Stênio Garcia ganhou um papel que no roteiro era o melhor do filme, embora fosse pequeno. É um personagem fascinante: quando aparece o público rola de rir, identificado com ele. Trata-se do ladrão íntegro, do Robin Hood. Mas Stênio fez outra coisa: não era aquilo que eu queria. Cheguei na filmagem a ficar um pouco desgostoso de não conseguir moldar Stênio, e deixei-o fazer o que desejasse. O diabo é que ele é um excelente ator e muito gente também. Se esqueço o que tinha pensado, o que ele fez é expressivo.

- Poderia falar de outros atores, mas vou ficar apenas na Írma Alvarez, que é uma ótima atriz. Um pouco insegura talvez, desigual, mas tive tempo para corrigi-la. O que ela tem de bom, e não é pouco, apareceu. O olho dela no filme é sofrido, denso de expressão. Há também Annik Malvil e Rafael de Carvalho, escalados para minha próxima fita, «Gente fina é outra coisa».

ALBERTO SILVA



O delegado
(Édson) vê a assassina
(Marília)



UM PROJETO CULTURAL PARA O RIO

PAG - Tanto em termos de recursos como em termos de critérios, o atual Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, não se refere aos dois órgãos similares existentes nos antigos do Rio de Janeiro e da Guanabara. Os critérios terão que ser reavaliados, de modo que é muito possível que ainda este ano não tenhamos condições de realizar, dentro dos novos moldes que propomos, algumas promoções, entre elas a Mostra de Artes Visuais do Rio de Janeiro. Isso, absolutamente, não pode ser visto como um fracasso, pois talvez até fosse mais fácil optar por um certo imediatismo e promover a mostra apenas para que ela não tivesse solução de continuidade, quando diante da revisão a que estamos procedendo é até possível que, em futuro não remoto, ela volte revigorada e com uma significação mais abrangente que a dos primeiros anos de sua realização, pois não pretendemos abrir mão da experiência colhida nos primeiros anos em que ela foi promovida.

C - O Instituto de Belas-Artes que, por peculiaridades de sua estrutura, deixou de ser agregado à UEG, quando da criação do antigo Estado da Guanabara, até hoje não tem reconhecidos seus diplomas, inclusive aqueles que, teoricamente, habilitariam professores de arte para o magistério superior. Como sua administração encarará o problema?

PAG - O problema do IBA não é só do IBA, que, aliás, passará a chamar-se Escola de Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro e integra-se agora à rede de escolas de formação artística do Estado, juntamente com a Escola de Música Villa-Lobos, que incorporará também a estrutura da antiga Escola de Canto Lírico Carmem Gomes, a Escola de Teatro Martins Pena, a Escola de Dança, que funciona no anexo do Teatro

Municipal e, dentro da estrutura nova, uma coisa que está sendo criada por nós, agora, uma Escolinha de Arte, elemento-base de um sistema de educação artística que se chamará Centro de Arte e Criatividade Infante-Juvenil. Creio que esse é um dos pontos mais positivos do novo programa de ação.

Visitei outro dia a Escola de Teatro Martins Pena, cujo problema conheço mais peculiarmente, por ser um homem ligado a teatro. É um problema semelhante ao do IBA, que, aliás, ainda não tem alguns cursos reconhecidos, inclusive de nível superior. Tive oportunidade de discutir com professores e alunos as seguintes questões: até que ponto deve ser profissionalizante uma escola de arte do Estado? Até que ponto essa profissionalização diz respeito à existência de um mercado que absorva essa mão-de-obra especializada e com diploma? E sobretudo o velho problema: até que ponto faz sentido (e disso posso falar com liberdade, pois sou um artista e artista sem diploma) diplomar artistas?

Então, como tudo, por enquanto, aqui no departamento, o problema está deflagrado, está sendo discutido. Acho que há nele uma componente de natureza socioeconômica: não se pode esquecer a existência de pessoas que fizeram esses cursos com vistas à habilitação ao magistério. Sobretudo porque o problema da educação artística é gravíssimo ao nível de primeiro e segundo graus. No primeiro bem mais ainda porque a legislação pressupõe a existência de professor de educação artística polivalente e é difícil encontrá-lo, é difícil até formá-lo. Bem mais difícil que o professor especializado, a quem caberá a tarefa no ensino de segundo grau.

Não se ignorará, absolutamente, o problema de reconhecimento de cursos. Ocorrerá

Três números atrás denunciemos a não realização da Mostra de Artes Visuais do Rio de Janeiro este ano. A esse respeito temos agora a palavra de Paulo Afonso Grisolli, Diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação. Do enfoque deste e de outros temas dessa área, fica uma idéia de como o governo estadual vê alguns dos nossos mais urgentes problemas culturais.

isso e ocorrerá ao nível até de atendimento de emergência quanto ao problema da formação de professores de educação artística, por exemplo. Não se dará peso exclusivo ao problema de diploma ou não diploma nas escolas. Ao contrário, o que se planeja a médio prazo a respeito delas é chegarmos a constituir uma coisa que poderíamos chamar, entre aspas (porque a expressão tecnicamente é condenada) de "universidade livre de arte". Ou, pondo de lado esse nome inadequado, nosso projeto fala a respeito da criação de um Centro Integrado de Arte e Criatividade, a partir da junção num único "campus" - fisicamente definido, inclusive - de todo esse potencial de escolas artísticas do Estado, em que poderiam funcionar cursos inteiramente livres.

C - A criação desse organismo está em termos de idéia ou de projeto?

PAG - De projeto, já. Pretendemos aproveitar a estrutura das escolas montadas e partir para a criação de cursos regulamentados, capacitando, inclusive, professores de educação artística. Esse é um dos mais complexos e mais bonitos planos que a gente tem aqui no departamento. Não esqueceremos o aluno; não queremos impor nenhum modelo; a gente não está afirmando que deva ser assim ou assado, mas estamos dispostos a abrir um diálogo com os corpos docentes e discentes das várias escolas, no sentido de detectar quais são os problemas reais de formação dessa gente. É um projeto que espera muito em termos de sugestões, de participação, de abertura e, necessariamente, de crítica.

Ainda me referindo à sua pergunta anterior, a educação artística em nível superior no Estado do Rio deverá habilitar professo-

res, sem dúvida; o que não podemos ter é a pretensão de resolver, num passe de mágica, um problema de mais de dez anos. Inclusive porque estamos deparando, na maioria dessas escolas, estruturas viciadas sob vários aspectos, com todo o respeito que eu possa ter por vários trabalhos isolados desenvolvidos dentro dessas instituições. O problema da regulamentação decorre até mesmo disso, às vezes.

C - Ao falar em estruturas viciadas a que aspecto se refere mais exatamente e que soluções vê?

PAG - Darei apenas um exemplo: uma escola dessas ensina música instrumental, outra ensina canto, uma terceira dança, etc. Em cada uma delas existe, teoricamente, uma cadeira de história da arte, que, na verdade, na Escola de Dança é história da dança, no IBA é história das artes visuais e assim por diante. Quanto às soluções, creio que o fundamental é contarmos essas escolas umas às outras, de modo a se dar ao aluno não apenas uma visão didática, mas um enfoque cultural, genérico, histórico da arte. Por que não podemos ter uma cadeira comum de história da arte preparando polivalentemente esse artista ou esse futuro professor, instruindo-o e juntando essas escolas num "campus" que seria um grande ateliê popular de criatividade e arte?

C - Apresentando em muitos aspectos, uma posição semelhante e não raro vantajosa quanto à de São Paulo, em termos de mercado de arte, vida universitária, tradição cultural, o Rio vem perdendo terreno de forma sensível, sem que o governo estadual tenha proposto nenhum plano de ação capaz de voltar a justificar o hoje chavão de capital cultural do país. Por quê?

PAG - Burocraticamente, o decreto que criou a Secretaria de Educação e Cultura instituiu um Departamento de Educação, um Departamento Administrativo e um Departamento de Cultura, além de alguns órgãos de apoio técnico como o Centro de Recursos Humanos etc. Na área da educação foi possível mobilizar todo um aparelho que já existia, pois as escolas aí estão funcionando. Os técnicos de planejamento da secretaria vêm estudando e determinaram, até agora, que órgãos, dos dois extintos Estados, o Departamento de Cultura absorverá. Estamos à beira de ter um regimento publicado, o que nos dará a possibilidade de mobilizar um estafe para planejar e executar. Por enquanto, a atuação do Departamento de Cultura tem sido fruto de muita imaginação e boa vontade, inclusive de pessoas que virão a constituir o nosso estafe, mas que ainda não tivemos, em termos burocráticos, meios de designar oficialmente. Praticamente o departamento, hoje, somos eu e uma secretária.

C - O fato de o atual Estado do Rio, tendo-se originado de dois Estados que tinham suas Secretarias de Cultura, ter tido os negócios dessa área confiados a um nível de decisão de departamento não implica uma involução?

PAG - Não e lhe explico porquê: em termos práticos não ocorreu a extinção da Secretaria de Cultura. A cultura pode ser vinculada a vários campos, como os esportes ou o turismo. Sua vinculação necessária e constante, porém, é com a educação. O critério, pois, não foi de minimizar a cultura ao associá-la à educação, pois ambas estão muito mais integradas por natureza do que, por exemplo, a cultura estaria com a indústria e comércio, o turismo ou os esportes. Ao contrário do que antes havia, quando a ação cultural sofria esse tipo de vinculação permanente, hoje é prevista uma crescente integração da ação educacional com a ação cultural. Isso se fará por uma vitalização da escola e a projeção da vida da escola na comunidade de tal maneira que as escolas passem a ser elementos integrados à vida cultural comunitária.

Por um vício de tradição, por um vício de regência, por um vício de operatividade, as escolas vivem à margem da comunidade. A escola costuma ser aquele estabelecimento que recebe a criação da comunidade, ensina a ler, dá instrução e acabou. Ora, no novo projeto, no projeto da nova Secretaria da Educação e Cultura, se prevê que esse instrumental, indiscutivelmente instalado e mobilizando pessoas capacitadas, podendo até constituir lideranças comunitárias de ação cultural, será utilizado não apenas na ação educacional, como, paralelamente a esta, entrosada com esta, desenvolverá uma ação cultural que se quer intensa. Um ótimo exemplo disso é o plano de regionalização, muito vivo, através de dezesseis centros de educação, cultura e trabalho que vêm de ser criados nas chamadas capitais regionais do Estado.

RUY SAMPAIO

